3 1761 07041570 8

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/camillocastellob01cast

I
17
862c

CAMILLO CASTELLO BRANCO

SERGIO DE CASTRO

Camillo Castello Branco

Typos e episodios da sua galeria

VOLUME I

1914

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

PQ
9261
C3Z64
v.1

1914

—

OFICINAS TIPOGRÁFICA E DE ENCADERNAÇÃO

Movidas a electricidade

Da Parceria António Maria Pereira

Rua Augusta, 44, 46 e 48, 1.º e 2.º andar

LISBOA

Á MEMORIA

DE

Luiz Antonio da Silva Castro

MEU IRMÃO PELO SANGUE

E DO

Dr. Augusto Maria da Fonseca Coutinho

MEU IRMÃO PELA AMIZADE

ADVERTENCIA

Uma parte do livro que vai ler-se foi publicada em artigos no Supplemento litterario do *Seculo*.

Essa parte do livro abrangerá, quando muito, cincoenta paginas; e essa mesma parcella se ampliou e modificou nos seus termos de apreciação.

Em seguimento a este volume, outros virão a publicar-se, esperando que a obra ha de lograr bom recebimento do publico em geral, mas especialmente dos *camillianos*, ou sejam os devotados, que ainda são muitos, do *creador do romance moderno em Portugal*, como acertadamente o sr. dr. Teophilo Braga classificou Camillo Castello Branco.

A obra romantica do grande escriptor já logrou a admiração de duas gerações de leitores: a dos que acompanharam a sua elaboração litteraria e a d'aquelles que começavam a interessar-se pela leitura quando elle, pela morte que se deu, poz termo ao seu trabalho, que devia de ser de uma enorme espontaneidade, dado o muitissimo que produziu no meio da anarchia da sua existencia agitada, difficil e dura.

Mas ainda ha de ser, essa obra de Camillo, apropriada a alimento espiritual de outras gerações, e para os que comecem agora a interessar-se por ella, este volume e os que se lhe seguirem podem dar amostra dos encantos e preciosidades que os esperam na deliciosa leitura.

Ha noticia de se summariarem systemas philosophicos e trabalhos historicos, não fallando em diccionarios e encyclopedias, porque uns e outros enxameiam em barda nos tempos modernos.

Nós applicámos o processo, se processo ha n'este trabalho, ao mais fecundo, completo e complexo dos nossos homens de lettras de todos os tempos.

Se conseguimos esse intento, o leitor ajuizará.

Mas devemos-lhe uma prevenção, para que depois não soffra *desapontamentos,* indo para essa leitura com esperança de encontrar dissertações doutrinarias ou escolasticas, porque em summa a antiga escolastica reviveu para os que philosopham a proposito e a desproposito de tudo, sujeitando muitas vezes romancistas e poetas *espontaneos,* que nunca se preoccuparam com *processos,* aos processos que tão sómente pertencem aos criticos.

Não! O livro é de terra a terra. Poderá não ser de linguagem classica, nem de linguagem moderna, desprovido de palavras antiquadas e de neologismos rebuscados por egual,—mas é de certo escripto em prosa que se entende.

Por outra: é apresentado na linguagem que se ajusta ao nosso proposito de *vulgarisação.*

Nil invita dices, fascieve Minerva

Com effeito, é por nos conhecermos que ficamos pelo que é singelo e é simples, perceptivel, aprehensivel, deixando a gloria das *garabulhas e gregotins mouriscos*, de que fallava Herculano, aos que pelo sacerdocio da critica se alçapremam a alturas que entontecem os espiritos, deixando-os muitas vezes em extasi perante... o que não percebem!

6 de novembro de 1910.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Typos e episodios da sua galeria

Propondo-me a escrever de *Camillo*—um nome proprio que resume uma grande individualidade—, devo começar por dizer, antes que alguem o recorde justiceiramente, que eu fui um dos que *regeitaram* pedras, no sentido de arremessar (verbo tanto do seu gosto e do seu uso) á frondosa, abundantissima e fertilissima arvore carregada de fructos opimos, a proposito do apparecimento sensacional do *Cancioneiro Alegre*, figurando por isso, e abrindo-a, na galeria de triste celebridade, intitulada—*Os criticos*...

Peccado venial da mocidade impressiva no meio de *cotteries* libertarias da litteratura, ainda mais apaixonadas do que as politicas; peccado com mais de trinta annos de arrependimento — d'aquella sincera contricção que elle, grande alma que estadeava por vezes scepticismos, e grandissimo espirito, comprehendia muito bem, quer louvando-a em honra de Custodio José Vieira que lapidára Rodrigo da Fonseca Magalhães, arrependendo-se, quer

praticando-a, de facto, mas sem deprimencia, com o dr. Theophilo Braga, mandando-lhe do coração aquelle soneto —verdadeiro poema de lagrimas em quatorze versos sentidos—, dedicado á memoria da filhinha estremecida, e que na historia sentimental da poesia portugueza pode emparelhar-se com o da *Alma minha gentil que te partiste,* de Camões, que vale por um dos cantos dos *Lusiadas!*

Com mais de trinta annos de arrependimonto sincero, porque este começou desde logo, espontaneo, conscien*te*, expandindo-se enthusiasticamente em successivos testimunhos de respeito e admiração, fóra de qualquer interesse; dados sem humilhação, e tanto de sentida justiça, que nunca, directa ou indirectamente, procuraram galardão do mestre, quando duas palavras suas consagravam qualquer; tão verdadeiros, mas ainda assim tão orgulhosos esses testimunhos de admiração e respeito, que quem os testimunhava na imprensa não foi leval-os como offerenda ao altar do idolo, quando ao hotel do palacio Ouguella, no Chiado, se fez a peregrinação de honra, e onde, por se conhecer o arrependimento de quem lá não foi, a falta se notou, bastando esse reparo para contentamento proprio, bem mais apreciado que a honra de figurar na fila do noticiario.

Vou fallar de Camillo, num momento em que de justiça se está fazendo a sua consagração historica, embora official e officiosamente se tenham desperdiçado annos, fazendo perder muito no animo decidido com que ella se principiou.

Vou fallar de Camillo, mas não para lhe traçar, por factos miudos ou por syntheses caprichosas e convencionaes, em que os principios se ajustam á theoria pre-

parada independentemente d'esses factos, a pujante individualidade, de uma originalidade de fórma e de pensamento como a não ha maior na litteratura mundial. Não para dizer do que elle foi como romancista; como poeta, em que foi muito pouco; como dramaturgo e comediographo, em que foi menos do que podia ser; como historiador, para que tinha faculdades excepcionaes de criterio e analyse; como novellista, em que egualou o romancista; como critico, publicista, jornalista e pamphletario... Porque elle foi tudo quanto se pode exteriosar pela palavra escripta; foi um espirito gemeo de Almeida Garrett, na complexidade das manifestações litterarias: mais original do que este; poeta seu inferior; romancista incomparavelmente maior.

Nem tão pouco vou escrever de Camillo para lhe accentuar pelo contraste, em toda essa obra que se harmonisa e completa, a *verve*—se admissivel é applicar-lhe um francesismo—a *verve* que fazia sorrir contrastando com o sentimento que fazia chorar!

Muitos fallaram d'elle com elevação litteraria, mas ainda ninguem lhe liquidou, a meu vêr, a grandeza inconfundivel da sua individualidade, e não seria eu, de certo, que conseguiria o intento, se por ventura tentasse alcançal-o.

Houve quem lhe determinasse, e bem, o meio *nacionalmente* social da sua gravitação productora. Quem lhe apreciasse a esthetica da forma litteraria. Quem lhe fizesse conhecer todos os effeitos de luz da sua critica. Quem lhe salientasse por episodios a lucta da existencia numa mocidade aventurosa e destemida. Quem lhe rastejasse todos os antecedentes, indigenas e exoticos, que n'elle influiram por observações na inspiração propria.

Foi o sr. Ramalho Ortigão, o poderoso estylista, que tal fez, mas parece que a individualidade de Camillo foge a todas as generalisações e syntheses; ou tão pujante, de excessiva craveira ella é, que poderia desdobrar-se numas poucas de individualidades. Mais do que em Balzac, e mais do que em Zola, os dois polos por onde o romancista no espaço de quarenta annos levemente roçou, tocando-os muito de mansinho, como quem possue orbita propria, a galeria das suas figuras, ou seja de personagens de lagrimas, ou seja de grotescos de riso, ainda dá para maior numero de classificações. Os Rougons, os Rubemprés, as Nanas, os Finots, etc., e até os proprios Bianchons, multiplicam-se em mais variedades, generos e especies. Os de Camillo são menos syntheticamente estatuarios, mas são muito mais humanos. E' todo um viver nosso, portuguez de lei, não só contemporaneo, mas historico, sabendo observar tão bem o seu seculo, o seculo em que nasceu e morreu, como o decimo sexto de D. Manuel e D. Sebastião, como o decimo oitavo de Pombal, como o decimo setimo d'aquelle que a revolução fez rei, *malgré lui*, como o Sganarello foi medico, pela bastardia provinda do hypothetico Barbadão de Veiros.

A galeria dos seus typos, alguns de idealidade, muitos de realidade, photographados em flagrante pela sua rapidissima observação, reproduzindo-se por vezes pelo processo da caricatura, é muito vasta. Almas de anjos e almas de mil diabos, em mulheres que davam para madonas e sobejavam para mageras; espiritos de bondade e brio e espiritos de pura traficancia em homens que davam para tudo, ha de permeio tantas modalidades quantas a gamma dos sentimentos, dos costumes, dos

habitos e das tradicções nacionaes pode produzir! Quantas as vibrações do accordam da alma portugueza pode centuplicar na reflexão interna e externa da mistura das raças que historicamente a compõem!

E em que côres, e em que linguagem—de Bernardes e Fr. Luiz de Sousa, que elle ainda mais acinzella, mais burilla, mais afilagrana, mais elastica e fortalece ao mesmo tempo—se nos exhibem esses homens, essas mulheres, velhos que são novos, como os de Anachreonte, moços que são velhos como os dos romances doentes de Ohnet, impressionando-nos em flagrante por tudo quanto fazem, e dizem, e pensam e accionam!

A sua linguagem, de diccionario proprio—a sua riqueza, o seu thesouro, a sua mina, a sua lampada de Aladino!

Devia haver um curso da linguagem de Camillo, hoje em que os espiritos decadentes, que se cuidam progressivos, excavam neologismos para produzir effeitos de mau gosto, convencionando situações para forçarem a sua applicação, como tela que é feita para a moldura, quando á tela é que a moldura deve applicar-se!

Para com elles andainarem uns typos que sahem de farça, exhibindo-os litterariamente, pseudo-litterariamente em todas desformidades que pode bortoejar a arte pela arte!

A linguagem de Camillo é sempre lidima, pura, simplice, crystalina, não podendo nunca dizer-se d'elle o que Damião de Goes dizia de Azurara, escrevendo «que usava de palavras e termos antigos, com razoamentos prolixos e cheios de metaphoras ou figuras, que no seu estylo historico não tinham logar.»

A linguagem de Camillo!

Só esta linguagem, por si, sem nada mais, lhe con-

quistou direito a todas as consagrações nacionaes — a elle, que... ainda na sua immortalidade não recebeu uma só!

.....

Se Balzac escreveu a *Comedia Humana,* Camillo accrescentou a essa comedia, na vida portugueza, o drama e a farça.

Porque no grande Balzac apenas chora o diabo, Vautrin, quando lhe morre o discipulo da sua sciencia do mal, Luciano Rubempré.

O drama, a comedia, a farça; o que é moral e o que é immoral, do Porto, de Traz-os-Montes, de Entre-Douro e Minho, da Beira, de Lisboa, da côrte e da abbadia, das villas, cidades e aldeias, das serras e dos valles, dos hoteis e das estalagens, dos jardins e das estradas, dos bailes e das funcções, das cathedraes e dos presbyterios, das praias e das thermas, da politica, dos jornaes, do parlamento e da botica, dos fidalgos, dos burguezes e do povo—tudo isto enfileira em parada um grande e enorme renque de figuras, que formam a synthese da sua obra experimentada, observada e sentida, toda ella com o cunho do pessoalismo do seu auctor, do seu estudo, da sua comprehensão e de mais ninguem, dos seus processos e de nenhum auctor outro mais, correspondendo cada drama, cada comedia e cada farça ás phases da sua vida acidentada, toda de curvas, toda caminhada por veredas e atalhos, que mais que em nenhuma outra situação se traduziu n'aquella nevrose de virilidade, que ahi por 1860 lhe movimentou o espirito, quando Camillo, entre as tilias e as accacias da Praça Nova, resolve entregar-se passivo aos ferros da lei, mas muda

de tenções, e anda e desanda no espaço de tres mezes, sem rumo certo, ao acaso e ás cegas! Sobe á Mala Posta a caminho de Villa Real, mas volta para o Porto quando já passára da Regoa, para ir depois, Ashawerus romantico, ora alegre, ora triste, chorando e rindo, para as Taypas, para Guimarães, para o Ermo de Fafe, para a modesta e humilde Samardã, tão querida dos reconditos intimos do seu coração; e depois para aqui, e depois para além, e depois para acolá, Sécca e Méca e Olivaes de Santarem, voltando por fim ao principio, fechando o circulo vicioso das suas andanças por assentar como definitiva na primeira resolução que tomara, transpondo de motu proprio os graniticos humbraes da Cadeia da Relação!

N'estas extraordinarias condições de vida, galgando situações diversas, diametralmente oppostas—quem é que pode systematisar-lhe a existencia, methodizar-lhe a producção litteraria, prender com as algemas da escola a quem nunca, refractario de sempre, a reconheceu, espirito insubmisso á disciplina, mudando de ideaes para respirar na atmosphera de todos elles, como as abelhas que sugam o nectar de todas as flores, pois que até na aprendizagem scientifica elle variou, e ora se quiz fazer padre, ora mudou para medico, ora se lembrou de frequentar leis na Universidade!

Não procuraremos theorisar o que é intheorisavel...

Não tem escola, porque frequenta todas as escolas em curso livre, á sorte, ora uma, ora outra, ora todas conjunctamente, quando elle quer, como lhe apraz, ora pela necessidade, ora pelo capricho, ora pelo amor proprio, ora phantastico como Sue nos *Mysterios de Lisboa*, ora *realista* analytico no *Euzebio Macario*, produzindo quantos

effeitos e impressões deseja, sendo o unico que teve em Portugal *multidão litteraria* no sentido de *multidão de leitores!*

Por isso, propondo-me a escrever de Camillo Castello Branco, não procurarei fazer-lhe a biographia, nem theorisar-lhe a obra, nem determinar-lhe as origens litterarias ou accentuar-lhe as influencias e reflexões no meio litterario do seu tempo.

O que nós queremos, levando-o á communidade da geração que já não é do seu tempo, é vulgarisar-lhe os livros em quadros impressivos, submettendo esses quadros aos processos mais praticos de propaganda efficaz. Queremos, transcrevendo trechos, resumindo passagens, incidentes e episodios, exhibindo typos e figuras, dar a impressão, quanto possivel viva, da sua obra de escriptor.

Tudo muito singelamente produzido, evitando a corrente, que caminha com grande velocidade, de um processo critico que se compraz em ser nuveloso como um mysterio, escuro e negro como um meandro por entre o qual não ha meio de se alcançar a luz.

Foi moda fazer prégações por conceitos.

Os que inventaram fabulas e apologos, dando falla aos animaes para ensinarem os homens, foram depois muito multiplicados. Por signal que segundo o nosso Padre Antonio Vieira, o primeiro dos apologos conhecidos se encontra na Biblia, quando as arvores deliberaram eleger um rei. .

Muita moral se leccionou pelos conceitos do conselheiro Rodrigues Bastos, conselheiro como milhares dos seus collegas que não merecem conceito algum. Pelo Marquez de Maricá, excellente pessoa provada na Ame-

rica e na Europa. Pelo famoso La Rochefecauld, santa criatura... por fóra, pois que de facto era um mundano, que não pezava escrupulos, como pezava o oiro de dezoito quilates dos seus apotegmas. Mas de verdade conhecemos, de Camillo, dessiminadas, passagens, phrases e episodios, que podem ser mais uteis e proveitosos que todos os conceitos de moral selecta.

Explorámos a mina de veio riquissimo. Ha por alli muito por onde ensinar e por onde aprender; e, se elle *cavou em ruinas,* em cousas antigas, arrancando preciosidades, n'este ponto nós temos a coragem de o seguir, porque vamos buscar oiro e brilhantes ao seu thesouro.

Mas entendamo-nos.

A obra do grande romancista portuguez tem hoje, completa, a sua chronologia—da primeira á ultima das suas producções. Fez-se-lhe o inventario por ordem da successão; coordenou-se todo o seu trabalho de escriptor fecundo nas multiplices variedades sobre que incidiu a sua febre de inspiração, a sua pesquiza de investigador, em que muito se comprazia, ou o seu *humor* de analysta sceptico, desde os recanditos do coração, que elle bem conhecia porque muito havia conhecido o seu, aos grotescos das exterioridades mundanas, que elle sempre a sorrir sublinhava, por vezes com crueldade, fazendo gritar de muita dor pelos botes que jogava certeiros, attingindo personalidades em evidencia.

Ha sempre aperfeiçoamento e progresso nesse cerebro previlegiado; sempre melhoria de fórma e concepção no seu meio seculo de faina litteraria, não se podendo descobrir, com olhos de ver e criterio despreoccupado, quaesquer manifestações d'aquelle *esgotamento* intellectual em que falla o sr. Theophilo Braga.

Pura confusão apreciativa, não destinguindo os phenomenos extraordinarios que se chocavam, como descargas electricas, n'aquelle temperamento excepcionalissimo.

Havia, sim, esgotamento nervoso, porque foi como producto—não querendo nós technicamente procurar palavra mais apropriada—d'esse estado morbido que surgiu, se fez idéa fixa e solução formal o acto de se matar com um tiro de rewolver, quando aos 65 annos, embora privado das bellezas e encantos da luz, tantas maravilhas podia ainda legar-nos, na situação de Milton, nas condições do Visconde de Castilho!

De resto, esparsa pela sua obra romantica, ha consagrações do suicidio, e nunca uma ironia cahiu da sua penna sobre essa resolução desesperada dos infelizes da vida.

Esgotamento, elle que até á morte, em tudo quanto communicava com o publico, parecia ser da galeria d'aquelles velhos que não envelhecem de espirito, de que falla Anachreonte!!

Esfá feita a chronologia da obra de Camillo, dissemos, mas nas reproducções que vamos fazer não começaremos, decerto, pelo *Sonho do Inferno*.

Não haverá ordem de successão para as excavações da mina abundantissima. Nem o escriptor, depois que se completou, tinha sequencia nos processos. Em a não ter, até, se affirma um dos predicados da sua individualidade.

De mistura segue ora uns, segue ora outros, ora todos, sendo talvez este o seu processo, quando se queira por força methodisal-o; e assim, para nos harmonisarmos com esta supposta *desorientação*, como diriam *orientados* sem valor comparavel, sentenciando preceitos, do trecho

mais commovente de lagrimas passaremos ao que fôr mais alegre de risos e sorrisos; do romance... mais romantico, passaremos ao que fôr mais *realista,* ainda dos tempos em que se não fallava do realismo na litteratura portugueza.

Ha de tudo, e muito, do melhor, de mais pezo e de mais feitio!

E preparem-se os leitores, porque queremos facilitar-lhes os oculos de um cosmoramma interessantissimo, como por outro ainda não viram tão bem os costumes da sua terra, em tempos de hontem e em tempos de recente actualidade.

—Lá está Constantinopla... Não é bem assim: lá está Callisto Eloy de Sillos e Benevides de Barbuda; lá está Guilherme do Amaral, mais a menina Dona Mecia, mais o Innocencio dos Congostas, mais o Nicolau de Almeida das aventuras, mais o Costa Guimarães das cavalgadas, mais a Custodia da Porciuncula, mais o Athanasio das ceias no Reymão, mais o José da Costa que rouba frascarias aos abbades, mais o Ladislau Tiberio Melitão de Villa Cova, e a santa Angela, a bonissima Augusta, a rameira Francisca Ruiva e a maiata que se fez baronesa á custa dos mil cruzados do brazileiro Hermenegildo.

Lá está...

Vai começar o desfile.

TYPOS E EPISODIOS DA SUA GALERIA

Amor de Perdição

Qual é o melhor, mais dramatico e mais impressivo, dos romances de Camillo?

O auctor considerava como tal aquelle em que tratava de um *homem rico;* o publico, nas multidões, consagrou o *Amor de Perdição,* que para nós, por ser muito *sentido* por quem lhe deu vida, por se tratar de episodios tristes de sua familia, nos parece o mais desataviado das côres, sempre precisas, da arte em que elle era mestre primacial.

O protogonista, que quasi absorve toda a acção, Simão Botelho, que morre aos 18 quando seguia para o degredo, assassino por amor, era tio paterno de Camillo, e assim o romancista faz nesta obra, que teve a consagração lyrica do genio musical do sr. João Arroyo, a historia sentimental da propria familia em todas as suas taras hereditarias.

Historia em que elle tambem se veio a inscrever com episodios de notoriedade, já pelos peccados de amor que o levaram á cadeia, já quando poz termo á vida, quando

não poude rehaver aquella luz abençoada de que se enchia, a plenos austos, o seu espirito de privilegiado!

E' romance dos principios do seculo XIX, quando a patria portugueza estava abatida como nunca em toda a sua sequencia historica, pela incerteza dos seus destinos—com um exercito figurado, com uma diplomacia humilhante, sem rei e sem povo que garantissem uma nacionalidade que estivesse d'elles na plena posse, pelo caracter, pela educação, pelo ensino, pela litteratura, pela industria, pelo commercio e pelo trabalho.

O corregedor Domingos José Correia Botelho de Mesquita e Menezes, solarengo de Villa Real em Traz os Montes, casara com D. Ritta Thereza Margarida Preciosa da Veiga Caldeirão Castello Branco, dama do Paço, na roda insignificante e fanatica de D. Maria I.

Elle, o Correia Botelho, era feio como os demonios; ella, a Preciosa, partecipando d'este seu appellido, era linda como as estrellas.

D'este consorcio, feito de convenções e artificios sociaes, alheio ao coração, nasceram filhos e filhas, e entre estes o heroe da novella, Simão, que á maneira de Camillo, procurou firmar-se em carreiras diversas, sendo estudante em Coimbra ao tempo em que se apaixonou por uma donzelinha formosa, sua visinha, Thereza de nome, filha de Thadeu de Albuquerque, fidalgo de puro sangue, como todos os Albuquerques da cidade de Viriato.

Se por ventura este Thadeu d'Albuquerque existisse... que nunca existiu.

Mas o corregedor Domingos era inimigo figadal de Thadeu, e oppõem-se um e outro ao casamento das crianças—Montechio trasmontano em luta insuperavel e destemida com o Capuleto beirão!

Difficil vida, cortada de amarguras, a dos namorados, sem liberdade para erguerem as azas iriadas, alando-se a espheras superiores, onde os anjos convivem em nupcias celestiaes, que é bom sonhar; tanto mais que de permeio d'elles, brutalmente, prosaicamente, apparece Balthasar Coutinho, morgado de Castro d'Aire, primo de Thereza, por quem o odiento Thadeu procurava fazer diversão aos sentimentos de sua filha.

Assim, com episodios commoventes, tensos de amor, mas fóra dos exageros de Féval e dos mosqueteirismos de Dumas, representaram-se scenas de sangue, cahindo o de Castro d'Aire varado por uma bala sahida da pistola de Simão.

E o filho do corregedor Domingos foi para a cadeia da Relação, de onde sahiu para o degredo, em quanto que a filha de Thadeu foi dar entrada no convento de Monchique, convisinhando-se na mesma cidade, mas separados pela enorme distancia que vai entre a enxovia e a cella!

O romance termina quando Simão expira, *morrendo d'amor*, no alto mar, tendo dado nas aguas do Douro o seu adeus de despedida ao vulto de Thereza, que com a vista enevoada de lagrimas acompanhava a nau do degredo, do alto do mirante conventual!

Este romance é golpeado de lances de tragedia, de esturdias de estudantes, de scenas de estalagem, de embuscadas de veredas e atalhos. Impregna-se do amor de Mãe, que é sempre de Primavera, ainda mesmo quando chora em tempestades de negro Inverno! Sorri em affectos de irmã estremecida, o que é sempre um gorgeio d'aves entre roseiraes em flor! Ha nelle um typo de mulher, que ama sem esperança, a pobresinha da Mariana,

que não abandona Simão, acompanhando-o da cadeia ao degredo, que é uma figura de santa, ignorada na galeria dos martyres do coração.

Com todos estes lances, com todas estas paixões e commoções fortes, o *Amor de Perdição* é no entanto uma novella de uma grande singeleza e simplicidade no desinvolvimento do seu enredo.

Tudo se passa humanamente, sem *trucs*, sem faltar á logica das proprias paixões, no meio educativo em que ellas nasciam, medravam e filhavam em consequencias fataes.

Vem d'ahi, talvez, o renome que ella alcançou no editorismo camilliano, sendo a que mais ganhou os mercados de Portugal e Brazil.

Mas não obstante essa singelesa e simplicidade, ainda ha por onde fazer transcripções, reproduzindo periodos em que a individualidade do escriptor se vai affirmando sempre em todos os seus predicamentos.

Como dissemos, a pobre da Mariana amava sem esperança, e chega um momento em que Simão dá tento d'esse amor infeliz.

E...

> «Entre si dizia que seria uma crueza mostrar-se conhecedor de tal affeição, quando não tinha alma para lh'a premiar, nem para lhe mentir. Assim mesmo, bem longe de se affligir, lisongeavam-o os desvellos da gentil moça. *Ninguem sente em si o amor que inspira e não comparte.* Nas maximas afflicções, nas derradeiras horas do coração, é grato ainda sentir-se amado quando já não pode achar no amor diversão das penas, nem

soldar o ultimo fio que se está partindo. Orgulho ou insaciabilidade do coração humano, seja o que fôr, no amor que nos dão é que nós graduamos o que valemos em nossa consciencia.»

E' um tratado. São cinco periodos apenas? Pois detalhados, davam cinco capitulos completos.

Valem por um conhecido *numero do intermezzo* de Henri Heine, que Gonçalves Crespo traduziu divinamente.

Aquella propria singeleza de que fizemos o caracter proprio do romance, lhe dá azo a que o auctor explique as imposições, que roubam os effeitos da exterioridade.

D'esta maneira, observa:

«A verdade é algumas vezes o escolho de um romance.

Na vida real, recebemol-a como ella sae de encontrados casos, ou da logica implacavel das coisas; mas na novella, custa-nos a soffrer que o auctor, se inventa, não invente melhor; e, se copia, não minta por amor da arte.

«A verdade! se ella é feia, para que offerecel-a em paineis ao publico?

«A verdade do coração humano! Se o coração humano tem filamentos de ferro, que o prendem ao barro de onde sahiu, ou pesam nelle e o submergem no barro da culpa primitiva, para que é emergil-o, retratal-o, e pôl-o á venda!?

«Os repâros são de quem tem o juizo em seu logar; mas, pois que eu eu perdi o meu a estudar a verdade, já agora a desforra que tenho é pintal-a como ella é, feia e repugnante.

«A desgraça afervora ou quebranta o amor?

«Isso é que eu submetto á razão do leitor intelligente.

«Factos e não theses é o que trago para aqui. O pintor retrata uns olhos, e não explica as funcções opticas do aparelho visual.»

Está certo. Mas a phantasia encheu todo o mercado. O romance de observação quasi que se limita ao proprio meio litterario, e a galeria dos Mérouvel, Hector France, Morphey, Segourac, Gastine, Aymard, Décourcelle, Chavette, Keroul, Zévac... é tão grande, que excede, numa decada, o rol de todos os romancistas da grey no seculo findo!

Lendo-se as suas obras como se lê um jornal...

Para fecharmos:

«O coração para o amor quer-se forte e tenso, de uma certa rigesa que se ganha com o bom sangue, com os anceios das esperanças, e com as alegrias que o enchem e reforçam para os revezes.»

Como a atmosphera que se quer purificada. Como quarto de enfermo que se precisa arejado...

Feliz do amor, que encontra tratamento e remedio!

A mulher Fatal

Dizem que todos a encontram na vida—*a mulher fatal*, ou seja a mulher que dispõe, para o bem ou para o mal, para a felicidade ou para o infortunio, dando-lhe o ceu ou profundando-o no inferno, dos destinos de cada homem.

A regra deve ter muitas excepções, começando pela existencia do *homem fatal* para os destinos da mulher, além de que entre os filhos de Adão alguns se mostram, até arregimentados em seita, que passam pela vida contrariando pela doença do espirito as aspirações da natureza.

Mas Carlos Pereira, filho do Brazil, educado em Portugal, estava nos dominios da regra geral,

Embebido no duplo lyrismo dos rouxinoes e sabiás, amou, ao primeiro sol da Primavera da vida, pela corda dolente da poesia. Começou, á Petrarcha, por uma Laura, que dedilhava no piano e *esmorçava o Iduo Foscari*, mas foi-se-lhe a breve trecho a visão celestial envolta na lama prosaica, quando viu que um *janota* portuense do

tempo, João de Campos, marinhava altas horas, sumindo-se no quarto da deusa, ás janellas da mesma.

E provavelmente *ardia Troya,* como dizia o Padre Manuel Bernardes, descartando-se dos perigos de uma descripção realista pelo singelo emprego de uma phrase conceituosa.

Ardia Troya...

Mas renasceu-lhe o coração, como planta vivaz que renova as folhas, prologo das suas flores, ás primeiras chuvas do Inverno.

Renasceu-lhe sob os olhares de uma hespanhola de muitos appellidos, Virginia de Menezes Picaluga de las Cuencas, da quinta dos Açudes, abelha mestra que percorrera todo o trémulo da vida mundana, alapardando-se por fim entre os milharaes e videiras do Alto Minho, nos braços de um Padre Valente, de sobrenome e pulso, seu antigo amante, que lhe administrava o corpo e a fazenda.

Mas desfez-se a segunda visão no segundo charco. Ainda peior que a Laura, a Virginia foi para o archivo da historia das suas juvenilidades de alma amorosa.

Veio o terceiro amor, e este parecia ser o de vez: aquelle a que se apegasse para sempre, pois nascera entre os sinceiraes da linda Ignez, onde os amores se eternisam até chegarem a ter a sua chronica nas paginas da epopéa.

Chamava-se Estrella, a mulher n.º 3 do catalogo apaixonado do joven Carlos Pereira.

Estella, ao contrario de Laura, não estouvanava em amores; ao envez de Virginia, que era de fórmas opulentas, adelgaçava-se de corpo, e tanto do seu peito,

que o pobresinho se lhe esphacelava pela tisica avassaladora.

Pois casou-se com ella, e chorou-a morta, até que na Beira, judeu errante das sete partidas do amor, *viu* e *amou* a Philomena, entrada na posse dos seus trinta annos felizes, e já viuva de um tio desembargador.

Casou, mas o amor dissipou-se-lhe com o patrimonio, até que a *mulher fatal*, a mulher que o matou, que lhe fez esquecer a esposa e os filhos, lhe surgiu ataviada de sedas e pedrarias n'um camarote de S. Carlos na pessoa radiante de Cassilda Arcourt, mundana d'alta cotação nas bolsas do amor—na dymnastia universal que que vem das Phrynés e Lais ás *cocottes* decantadas pelo jornalismo de *boulevard*.

A pintura, a photographia d'esta serie amorosa é um primor de naturalismo e arte—mas d'aquella arte que não desfigura a natureza. São enredos rapidos, mas muito mais fieis que os enredos de muitos capitulos de Balzac ou de Zola. Nada de mais, nada de menos, chegando a parecer que o romance de ha quarenta annos vive com o interesse communicativo das chronicas da actualidade.

Comecemos pelo riso, porque não póde haver melhor principio.

> «Rir é contrahirem-se o diaphragma e os musculos faciaes. Operação materialissima, muscular, carnal e que nenhum outro animal exercita.
>
> «Claro é que o rir é attributo do ser racional.
>
> «A par e passo que a razão se alumia e fecunda, as contracções musculares amiudam-se.

Raciocinar, é rir. O acume da sabedoria humana é ver os reversos das tragedias sociaes: lá está por força a comedia. A ignorancia que esterilisa, e mirra, e encalvece é que só deixa vêr uma face da medalha.

«Eu não cheguei ainda aos pinaculos da sabedoria.

«Vou subindo.

«Subir é um homem desdando os nós que o atam a dor estranha á sua: é ir tirando ás coisas tristes a sua essencia lacrimosa, por feição que o *sunt lacrimæ rerum* de Virgilio não se perceba.

«O rir, porém, do animal philosopho não é a casquinada saloia do bipede implume de Platão, que voga á tôa e á tôna, sem casta de philosophia nenhuma.

«Ha ahi um gargalhar que a sciencia denomina *spasmo scinico*, ou de *cão*, consistindo em exhibir as arcadas dentarias até aos condilos. E' o que os inglezes chamam *rir de cavallo*—«horse langh». Ha tambem o rir chamado sardonico—o rir de uns que comeram o fabuloso rainunculo da Sardenha. Ora os que entre nós d'est'arte destampam gargalhadas, não comeram rainunculos: é gente embuchada de feijão branco e orelhas de sevado. Essa hedionda deformidade caracterisa estupidez quasi sempre malevola; corresponde ao espojar-se, se o rir é meramente bruto, e ao escoucear, quando é bruto e mau.

«Não riram assim Democrito, Aristophanes, Esopo, Marcial, Petronio, Aretino, Gil Vicente,

Erasmo, Sterne, Rabelais, Charron, Molière, Voltaire, Tolentino, Byron e Heine.

«D'estes, alguns, se não todos, riram dos homens e dos deuses.

«E o ultimo nome, que encerra a phalange, consubstancia todas as calamidades comprehensiveis, desde o jazer de paralytico cego, até á teophobia—o horror de Deus! E assim mesmo, como elle adivinhou o sorrir de Satan a despenhar-se das regiões de luz, onde o Summo Deus permittiu que se gerassem anjos soberbos! Vejam a superrima vingança d'aquelle Prometheu, que recurva os dedos nos fuzis da gargalheira que o amarra, oito annos, a um leito, e do estridor dos ferros sacudidos, moderando o sinistro arpejo das suas gargalhadas sarcasticas! Como Lucifer invejaria o gentilissimo demonio, que retransido das agonias da nevrose, todas trevas dentro e fóra, crava a paradoxal harmonia do gemido com a risada!

«E' preciso ter chorado para immortalisar o riso no livro, na estrophe, na sentença, na palavra;

«O riso que excava, mina e alue theogonias;

«O riso que desfaz religiões, cujo berço boiou embalado em ondas de sangue;

«O riso que abate a abobada do templo sobre as ossadas dos martyres;

«O riso que revoltea as tormentas dos imperios, e abysma thronos, e espuma espadanas de lama—lama com que as gerações erigem os seus marcos milinarios, as suas chronologias gloriosas.»

Não somos entendidos na bibliographia do *riso*, nem merece a pena ir copial-a do Larousse encyclopedico.

Deve havel-a, e larga. Por felicidade nossa, a humanidade ri mais do que chora, embora tenha mais por onde se chore do que por onde se ria. Muito se deve ter escripto sobre a materia, fallando e escrevendo.

Mas não ha de certo, melhor capitulo que o reproduzido acima. Tem riso e tem lagrimas a propria descripção do riso! Em pouco ha de tudo, desde a philosophia de Voltaire á comedia de Molière, da litteratura doente de Heine ao ridiculo escorreito e são de Gil Vicente, e mesmo, mais achegadamente, de Tolentino, que nem parecia ser mestre de rhetorica!

Tem riso a descripção do riso feita por Camillo, que enquadrou na prosa das muitas dezenas dos seus romances uma *critica sua*, como mais individual se não encontra em nenhum outro escriptor.

Passa de um para outro assumpto com a mesma sequencia de apreciação, que se não parece com a de ninguem.

Assim:

> «A poesia esteril é o coração sem estomago; a materialidade corruptora é o estomago sem coração. A alma feliz é a que participa do bom sangue de um orgão filtrado das suas impurezas pelo outro.»

Parece metaphisica, mas desdobra-se n'esta naturalidade: o circulo vicioso da acção humana—sempre entre o estomago e o coração!

«Uns corações teem melhor carnadura que outros. Ha d'elles que cicatrizam depressa golpes profundos. Outros, escoriados á superficie, ulceram mortalmente; e, se não escapam, a lesão para toda a vida é certa.»

O auctor quasi que podia especialisar historicamente, pelos grandes poetas, os que se *ulceram para toda a vida*.

Ha typos classicos nas litteraturas do mundo, correspondendo a muitas ficções e a muitas realidades, sendo muito poucos os que passam na humildade do desconhecido.

Mas ainda mais que na critica, que na satyra e no conceito, o seu talento de artista manifesta-se pela habilidade com que, de repente, fórma dialogos que independentemente de phrases, equivalem a esses conceitos, satyras e criticas.

Havemos, por estes livros fóra, dar amostras d'essa sua especialidade, mas queremos principiar desde já:

«As pessoas que ouviram o dialogo perguntavam, indigitando Carlos:

«— Quem é este parvo?

«Como nenhum dos interrogados o conhecesse, concluiram que era do Porto.»

E' cruel, mas é modelar. De resto a má vontade pelo Porto manifesta-se a miude na sua obra.

Em tudo e por tudo *põe o dêdo na chaga*, principalmente nos vicios que se acobertam de virtude.

Denuncia-os:

«Amisade que degenera em zelos de phariseus, e que nos impõe obrigações de virtude austera, tem parentesco tal qual com a violencia dos inquisidores, que queimavam os corpos para salvar as almas... tudo por amor ás almas dos queimados.»

Verdade de mal agradecidos?

Verdade de facto, para servir de regra aos que entendem aconselhar, sem resultado, pela immodestia de pretenderem pautar temperamentos alheios e alheias circumstancias pelo seu temperamento ou pela sua fortuna!

Conselhos de *amigos vardadeiros* não são d'esta qualidade!

A quéda de um Anjo

Avalia mal pelo titulo, quem por elle ajuizar que se trata, tratando-se de um anjo que vai a terra, de alguma menina e moça, que dos intermundios da innocencia, por onde volitava com azinhas iriadas, desceu pelo peccado á lama das perdições.

Cuida multo mal quem tal cuidar!

Não se trata de uma menina. Nem sequer de uma mulher. Trata-se de um homem, e de mais a mais de um um homem erudito, piteador em lenços de Alcobaça, erudito, cheio de sabedorias bebidas na fonte pura dos classicos mais selectos, nas memorias soporiferas, mas curiosas da Academia da Historia do tempo do Senhor Rei D. João V, e nos poetas e prosadores de maior fama—de Horacio, Virgilio e Ovidio a Seneca, Suetonio e Cicero.

O anjo vem a ser Calisto Eloy de Sillos e Benevides de Barbuda, morgado de Agra de Freimas, natural da aldeia de Caçarelhos, em terras de Miranda, filho de outro Calisto, fidalgo com filhamentos, e de Dona Bazilissa Escolastica, senhora de muitas virtudes e habilida

des caseiras. Finalmente o anjo não vivia em estado de immaculidade da carne fragil, pois que era esposo, querido pelo habito, de sua prima D. Theodora de Figueirôa.

Maz como é que Calisto de Barbuda era *anjo*, e como foi que se deu a *quéda* d'elle?

E' o que vamos referir, muito por alto.

Calisto rendeu-se; e de sequestrado com os seus livros e amanho de quintas, deixou-se eleger deputado em 1864, vindo para a côrte com a *toilette* do seculo XVIII e com idéas, alvitres e linguagem de mais seculos atraz.

Mas a cidade de marmore e de granito, *a mais formosa entre as cidades do mundo*, amolleceu-lhe as compleições, transformando-lhe, pelo amor, *toilette* e coração, e o *anjo cahiu* no tremedal das paixões terrenas, cahindo tambem com elle sua esposa e prima Dona Theodora, que depois de alegres deligencias, para rehaver seu marido, se desilludiu illudindo-se ainda mais, vindo a cahir nos braços de outro primo, Lopo de Gamboa, bacharel com muitas tretas e nenhum dinheiro.

Separaram pessoa e casa, ficando cada um com o que era seu, coração e fazenda, e em quanto Calisto houve dois meninos da mulher que *o fez cahir*, uma Ponce de Leão, ella, a prima Theodora, ficou por um sómente do primo Gambôa.

E devem de estar hoje em dia muito perpetuadas as descendencias de Calisto e Theodora, principalmente se entrarem nas proporções do mathematico Euler, que calculava que de um só homem e de uma só mulher podia resultar em 300 annos, dando cabo da lei de Malthus, a bagatella de quatro milhões de pessoas, muito aproximadamente!

Tal é o resumo; mas, se fosse só isso, o chamado *enredo* seria vulgar de Lineu, embora houvesse a notar, como excesso, a desceremoniosa mancebia de primos e primas. Pelo enredo sómente não lograva o romance a apotheose da quarta edição, que é a que temos presente, sendo o romance *Quéda de um Anjo* considerado como um dos mais curiosos e interessantes da Camilliana.

Com effeito, embora um pouco pela caricatura, retratam-se ali typos como verdadeiros modelos de uma galeria de quadros vivos, que por ventura, na maior parte, já deixaram de o ser. E' uma enfiada d'elles: o Lopo de Gamboa, que se avaliará pela citada bacharelice desendinheirada e cynica; o dr. Meirelles, orador esmirillado de modernismos requintados, que Herculano classificaria, ironisando, de *garabelhos* e *gregontins;* o Braz Lobato, professor primario de letras gordas, que votava em si para deputado, fingindo que votava no Barbuda; o abbade de Estevães, acomodatissimo ás eventualidades da politica, que o podiam prebendar.

E ainda outras figuras, que dando movimento ao romance, no entanto se apagam, como factores de somenos importancia.

A *Quéda de um Anjo* vem a ser uma *charge* á antiga, como, passados trinta annos, o *Eusebio Macario* veio a ser uma *charge* á moderna.

Com exageros, de certo, um e outro: mas Camillo, nos romances, se lhe dava para o riso, ia para a comedia dos seus personagens; se lhe dava para as lagrimas, ia com ellas para o drama, sendo mais feliz no livro do que sempre o foi no palco.

A *Quéda de um Anjo* é mais saliente de figuras que

de considerações. Nessas figuras é que está todo o valor do seu impressionismo.

Saltam vivas da letra redonda como personagem que nos apparece em scena sahindo dos bastidores.

As deserções politicas, no figurino conhecido do nosso tempo, exististiram durante todo o periodo constitucional, e é provavel, pelas permissas da nossa educação, que continuem em qualquer regimen novo. Por signal que essas deserções, no primeiro periodo, ou fosse de 33 a 51, foram mais flagrantes de attitudes descerimoniosas, operando-se mutações sob qualquer pretexto, e ás vezes mesmo sem pretexto algum.

Antes do constitucionalismo, havia os partidos da guerra e os partidos da côrte. D'aquelles, houve-os até em volta de D. João I, quando a solidariedade patriotica mais se impunha, valendo ao Mestre d'Aviz a fortuna da sua estrella, e, sobre tudo, a sua maleavel diplomacia de valente—termos que parecem antagonicos, mas que n'elle o não eram de verdade.

Quanto e quanto aturaria Mestre, segundo se conclue da historia, aos impulsos de temperamento e quiçá de vaidade, embora bondosa no fundo do coração, d'aquelle que vão fazer santo—o Condestavel!

Dos segundos, dos partidos da côrte, ha muitos, e muitos variados exemplos nas chronicas, desde D. Thareja, em Guimarães, ao bondoso D. João VI—em Queluz, na Bemposta, no Rio de Janeiro, para não irmos mais perto, sabendo, como nós sabemos e queremos, guardar as conveniencias.

Innumeros partidos da côrte, em que intervinha o Papa, e em que o proprio D. João II, o *Principe Perfeito*, não desdenhava de substituir o algoz!

Mas em decadencia, que não em progresso, as deserções partidarias das ultimas gerações são mesquinhas, pequeninas, faltas de grandeza, sem epopéa, sem vislumbres de tragedia ou ressaibos de simples drama.

No entanto, sendo infinitas na variedade, não deixam de ser curiosas, dando em abundancia para um estudo de costumes.

Do politico versatil *que muda*, dirigindo as conveniencias pela roda dos ventos, é exemplar perfeito e acabado o Calisto Eloy, e mais politicos que completam o quadro—o *dr. Liborio* e o *Abbade de Estevães*.

Recordemos que o morgado de Agra de Freimas viera eleito deputado opposicionista com a orientação das côrtes de Lamego e com as pantalonas e o casaco do molde das leis de Martim de Ocem, mas que a libertina Lisboa, de commandita com a prima Iphigenia que vestia pela Aline do tempo, fizeram *cahir o anjo* em andainas e idéas.

Ora da magica transformação d'estas ultimas, reza a seguinte passagem, que é simplesmente deliciosa, e que comprova a mestria com que no dialogo sobre ridiculos manobrava á maravilha a penna de Camillo Castello Branco:

> «A opposição espantou-se de ver o deputado por Miranda, conversando muito á mão com os ministros. O abbade de Estevães ousou perguntar ao seu collega, amigo e correligionario de que rumo estava. Calisto-respondeu que estava no rumo em que o pharol da civilisação allumiava com mais clara luz! O dezembargador ecclesiastico redarguiu com admoestações benevolas. O

morgado sorriu-se na cara veneranda, e disse:

«— Meu amigo, abra os olhos, que não ha martyriologio para as toupeiras. As idéas não se formam na cabeça do homem: voejam na atmosphera, respiram-se no ar, bebem-se nas aguas, coam-se no sangue, entram nas moleculas, e refundem, reformam, e renovam a compleição do homem.

«— Segue-se que está liberal?— perguntou pavido o Abbade.

«— Estou portuguez do seculo XIX.

«— Apostatou!...

«— Da religião dos nescios!

«— Mercês!— acudiu o Abbade.

«— Sem direitos!— retorquiu sardonico o Barbuda.

«Não tornaram a fallar-se até um dia do anno seguinte, em que o padre, despachado conego da Sé Patriarchal de Lisboa, acceitou o parabem e o sorrir caustico de Calisto Eloy.»

Complete. Chega a parecer uma pagina de Bordalo. Vale por um volume das *Farpas*. Diz mais que trinta criticos que as circumstancias crystalisem na opposição. Vale por todos os artigos de fundo, sommados e multiplicados, que abordassem a restricção do assumpto.

Mas deixando a parte politica do romance, que vale mais que a do *Deputé d'Arcis*, de Balzac, vamos dar o quadro descriptivo dos proverbiaes acanhamentos dos homens intelligentes.

Ahi vai:

«O amor, quando é serio, põe ás cunhas o mais pespontado espirito, e o mais mazorral tambem. O amoroso de grande loquella volve-se canhestro em presença da sua amada; o sandeu tem inspirações e raptos, que seriam influxo do ceo, se não soubessemos que o demonio tentador costuma incubar-se e parvoejar eloquentemente no corpo d'estes palermas.»

D'estes *palermas felizes*, seria bom acrescentar.
E na mesma corda:

«A fortuna dos corações que desbordam de felicidade no amor, deve ser aquella *Fortuna parva*, á qual Servio Tullio erigiu templos. Tito Livio, a meu ver, toma o *parva* no sentido de *baixa* ou *paquena:* eu traduzo latamente *fortuna larga.*

Sabia assim, maravilhosamente, dizer as cousas, porque sabia entrar na essencia d'ellas, indo já, até, no caminho de observar o realismo da *toilette* das travadinhas do nosso tempo:

«Quando a arte deshonesta não despe as figuras, veste-as de feitio que pelo ondeado das roupas transparentes, esteja o peccado a fazer negaças.»

Para terminar, damos a *transfiguração* de Theodora, operada pelos amplexos e osculos do primo Lopo de Gamboa:

«A cintura adelgaçou-se; apequenou-se-lhe o pé; alargaram-se-lhe os quadris; amaciou-se-lhe a cutis; branquearam-se-lhe os braços; escampou-se-lhe a fronte com o riçado dos cabellos; toda ella adquiriu no andar certo requebro e donaire que lhe ia tão a natural como se tivesse sido educada para salas e adextrada em flexura de danças!»

Chega a parecer uma variante da descripção da obra do estatuario, do Padre Antonio Vieira, e que serve para analyses grammaticaes nas escolas.

Apenas, em nosso entender, falta a nota geral, e é que, para estas transfigurações rapidas, a mulher, por enormes dianteiras, bate o *record* ao homem.

Civilisa-se n'um instante, a mulher—em civilisação de vestidos, maneiras e palavras.

Olha para as *civilisadas*, e imita-as com a arte de uma actriz predestinada para grandes triumphos na scena da vida.

Anathema

Esta veridica, mas ás vezes desapegada historia, é como o auctor classifica, e com certa verdade, este embrulhado romance de 472 paginas—o maior nos seus romances nos termos de um só volume.

Mas não admira. O *Anathema* é trabalho dos seus ensaios de escriptor, tanto na contextura dramatica como na fórma litteraria.

Assentava a mão, mas já maleabilisava o estylo, deixando prever os primores que elle attingiria com os tempos na psichologia dos homens e no realismo das relações que elles estabeleceriam nos diversissimos meios de uma sociedade incoercivel, como quasi sempre foi, na sequencia historica do constitucionalismo, esta nossa sociedade portugueza, tão decantada pela *brandura dos nossos costumes,* que chegaram... ao assassinio politico!

Ora pois...

Em volta de uma palavra, *anathema,* se desinvolve a parte dramatica. E' a sua epigraphe, como no livro de Hugo a *A'nátka,* gravada na torre da Nôtre Dame. Mas

sem acompanhamentos de Gringoires, Esmeraldas, Phoebus e Quasimodos.

E' um romance... com recheio de outro, pelo systema porque na epopéa de Cervantes se intercalam muitas novellas.

Nos suburbios de Villa Real veem-se ainda alicerces de um torre, por ventura restos de um castello: *torre de Dona Chama* se denomina; e despertado por lendas varias, que certamente ouviu em rapaz, sobre as lendas architectou um romance, sendo uma filha de D. Christovam da Veiga, *uma linda* Ignez, que despenhando-se dos seus peitoris, quando louca *chamava* pelo seu amor, na pessoa do Conde de S. Vicente, da casa dos Tavoras, deixou assim á torre a tradicção de seculos.

O Conde, indo a cobrar fóros aos seus dominios trasmontanos, enamora-se da gentil fidalga, mas o pae recusa-lh'a pelo facto do Tavora lhe haver motejado na prosapia das suas linhagens.

D'ahi o rapto, que aliaz com simplicidade se cohenestava pelo *conjugo vobis* do ritual, se não fosse um filho bastardo de D. Christovam, o Padre Carlos da Silva, que de proposito os levou á mancebia, para d'est'arte vingar sua mãe, que fôra prostituida e abandonada.

D'ahi muitas scenas, muitos episodios; uns que são humanos, e outros que excedem, em muito, a humanidade. D'ahi alguns quadros, que retratam ao vivo a sociedade do tempo nos seus vicios e nas suas muito poucas virtudes—o tempo de D. Pedro II, que roubou ao irmão, ao mesmo tempo, a corôa e a mulher. D'ahi tambem alguns com ressaibos pseudo tragicos, que não foram nunca de nenhum periodo na nossa historia. D'ahi paixões que são proprias do amor, e d'ahi tambem al-

gumas outras, que nem sequer são concebidas nas pervertidas celulas onde se destilam o rancor e o odio. D'ahi idilios de aves e flores; e d'ahi tambem, em contraste, irritação se apostrophes em que o *anathema* se glosa em todos os motes em que se desdobra a vingança estreme.

E', com effeito, desapegada a historia.

Desinteressa pela multiplicidade, por vezes confusa, dos incidentes. Enlabyrintha-se, por excesso, na pintura dos costumes diversos, das indoles diversas e dos diversos sentimentos que põe no jogo macabro das paixões. E' desapegada. O estylo proprio, caracteristico, unico de Camillo, mais aprehensivel que o de Castilho, mais extenso e mesmo mais intenso que o de Herculano, mais pujante e energico que o de Garrett, ainda não está ali formado. Ainda não chegou... á maioridade. Ainda não assentou o seu natural, o seu *facies*, como é agora de uso dizer-se ainda mesmo quando, como nós fazemos, a palavra não tem applicação completamente justificada.

Mas já mostra as azas de condor. Mas já levanta os seus vôos de aguia, remontando ás maiores alturas imaginaveis.

Vejam esta descripção da mulher, que é feita com o talento de artista, que sabe retratal-a no complexo de todas as suas feições:

> «A mulher não tem valor determinado como uma perola. Abstracta como os espiritos, espiritual como os anjos, não ha theologo, nem mathemathico que a defina pelo dogma, ou a calcule pelas operações infaliveis. Sabe-se que vale muito; mas não é ella que o sabe. Sabem-o aquelles que soffreram por ella, embora as flores do

triumpho pendam murchas na sua corôa de martyrio. Sabem-o os que tiveram alma sedenta de paixões, embora bebessem alfim por taças de ouro esse licor, que embriaga, sacia, entorpece e paralysa.

«Não quero argumentar com este seculo, em que as cousas, as pessoas, os astros, e as divindades está tudo subordinado ao materialismo da analyse. Esta autopsia, grave e circumspecta da sciencia, por que tudo vai passando, desata aquelles enlaces subtis que prendem docemente a avidez penetradora do homem á poesia incognita do objecto. Hoje está tudo real de peso e de medida. Não ha segredos. A fome do ouro, esta pedra philosophal dos hermeticos da actualidade, tem raspado, pulverisado, fundido e depurado, no cadinho da avareza, todos os mysterios, todas as idealidades, até lhe extrahirem o atomo papavel, luzente e incomparavel da moeda cunhada, sonante e tangente.

«A mulher era o ente mais poetico da creação. Firme no seu throno, se quizesse ser rainha incorruptivel, veria baldarem-se as conspirações da avareza, quando ella estendesse o seu olhar angelico e imperioso sobre as legiões assoldadas ao demonio do egoismo. Ella, a commissionada do ceu, poderia assentar os seus arraiaes de conquista sobre as ruinas dos emporios traficantes, e maneataria ás rodas do seu carro triumphante essas frontes empennachadas que varrem os estrados da cabeça do bezerro. Nem o templo teria publicanos, nem a lei salica, nem os harens teriam

cuspido uma affronta na alfaia mais preciosa que adornou o Ente Supremo no dia da creação.

«Mas a mulher, embaciada no seu verniz ideal, desenfeitada d'esses adereços, cujo cofre de mysteriosas chaves era o coração do homem, a mulher, sem poesia, é um barro mais quebradiço que a tradiccional costella do homem.»

E vai por ali fóra. Manifestamente ha mechanica, ha velocidade adquirida de palavras sonoras, e apenas sonoras, no descriptivo. Mas, por isso mesmo talvez, ha passagens de inspiração, embora o pensamento se não aclare com a desejavel nitidez.

E de Ignez da Veiga nos diz elle, para firmar o poderio que sempre tem a mulher formosa:

«Venceu como vencem todas as Ignezes, e Catharinas, e Beatrizes, que comprimem a golilha na garganta de fidalgos e peões, até que as palavras sacrosantas do altar venham, como uma especie de *pg* commercial, saldar essas contas em que o homem representa o devedor de muita fé e temor de Deus.»

E' assim mesmo. Porque esse homem pode muito suppor de si. Assentar permissas e tirar conclusões como lhe aprouver, em despotismos de raciocinio. Dar largas á phantasia, e em demasia presumir-se.

Mas vai a terra perante a tyrannia feminina, porque lá diz o auctor, sempre na mesma ordem de idéas:

«Os raciocinios do amor proprio não gozam do credito das melhores consequencias.»

Mas das tempestades do coração passa ás da natureza externa, e é de admirar-se este quadro de um temporal entre montanhas trasmontanas:

> «A facha negra da noite cinge o véo dos horisontes. A lampada mortiça do crepusculo não a ergueu ainda a mão visivel do Eterno por detraz das cumeadas do Levante. Cruzam-se os tufões, que rolam dos visos penhascosos das serras de Santa Barbara, Mesio e Marão. Ao fundo, na balça escura dos povoados, vai passando o vortice do desbarate. Lascam-se as florestas vergadas pelos braços flexiveis da tempestade movediça. E' o gigante da destruição, que finca um pé sobre as açoteias do castello dos Tavoras, outro nos torreões de Villa Real, e fustiga com o latego do destroço aquella natureza, que geme, estorcendo-se nos braços da procella.»

Ainda mechanico, declamatorio, mas com grandeza!

Muda de repente o thema da dissertação. Ha tanto por onde lançar o arpão da critica!

Assim, em observações sobre o animal chamado homem, faz este reparo, que muitos fazem, mas na rudeza —tantas e tantas vezes!—da crueldade desmezericordiosa:

> «Seria vaidade mostrar que alguns homens nascem para o cortejo da estupidez, com os seus braços musculares, rijos e tersos. Estes é uma loucura social mandal-os ás universidades, quando a agricultura e o commercio exigem pulsos

para uma enxada, e espaduas robustas para uma alfandega.»

Da natureza bruta aos primores da creação divina;

«A mulher que nasceu boa do coração e cresceu com as suas illusões innocentes, quando o homem lhe apparece por detraz dos seus sonhos, exhala, como a flor de Abril, os perfumes da candura, abre-se ao sol do amor com todo o viço da sua generosa affeição, e, como a flor de Abril, morre na manhã dos seus amores, queimada por um raio d'esse sol que lhe fecundara no seio a esperança florida dos affectos puros.»

Tem musica; é rithimica de poesia esta prosa, mas não vale menos a que se segue como reconhecimento das fraquezas femininas:

«E' certo que as fórmas elegantes muito influem quando as decoram os prestigios sociaes, os atavios da educação, e a aureola da fidalguia opulenta, que muito é para a mais independente das muiheres.»

Para fechar o capitulo, ahi vai o que ha de Camillo, mas de Camillo a valer, puro e sem mistura, no *Anathema*:

«As almas, que se decidem pelas primeiras impressões, decidem-se pelas segundas, com milagrosa rapidez. Se não fosse esta lei da sabia Pro-

videncia, haveria perpetuos tolos, apaixonados insupportaveis e homens feios muito infelizes com mulheres »

. . . . . .

«A civilisação é que reformou os estomagos.»

Scenas contemporaneas

E' bom que nos entendamos: *scenas contemporaneas...* de 1853, ou sejam de meiado do seculo XIX, dito das *luzes,* não sabemos se por effeito de uma phrase litteraria, que qualquer fabricou e poz em movimento, se pelo facto de elle ser contemporaneo do gaz, da electricidade em lampadas e do... petroleo.

Scenas do periodo aureo da Regeneração, que tão bem principiou e tão mal acabou, de quando ella se entregava, ás cegas, á empreitada do fomento, pretendendo ganhar o tempo perdido de 20 annos de constitucionalismo levados a doutrinar innocentemente e a fazer e a desfazer leis, num inconsciente circulo vicioso de revoltas e bernardas!

De então para cá o mundo tem dado muitas voltas, e as gazetas, ainda mais que os antigos legionarios de Roma e de Bonaparte, teem reformado homens, usos e costumes—não melhorando costumes, homens e usos!

.....

Trata-se de um livro de *contos,* quadros cambiantes de muitas scenas, mas *sui generis,* que não são da escola

dos pequenos romances de Balzac, nem das novellas de Daudet, nem das bréjeirices de Zolá, nem das philosophias de Tolstoi, nem dos contos propriamente ditos, de um forte picante sensualista, de Armand Silvestre, uma especie de Boccacio de *boulevard*.

Um livro de contos ao vivo, *au naturel*, tanto da realidade dos costumes do tempo, como da phantasia, romanticamente fertilissima, do seu auctor.

Enumeremos esses pequenos romances, essas novellas de poucas paginas, esses contos em que a moral triumpha afinal do vicio, embora esse vicio vá recebendo as arrhas que lhe são devidas, em quanto a moral não alcança o triumpho.

Ahi vai o rol:

— **Morrer por capricho.**

E' de todos o mais somenos. Com pouca côr, sem nenhum sabor especial.

Vem a ser uma menina que por capricho casa e por capricho se deixa morrer: uma romantica desvalisada pela insignificancia do seu temperamento.

— **Uma paixão bem empregada.**

Uma Miquelina qualquer, pudibunda em extremo, toda tremula ao ciciar de um osculo, toda ella sensitiva nas approximações em que a poesia se deixa vencer pelo desejo, mas que um dia se materialisa, e foge com o lacaio da casa paterna.

E vai descendo, descendo, resvalando, resvalando, até que apparece nos mais baixos mercados da desvergonha infeliz.

— **Aventuras de um boticario de aldeia.**

E' a historia dos amores tragico-comicos de Manuel Pires, que vem a ser, nesta galeria de Rougons trasmontanos e minhotos, o avô de *Eusebio Macario* e o bisavô de *Zé Fistula,* com a Mariquinhas dos seus anhelos, filha da sr.ª Maria do Eiró e de seu marido João de egual sobrenome.

Scena do natural, com muita pouca imaginação.

— **Coisas que eu sei.**

Episodio vulgar de uma menina que é seduzida por um patife explorador de corações, menina que é abandonada pelo seductor, que se casa com moça rica de dinheiro e sem chavo de virtudes, que por sua vez é abandonada tambem, mas que passa contente a segundas nupcias quando o patife é morto pelo irmão da seduzida menina.

— **Dinheiro! Dinheiro!**

Que o dinheiro tudo pode, todos sabem.

Tem tanta graça o maldito!

Dizia João de Deus.

Gero vicios e virtudes!

Improvisava Bocage!

Aqui o dinheiro que Alvaro de Sousa houve de um

seu tio brazileiro serviu-lhe para submetter, até á vileza da vingança infame, as mulheres que o haviam desdenhado quando elle era pobre e cheio de desejos de amor!

— A caveira.

Trata-se de um homem que vive a adorar, durante sessenta annos, a caveira da esposa linda que o trahiu na mocidade, e que era tão prodiga da sua belleza, que houve mortes por causa d'ella!

E o marido desprezado, de bom animo e compleição feliz, perdoou e ficou-se a amar-lhe a memoria, até que a vida se lhe apagou com a ultima das palpitações d'aquelle seu coração bemaventurado!

— Uma praga rogada na forca.

Não chega a parecer de Camillo. Carregou em demasia nas côres do melodrama, por ventura nas tintas da inverosimilhança, principalmente em verdade historica, por abandalhar em demasia a pratica da justiça nos tribunaes.

Nem póde ser *contemporaneo* o quadro em que um moço, que foi ao patibulo injusto por um crime de amor, em que figurava como José do Egypto—amor de engeitado por sua irmã que lhe queria com amor que não era fraternal—, roga uma praga a Paulo Botelho, o juiz carrasco, que vem a pagar d'esta maneira os rigorismos de ruim espirito:

—Recebendo um tiro de seu filho Simão.

—Apanhando em cheio, de um sujeito qualquer, vinte

e cinco punhaladas, pelo facto de roubar em mil crusados o dobro d'esta conta, ou fossem dois mil crusados por cada espetadella...

Etc.

Horresco referens!

Manifestamente Camillo sacrificou ás exigencias do folhetim, de leitores e leitoras que eram avidos e avidas d'estas sensações fortes de sangoeiras!

Não ha duvida.

Elle mesmo sente necessidade de se precaver da censura, escrevendo por fim:

> «De tudo que disse me desdigo, se algum inquisidor intoleravel deparar ahi heresia, contrasenso, atrevimento ou cousa que duvida faça contra Plutus, unico deus da unica religião cujo codigo penal me intimida.
>
> «Ha cousas inverosimeis neste volume? E' que dos meus amigos litteratos, jornalistas e até redactores encartados de necrologios, eu sei passagens que arrepiam carnes e cabellos. Se o siso commum as não adopta, é que os chronistas do tempo formam, á parte, um *status in statu*, cousa intelligivel aos que sabem latim, por grande fortuna sua.»

Por ultimo, o volume fecha com a *Pathologia do casamento*, deliciosissimo dialogo, de que facilmente se arrancava uma comedia de um grande movimento scenico e dos mais vivos e hilariantes episodios.

Não desmereceria das comedias de Camillo, antes se avantajaria, por muito, a algumas das consagradas pelo palco.

Tem uma philosophia este dialogo, e vem a ser, *que em negocio de amores com mulheres é preferivel o cynismo á hypocrisia,* porque a final quando Eduardo Leite afivelou a mascara de Tartuffo, é que elle conseguiu a gloria de enganar tres maridos ao mesmo tempo.

Em tantos capitulos diversos de diversissimos sentimentos não pode haver seguimento no theor d'esta critica, mas ha ainda muito por onde forragear citações que muito ensinam.

Vejam que não ha só Demosthenos e Ciceros *pro domo nostra* ou *pro domo sua* no tocanto ás cousas da politica de todos os tempos:

> «Quando a eloquencia, inspirada do intimo d'alma, regorgita em jorros nos labios de uma amante, é certo o triumpho. O amor é realmente o galvanismo dos estupidos, d'esses cadaveres moraes, que se levantam do tumulo da intelligencia num alamiré celeste.»

Da influencia dos livros na mulher, que bastas vezes procede mais pelos auctores que lê, ou que acabou de ler, que pelos preceitos tradiccionaes da familia, diz assim:

> «Só com a experiencia se conhece o quanto a litteratura modifica a organisação de uma mulher. Eu creio que a mulher, apurada na scien-

cia das cousas, pensa de um modo extraordinario na sciencia das pessoas. O prisma das suas vistas penetrantes é bello, mas as lindas cambiantes do seu prisma são como as côres variegadas do arco iris, quando annuncia tempestade.»

Vejam como é bello de consolação este trecho, para a hypothese de se poderem alliviar as tristezas dos que, com mais nobreza que orgulho, sabem e podem esconder as suas amarguras!

Vejam:

«Quem podesse receber na taça de suas lagrimas algumas, que ahi se choram, e que a opulencia material não enxuga, experimentaria consolações de um sabor novo. O padecimento, que se esconde, impõe o respeito religioso do augusto mysterio d'esta religião universal, symbolisada pelo soffrimento commum. O homem, que podesse verter uma gotta de orvalho na aridez de algum coração, seria o sacerdote providencial no tabernaculo superior, que velasse a vida da terra para que tamanhas agonias não fossem estereis na vida do ceu. Não ha na terra mais gloriosa missão!»

Pode não ser aprehensivel com nitidez, no todo, o pensamento do auctor, mas valorisa-se o seu espirito de generalidade neste criterio de apreciação:

«O talento não é a sabedoria. Sabedoria é o trabalho incessante do espirito sobre a sciencia. O

talento é a vibração convulsiva do espirito, a originalidade inventiva e rebelde á auctoridade, a viagem extactica pelas regiões incognitas da idéa.»

Agora o orgulho a fazer das suas no barro fragil de que nós outros os homens somos feitos, desde o primeiro que genesicamente de barro foi amassado:

«O homem, quando encontra um estorvo, apaixona-se seriamente. O amor proprio, angustiado nos apertos de uma impossibilidade invencivel, adquire uma nova feição, e converte-se em paixão, como as paixões primeiras, que nos sopram a tempestade no limpido lago da adolescencia.»

Adivinhando os tempos que vão sendo, a mais e mais, os tempos de hoje, pela caricatura das coisas:

«Tu sabes lá por que horisontes vai ampliar-se o espirito da arte? sabes se a tripeça terá uma plastica e uma esthetica? Sabes se a bota de canhão terá um bello ideal? Sabes se a tomba e a intercospia terão uma philosophia? Sabes se as mathematicas virão, com a sua geometria applicada á bota, regular as dimensões do salto? Sabes se a dynamica será a ultima expressão do pino? E não achas aqui neste complexo de sciencias um suculento assumpto para um sapateiro talentoso: um sapateiro-Newton, para um sapateiro-Girardin?»

E ainda mais, no mesmo diapasão:

> «O cavador, á hora da sesta, lerá na vinha, de barriga ao ar, o *Times* e Benjamim Constant. O proprietario, entregue ás subtilezas economicas, que destinguem o capital da renda, andará em guerra litteraria com o seu visinho da aldeia proxima, por causa de uma falsa interpretação dos sofismas de Bastiat. Nesse dia serão banidos os estupidos da face da terra. O proletariado, filho da estupidez, não virá coberto de farrapos pedir um bocado de pão no banquete social, por conta do futuro fomento. Pouco ha de viver quem não vir tudo isto.»

Completamente exacto. Tem-se visto, e vae-se vendo, achegando-se a necessidade de aditar ainda muito mais.

O retrato de Ricardina

Bello romance pela sua galeria de retratos accentuados e firmes marcando caracteres, definindo individuades—desde o padre de bôa familia, authoritario de temperamento sanguinio e de absolutismo politico, ao estudante revolucionario e bom, ao servo estremoso e dedicado e á menina angelical e linda.

O abbade de Espinho, na Beira, Leonardo Botelho de Queiroz, valente e destemido, roubou Clementina Pimentel, de familia solarenga, de que houve duas filhas —Eugenia e Ricardina, sendo esta a que dá feição ao drama que se desinvolve n'aquelle passal de clerigo rico e despotico.

A familia Pimentel rompeu relações com o padre Leonardo, mas por fim, como empobrecesse, philosophou com todas as contemplações e complacencias, prestando-se a que o seu morgado e o immediato successor casassem com as primas, que com os seus dotes lhe remissem a casa, coberta de hypothecas.

Vinha a ser esta a vingança de Leonardo : entrar com Clementina triumphante na casa dos seus d'ella, de onde sahira amaldiçoada com todos os vilipendios.

Mas se Eugenia de bom grado acceitou seu primo Luiz, Ricardina repelliu a alliança, pois que se tomara de amores, com todos os estos da paixão infantil, por Bernardo Moniz, estudante em Coimbra, e filho do Silvestre da Fonte, que de pobrissimo passara a rico homem com palacio e capella, por effeito da morte de um irmão, que mourejara no Brazil, angariando fortuna grossa.

Sonho desfeito, porque o padre Leonardo era de decisões immediatas e energicas. *Ou casar ou metter freira.* E como Ricardina não queria o Pimentel, mandou-a para um convento de Lamego, de disciplina rigorosa, pois *que a não queria freira delambida e derrancada de chischisbeos na grade.*

E lá foi a menina, acompanhada de sua mãe amantissima, que tanto lhe queria, que teve artes de entrar e não sahir do convento, morrendo nos braços da filha, arrependida e contricta da vida deshonesta que levara.

Foi com auctorisação do Bispo da diocese de Lamego que Clementina não mais transpoz o portal do mosteiro das Chagas, clausura de sua filha.

Mas o abbade de Espinho, quando tal soube, que a mãe de suas filhas não voltava, ficou...

O melhor é transcrevermos, porque a scena passada com o Bispo é um dos trechos mais viris que nós conhecemos da prosa de Camillo, sempre felicissimo nesta especie de dialogos, como temos notado e continuaremos a demonstrar por transcripções.

Deliciem-se os leitores:

> «O abbade rasgou a carta de trez repuxões, e começou a enfiar as pantalonas. Esperou o luzir da manhã e chamou Norberto. Mandou sellar os

dois machos, foi bater á porta de Eugenia, disse-lhe que ia para fóra, e jornadeou para Lamego.

«Descavalgou no pateo da residencia episcopal. Era noite. Enviou o seu nome. O Bispo, receioso do hospede, acercou-se de famulos, e mandou entrar o abbade de Espinho. Apenas se defrontaram, os olhos do padre Leonardo, menos escarlates que as incendidas felfas, afusilavam faulhas.

«Latejavam-lhe as cordoveias do pescoço esticadas pelas cordoveias dos gorgomilos, onde as vozes se represavam abafadas pelo rancor. O prelado esperava, não sem o assombro, o estalar d'aquella borrasca. Estourou em fim, perguntando com que direito lhe era roubada a mãe de suas filhas?

«A inepcia da pergunta fez sorrir o Bispo:

«—Quem roubou a mãe de suas filhas? A mãe de suas filhas é um peccadora, manceba de um padre, e padre pastor d'almas?

«—E'—bradou o abbade.

«—Pois se é, incline-se diante de Deus, como ella.

«—Quem é Deus? E' vossa excellencia, tornou o clerigo?

«—Deus é Aquelle!—e apontou para um retabulo onde se figurava o lance do horto de Gothsemani.

«Padre Leonardo não seguiu de olhos o dedo indicador do venerando prelado. Deu dois passos tremulos, apertou entre as mãos convulsas o chapeu de seda, e rouguejou:

«—Sabe quem sou eu?

«—Já recebi noticias do seu nome, sr. abbade de Espinho.

«—Não sou abbade de Espinho: sou homem; e, como homem, o meu nome é Leonardo Botelho de Queiroz. Guarde bem de memoria este nome, senhor Bispo.

«O seu nome não me pertence. Respeito a jurisdição do seu prelado, senhor abbade. Queira recommendar-me ao senhor bispo de Vizeu, que me dizem ser um bom theologo e exemplar principe da egreja. No entanto, direi ao senhor Leonardo Botelho de Queiroz o que se diz a todo o homem vicioso e corrompido: *Nise penitentiam habueritis omnes similiter peribitis.* Palavras de S. Lucas, senhor abbade.. *Et... annunciabam ut penitentiam aegerent et converterentur ad Deum, digna penitentiae opera facientes.* Palavras dos *Actos dos Apostolos,* senhor abbade.

«O padre Leonardo não sabia bastante latim: sem embargo, percebeu que o Bispo lhe aconselhava penitencia; com o quê, espirrou uma guinada de riso cynico, e voltou as costas ao respeitavel admoestador, dizendo:—Nós conversaremos em portuguez, senhor Bispo.»

. . . . . .

Mas se a mãe lhe morreu no convento das Chagas, a linda Ricardina lá tirou forças do seu luto para escalar os muros da cerca e cahir nos braços de Bernardo, que se abalou com ella para Coimbra, aninhando-a em casinha branca escondida entre os sinceiraes do Mondego,

onde á compita com aves canoras se trocavam beijos de amor.

Mas aqui se complica a acção do romance, porque a phantasia de Camillo arranjou que Bernardo Moniz fosse um dos sorteados no club dos *Divodignos (Divodinos* lhes chama), que tinha casa junto ao Arco de Dona Jacintha, na rua do Loureiro, conforme averiguou o trabalho indefessamente pesquisador de Joaquim Martins de Carvalho, no seu curioso e valioso livro intitulado *Apontamentos para a historia contemporanea:* estudantes sorteados para assaltar os lentes que iam a Lisboa cumprimentar o Infante que se apossara do poder pelo regimen absoluto.

A phantasia de Camillo dissemos nós, e é verdade, como se vai ver.

Esses treze estudantes vinham a ser: Delfino Antonio de Miranda e Matos, Bento Adjuto Soares Couceiro, Antonio Correia Alegre, Domingos Barreto Delgado, Carlos Lidoro de Sousa Pinto Bandeira, Urbano de Figueiredo, Francisco do Amor Ferreira Rocha, Domingos Joaquim dos Reis e Manuel Innocencio Mansilha, que foram presos e enforcados; Antonio Maria das Neves Carneiro, que foi preso mais tarde, depois de uma vida aventuroso, que o mesmo Camillo descreveu na *Viuva do Enforcado,* a mais sensacional das suas *Novellas do Minho;* e finalmente estes, que de todo escaparam, morrendo de morte natural, mais ou menos triste: Francisco Sedano Bento de Mello, que fez parte da divisão da Terceira, batalhando no cerco do Porto com o nome de *José Sedano;* Joaquim José d'Azevedo e Silva, que se suppõe ser um homem que em 1865 falleceu no hospital da Mizericordia de Lagos, que tinha a profissão de caldei-

reiro ambulante, dando pelo nome de Francisco do Nascimento, o *Fresca Ribeira,* que sabia francez e latim, que por vezes, em Beja, ensinava aos estudantes do lyceu.

Como se vê, entre os 13 individuos conspiradores do Arco de Dona Jacintha, cujo feito foi execrado durante toda a primeira época constitucional, embora fosse praticado em nome da liberdade, não havia nenhum que se chamasse *Bernardo Moniz.*

Mas seja como fôr.

O idilio entre toutinegras e madresilvas pouco durou, porque Bernardo, tendo fugido, nunca mais viu Ricardina durante trinta annos, cuidando se mortos.

Foi em Lisboa que se deu a resurreição, entre scenas commovedoras, para que Deus, por alguns annos de vida feliz, os compensasse de tantos e tantos que haviam curtido de saudades e amarguras!

E estes trinta annos como são cortados de episodios de sensação!

Manobram guerrilhas. Fazem se assaltos. Incendeia-se, mata-se e rouba-se. Ha vinganças e traições; contrastes de exemplarissima dedicação e de egoismo repulsivo. Ha vida d'Africa, ha vida de Coimbra, ha vida do Brazil, em scenas de tragedia e em scenas de comedia!

Mas quem quizer, que leia todo o livro, que é uma joia litteraria, levando a palma em linguagem portugueza, em tudo quanto ella pode dar, aos Sousas e Bernardes apregoados.

Por nossa parte, neste livro só queremos respigar na seara feracissima dos seus apotegmas, em sua honra deslavados do ar impertinente das sentenças.

Comecemos por notar como pode traduzir-se, em rea-

lismo puro, o V. 1.º do cap. II do *Ecclesiastes*, na parte referente ao *Vanitas vanitatem*, tantas vezes citado a proposito sem proposito algum.

E' assim:

> «E' singular cousa ver assomar-se em arrogancias de ter nascido povo, propriamente aquelle que reprova a philaucia do fidalgo.»

Vê-se a cada passo...

Vanitas vanitatem!

Póde haver distincções em materia da *perdição da mulher?* Perdição que seja absoluta, perdição que seja relativa?

Nem o proprio Camillo, sempre tão preciso, determinou o caso, mas não deixa de ser original a definição dada por elle:

> «Perdição é a comparação do aproveitamento que se perdeu. Eu não acho abominavel a valentia da alma, que sobreveio á fraqueza de um vil feito.»

Um estado d'alma que no livro encontra toda a sua psychologia descriptiva:

> «Ha um estado de insensibilidade que, a meu juizo, é o existir intermedio da demencia e da morte. A noite, que se faz na alma, não tem orvalho de lagrimas. Sente-se o pezo do coração, é bronze que está dentro a estalar as fibras sobre que peza: mas palpitações, não dá nenhuma.

O espirito estremece de agonias, que mais parecem paroxismos de arranque final que dilacerações moraes. Nesta rara especie de desgraça, os enfermos estão sempre inclinando-se machinalmente para a terra, a cuidarem que a terra lhes entremostra o leito de repouso eterno. Tanto lhes faz como lhes fez até aquelle degrau, de onde não ha olhos que o contemplem. A Providencia perdeu já a força de se fazer sentir. Os que ahi chegavam já tinham visto a sua fé conculcada a pés de verdugos, que se dispensavam de temor divino ao apertarem a corda da asfixia.

«Se o morrer é beneficencia celestial, não ha ahi outra por amor da qual os desamparados devam pôr as mãos agradecidas. Os que não blasphemam, chegados tão abaixo, são anjos. Perdoem-me as pessoas muito espirituaes se eu creio enganadamente qua a santificação começa na hora em que o padecer amordaça o coração nos labios, e da tempestade eterna nem já sequer relampeja esperança do céo, nem reverbero das fogueiras inconsumptiveis do inferno.»

Já Camillo se havia feito a luz eterna, quando na França, na sequencia dos seus romances systematisados, appareceu o chamado romance psycologico de Bourget e acolytos.

Já elle, por muitas partes, havia descripto estados d'alma como os mais afamados auctores, que vieram depois, não descreveram melhor.

Mas tambem elle passa, com a maior facilidade, do

que é santamente intimo do coração, ao que é escancaradamente prevaricador dos sentidos.

E neste pendor, faz esta observação:

> «Em Lisboa enxameiam boccas que mellificam as boccas dos oradores parlamentares, e sugerem em cabeças rombas argutos Girardins.»

Em gloria ou deprimencia da mulher lisboeta, não é verdadeira a observação. Nunca, da galeria das formosuras selectas, sahiu anjo ou demonio de bonita cara a dulcificar os artistas da palavra fallada ou escripta.

Em regra geral.

Singularmente apontam-se, como excepção á regra geral, Almeida Garrett e Thomaz Ribeiro, que muito amaram e muito foram amados.

O senhor do Paço de Ninães

Romance dos fins do seculo XVI, quando a nacionalidade portugueza ia no pendor da decadencia, ferida de morte nos areaes de Alcacer-Kibir, para acabar no prostubulo da escravidão hespanhola!

O filho unico de D. Thereza d'Azevedo, da casa de Ninães, viuva de um fidalgo que batalhara, sem premios, em Arzilla, Malaca, e Margão, enamora-se muito do intimo d'alma, do fundo do seu coração, de sua prima Leonor Correia de Lacerda, por sua vez unica herdeira da casa de Roboredo por seu pae Gonçalo Correia, tão opulento de bens como mesquinho de dignidade e pundonores.

Ruy Gomes d'Azevedo se chamava o moço, cheio de virtudes e de brios, espelho onde se revia contente a mãe amantissima, que na contemplação d'elle se linitivava da sua viuvez infeliz e dolorosa.

Era um casamento ajustado, certo, como de dois entes que crescendo juntos, se haviam prendido em sentimentos como a hera que se enrosca á arvore, fazendo commum a sua vida vegetativa.

Mas Gonçalo d'Azevedo, para comprazer com o Chanceller Pedro Gonçalves Cogominho, que na côrte lhe patrocinava com valimento decisivo uma demanda importante sobre morgados e senhorios, tornando-se arbitro da sua fortuna e das prosapias do seu orgulho, sacrificou a pobresinha da filha á riqueza, entregando-a pelo casamento a João Esteves, da casa de Pouve, sobrinho e herdeiro do Chanceller.

E o desgraçado Ruy, descalavrada a sua existencia moral, cahindo do ceu da ventura sonhada no inferno da desillusão sem remedio, passou com D. Sebastião para a Africa, e de lá sahiu com vida, perigrinando a seguir pela Asia e pela America, durante dezenas d'annos, até que volta á patria, vendo Leonor, já viuva, que endoudecera de remorsos, dando-lhe a extrema uncção do seu amor, que ella recebe para de seguida cahir na eternidade, indo Ruy despegar-se da existencia entre os frades de Landim, no meio dos quaes, em menino, e na companhia de um tio, vivera na aprendizagem das primeiras letras.

Forte tensão dramatica a d'este romance, como do entrecho se pode ajuizar! Está ali a essencia de um drama, que podia ter muitas parecenças com o Fr. Luiz de Sousa, afóra o episodio do casamento!

A volta d'aquelle perigrino, de grandes barbas brancas, do ancião em que se transformara com o tempo o moço gentil, que cheio de tristezas sahira de sua casa em busca do esquecimento misericordioso; o seu abeiramenso da triste Leonor, que na loucura, como Ophelia, se toucava de flores, esperando a cada instante o que fôra noivo do seu caração, é um final scenico como os não tem melhor a nossa galeria dramatica, quando o dra-

ma ainda escalpellisava por dentro, no sentimento, o coração humano.

Entre todos os romances de Camillo é o que mais se aproxima, na intima febre consumidora das paixões tormentosas, do *Amor de Perdição*, que já teve todas as consagrações do palco.

Mas não é só o *amor-amor* que ali toma relevo e se expande com grandesa. Não. Aquelle outro amor, que é de outra *natureza*, mas que não é menor na sua intenção moral, o *amor de mãe*, tem no romance paginas de dedicação, da mãe para o filho, do filho para a pobresinha que na sua ausencia se deixa morrer de saudade, que não ha versos de geniaes inspirados que melhor o retratem pela phantasia sem limites, ou pela descripção que mais se achegue da realidade d'esse affecto incommensuravel!

Chora-se...

Se é que o chorar não faz mal ás modernas leis sociaes, leis que d'antes se impregnavam da poesia do sentimento, e que hoje se querem arrancadas das anomalias do temperamento ou das preoccupações da originalidade!

Por isso mesmo que este romance é profundamente sentimental, profundamente dramatico, ha poucas *phrases de Camillo* por toda a sua contextura.

A propria *verve* do auctor, temperada pela ironia nos pormenores da comedia humana, não esfusia por aqui com aquella abundancia, que atordôa pelo inexgotamento de um escriptor que a semeiou por mais de um cento de brochuras.

Mas ha que respigar tambem, porque entre as pro-

prias lagrimas, elle não póde fugir nunca ás suggestões do seu processo...

Assim elle nos retrata o modo de ser do coração de Ruy Gomes, para quem não havia resignação possivel na tenebrosa noite do seu amor perdido para sempre:

> «O mundo tem padecentes assim. Os que não morrem de taes angustias são uns que vivem encouraçados no seu despejo e não teem parte sã do peito onde a frecha da affronta rompa veia de sangue puro. Estes taes, quando os lanceta a ingratidão e a injuria, esvurmam a sua peçonha, vociferam e curam-se.»

Mas Leonor Correia, com o tempo, amara o marido que lhe haviam imposto, não correspondendo o morgado de Pouve a esse sentimento que conquistara. Elle, que muito amara na côrte, muito foi amar pelos seus dominios, como querendo que a consorte se conformasse com a partilha.

Mas isto não é possivel para quem chega a amar deveras! E que assim não é, regista-se n'esta passagem cheia de verdade:

> «Não ha metades do coração. Ou todo o amor, ou toda a indifferença, quando não, é uma insustentavel impostura, chamada estima.»

Mas afóra estes pensamentos, estas verdades de observação; afóra o estylo magico, todo elle um encanto; afóra a intensidade dramatica da narrativa, ha no romance a reproducção, pela primeira vez feita em letra

redonda, de um documento valiosisimo, qual é o de uma parte do sermão que nas exequias, celebradas na Sé de Lisboa, prégou o deão de Silves, commemorativo do desastre de Alcacer.

Ou fosse obra sua, ou peça decorada de Luiz Alvares, collegial da Companhia de Jesus, como deixou annotado á margem do manuscripto o poeta Fernão Rodrigues Lobo Soropita, o que é facto é que ella tem exhurancia da mais elevada eloquencia do tempo.

Até, em trechos, parece feita, por critica justa, para marcar acontecimentos politicos do nosso tempo!

Tão verdade é o que se diz no Evangelho: que os tempos se aproximam...

Digam se não é verdade:

«.....

Pois quem vos matou, meu formoso?... Matou-vos o bispo, matou-vos o clerigo, matou-vos o frade, matou-vos a freira, matou-vos o grande, matou-vos o pequeno, matou-vos o privado, matou-vos o baixo, matou-vos o povo, matei-vos eu, matámol-o todos quantos somos; pois entre nós não houve um tanoeiro que lhe tomasse mão da redea, como fez a outro rei d'este reino...

«Mas Deus é justissimo. Já que vos a vós não lembrou o bem commum, se não só o vosso particular interesse foi tão grande que a todos fez calar, e não houve ninguem que gritasse, todos mentistes, todos lisongeastes, nenhum de vós fallou verdade, recurvando e retorcendo a condição do rei á insaciavel fome da vossa cubiça, um para casar os parentes, outro para melhorar o of-

ficio, outro para haver commenda para filhos e e netos!... Deus é justissimo; não vos tomeis com elle; que tantas lagrimas de pobres, tantas oppressões de povo, tantas vexações tão exhorbitantes em que o rei tinha pouca culpa ou nenhuma... pois não faltavam letrados que lhe diziam que sim podia; mas como a culpa toda foi vossa e de nossos peccados, juizo justissimo é de Deus que não tenhaes paes, nem maridos, nem filhos, nem parentes, nem honra, nem vida, estou em dizer nem Deus, senão affronta perpetua, sibilo perpetuo, ignominia indelevel em vosso rosto!...»

Basta. E' como dissemos acima: é bem verdade que os tempos se aproximam... e se parecem.

O padre, ha mais de trez seculos, invocava o castigo de peccados; o que se invoca hoje é mais grosseiro de razões, embora seja mais jactancioso de palavras!

Vingança

A vingança, segundo o dictado, é o *prazer dos deuses;* mas, a nosso ver, e se ainda vigorasse o regimen symbolico do Olympo, a affirmativa não passaria de uma blasphemia, porque a vingança, de verdade, é o *prazer dos homens*. Ou de certos homens, desherdados do sentimento nobre ou do esquecimento das offensas, que é, para os bem dotados, um titulo moral que os condecora e nobilita.

Por isso não gostamos d'aquelle espirito vingativo do protogonista do romance, demais a mais sendo certo que elle se apresenta e faz valer e admirar por qualidades destoantes d'esse preoccupado espirito de revindicta. A vingança que apenas tem a sancção penal do ridiculo, acceita-se, se é necessaria. O castigo não deixa de surtir effeito por ficar áquem da culpa; mas a que se faz doença moral, que nem o amor nem a familia abrandam, fazendo-a repillir, torna-se odiosa, e o vingador quasi que se enfileira com o culpado.

Em certo modo o auctor tem este criterio, escrevendo:

«Vingam-se com o ridiculo as aversões de ca-

> pricho, as invejas corrosivas, os odios não inveterados; mas o rancor das almas graves, quando a religião o não desentranha, anceia a vingança mais que homicida, a morte moral do inimigo.»

Tem este criterio, mas o peior é que o homem, que anceia a vingança mais que homicida, tem a consagração moral no meio da acção romantica em que a exercita!

Mas deixemos discussões...

Vamos ao romance.

Constantino d'Abreu e Lima, a quem um criado de seu pae, Antonio José, rouba o patrimonio, fica na mizeria.

O Constantino, em consequencia, fez-se falsario. Vai para o degredo, emquanto o Antonio José vai para o commercio dos vinhos, surgindo ao depois Visconde.

Mas o desgraçado foge. Na America, trabalhando e herdando, torna-se milionario, e como não pode voltar á patria com o nome proprio, que ficara deshonrado nos registos criminaes, apparece transformado em Barão.

Cuidava mortos esposa e filho; mas, encontrando-os vivos, num conjuncto de episodios dramaticos recompõe a felicidade dos seus e dos descendentes d'aquelles que, por necessidade, auxiliara a expoliar pela sua arte de imitações de letra. E com os seus, já felizes, cheios de amor e enternecimento—e aqui está o feitio mau do espirito vingativo de Constantino—, desmascara o Antonio no meio do mesmo scenario em que elle praticara o roubo, impellindo-o para a miseria e para o crime.

O romance abre por uma scena de espirito no Hotel dos *Irmãos Unidos*, em Lisboa, e fecha dramaticamente

pelo castigo do Visconde, mas aquella scena não condiz com o final, sendo no entanto um trecho de tanta originalidade, que queremos transcrevel-o na integra.

Ahi vai:

«Um dia, porém, exactamente n'esse jantar porque principia esta historia, Roberto Soares, que assim se chamava o jornalista do Porto, repleto de indignação, ergue a voz quando todas as attenções se concentravam n'um pentagono de boi assado, e diz:

«—Corre em Lisboa que está hospedado n'esta casa um principe da Ethiopia. Eu já disse que nenhum dos meus companheiros era negro, mas redarguiram-me que o principe era mulato branco e só pela fala se denuncia. Qual do senhores é o principe, que quero beber á sua saude?

«Os convivas encararam-se com serio reparo; suspenderam por instantes a dura deglutição, mas não proferiram um monosyliabo. Passado o momento da surpresa, cairam, unidos, como um só homem, sobre as talhadas do boi, e Roberto Soares desceu lentamente o braço que erguera para brindar o principe.

«—Pelo que vejo — tornou elle, rufando no prato com duas facas—pelo que vejo, os senhores são todos principes da Ethiopia disfarçados. Declaro que hoje hei de commetter um regicidio. Qual dos senhores tem a cabeça mais vazia de intelligencia, que lhe quero introduzir trez onças de chumbo?

«—Eu acceito o favor, se nenhum d'estes se-

nhores quizer — disse um homem trigueiro que estava defronte de Soares, procurando o cerebro no coração d'uma pescada. E proseguiu: — Aqui estava eu agora procurando a intelligencia d'esta pescada, e acho uma cavidade ôca, a qual offereço ao exame de V. S.ª que, ao que parece, costuma fazer na especie humana os estudos que eu faço no peixe cosido.

«Roberto Soares fez uma cortezia ao interlocutor, e disse com gravidade:

«— Vejo que seria uma barbaridade matar um principe, que promette reinar illustradamente. Pois o senhor sabe dizer cousas d'essas, e teme, ha quatro dias, privado do seu espirito? Está o meu amigo convidado para conversar hoje commigo quatro horas, e então discutiremos qual dos nossos companheiros é o principe disfarçado.»

Não sabemos, nem queremos saber, se este rompante de atrevimento é contradictorio com a situação de Roberto Soares, que fôra a Lisboa mendigar uma posição, gastando os sacrificios da familia pobre que elle estremecia, e de quem procurava ser o amparo. Não condiz, decerto, nem com o seu feitio moral, que no decorrer se mostra cheio de reservas e conveniencias.

Não sabemos, nem queremos saber, porque isso é o menos junto da mechanica litteraria, de interesse imprevisto, que o trecho certifica.

Mas de permeio, entre a comedia e o drama, ha episodios da mais encantadora poesia idilica, como são os que se passam em Cascaes, entre um velho fidalgo e uma creança angelical, que elle ampara, e que é um dos

mais puros caracteres de bondade feminil que a arte humana tem inventado, á falta de elles existirem de verdade no meio das Ninives e Babylonias de todos os tempos e de todas as civilisações.

Mas a par da poesia de Izaura vem a realidade das cousas, principiando por esta observação, que todos por dem fazer, mas que ainda ninguem formulou tão perfeitamente:

> «Ninguem corteja, em distracção, um homem que apresenta letras de cento e vinte contos. A presença de um millionario ensina mais cortezia que um compendio de civilidade.»

E continua em outras paginas:

> «..... é fraqueza em que se abastardam os animaes, desde que o dinheiro usurpou as venias que, n'outros tempos, nobilitavam o individuo rico de outras especies. Os que basofeiam pureza, independencia e isempção, são auctores, n'outro genero, da comedia humana.»

O seu processo é *observar*. Elle o diz, embora, apenas, com intenções de insinuar que a sua litteratura não se embioca com refolhos e rendas da phantasia:

> «Eu não tenho imaginação, tenho memoria, memoria do que vi, do que senti, do que experimentei. Se descarno as pinturas, se descrevo uma scena friamente, é porque assim os olhos, que a viram, a levaram á alma, que a imprimiu

> em si. Se me deixo ir nos arrobos do coração, que se ala para o imperceptivel, desesperado de encorporar na palavra o que é só do fôro intimo da alma, é porque, em tal situação, na presença de tal facto, ouvindo tal historia, vendo tal mulher ou homem, senti assim o que talvez outros olhos e outras almas vissem e entendessem de outro modo.»

Mas vendo que se reverenceia o dinheiro, por excellencia, viu e comprehendeu muitissimo bem...

E observa melhor, por egual, a psychologia do povo, antecedendo a critica, menos precisa, dos Le Bon do nosso tempo critico:

> «A feição que individualisa o povo, nos ajuntamentos, nas praças, nas officinas constitucionaes onde se fabricam as formulas do governo representativo, essa feição não é a sua, é a compostura que o desaira, o velho cobre da velha moeda com cunhos novos, abertos á pressa, despolidos e grosseiros.»

Até parece uma prophecia de ha 40 annos!

De resto, o thesouro é grande. E' questão de excavar nelle com talento e arte, e o auctor, interrogando e exclamando, como que nos apontava o itenerario a seguir:

> «Quando nascerá o genio que nos conte devagar, phenomeno por phenomeno, as metamorphoses que temos visto? Que comedias e que tragedias, desde o leme de um barco de pipas

até á vara de uma presidencia municipal? desde a tripeça da palmilheira de aldeia até á banqueta carmezim para a portinhola do *coupé* da Viscondessa?!»

E muitas outras metamorphoses d'aquelle tempo, que já era rico do genero, para comparações d'este nosso tempo, tempos de agora, que são riquissimos!

A bruxa de Monte Cordova

Aqui está um romance em que se ri. Em que se ri muito, e nem em Balzac, nem em Zolá—os dois grandes, primaciaes romancistas francezes contemporaneos de Camillo—, a gente ri, o que fazia dizer a um chronista do *Figaro* que a litteratura da França estava necessitada de um Paulo de Koch, porque as sociedades tambem precisam, pelas letras, da alimentação do riso.

Aqui está um romance em que se ri, mas onde se chora ainda mais, por se não ter chegado, por decreto que reflicta petições do livre pensamento superior a choros, que se devem represar as glandulas lacrimaes, quando mandem aos olhos as grossas bategas das tempestades do sentimento!

Ri-se com os episodios grotescos que se passavam nos claustros de Refojos e Tibães, mas chora-se com a expansão simples, desembeocada de artificios, das bôas almas singelas que por lá se amortalhavam no habito.

Ri-se com as fanfarrices de dois frades, que não mediam o deslinguamento facil pela rigesa do pulso remisso, mas chora-se quando um velho criado—como havia

criados e já os não ha—, recolhe, educa e *faz homem* o filhinho desamparado do seu amo querido, até ao extremo de não poder, aos setenta annos, curtir as lagrimas amargas da ausencia, indo ter com o seu menino ao Brazil, para onde elle se fôra a mourejar!

Ri-se quando esse rapaz castiga os parentes quando é rico, não tendo dado tento d'elle nas agonias do desamparo e da miseria, mas chora-se—sabendo bem as lagrimas que se choram—quando Fr. Jacintho de Deus ampara nos seus braços de velhinho a mulher infeliz, que tendo ao seio um filho, chora perdidamente o homem do seu amor, morto na guerra!

Ri se, mas chora-se; e o choro contenta muitissimo mais que contenta o riso!

Thomaz d'Aquino entra no convento, já enamorado, desde criança, de uma pastora de aldeia, mais linda que as espirituaes patricias do seu tempo.

Requestando-a, disputam-lh'a atrevidamente outros dois frades, seus companheiros conventuaes, muito apadrinhados de favoritismos.

Thomaz d'Aquino vai ás mãos com os dois, e deixa um d'elles em perigo de morte.

Perseguido, mettido em carcere negro, foge, para fugir á tortura. Faz-se soldado liberal, e cae varado num recontro em Campolide.

Angelica Florinda, a formosa moça que se lhe entregara cheia de amor, torna-se fanatica, alheiando-se das lembranças da sua paixão, para assim se purificar dos seus peccados e remir para a bem aventurança a alma de Thomaz.

Pelo fanatismo, que um arrabido lhe atiça, vai até o ponto de repillir o filhinho, que lhe sorri innocente!

Esse fanatismo vai crescendo, crescendo, chegando ao extremo de abandonar todas as ralações, e de no meio da sua pobre vida errante se fazer eremitoa da capella de Monte-Cordova, onde o filho, que voltara do Brazil feito Barão, a vai encontrar, por acaso, toda embebida e satisfeita na sua humildade.

E o livro fecha por este lance, morrendo a mãe nos braços do filho—o pobresinho que ella desaconchegara do ninho do seu coração!

O romance reflecte a vida dos conventos e das campanhas do absolutismo; mette Pita Bezerra com acompanhamento de capitães mores, tão despoticos e crueis como elle; falla-se nos ralos dos mosteiros e falla-se nas estradas, e dos episodios passados nos caminhos em tempos de rêvolução, é typico este quadro, em que a gente como que assiste a um espectaculo representado com arte:

«Fr. Jacintho pegou do Breviario e do bordão, foi á residencia do Abbade despedir-se dos superiores, e sahiu com os seus oitenta annos a dobrar-lhe a espinha por aquellas gandaras abaixo, com a mira posta na sua aldeia, visinha do Arco de Baulhe, em terras de Basto.

«Ao chegar a Penafiel, disse-lhe a gente das aldeias que não fosse ávante, que estavam na villa soldados do Porto.

«—Deixal-os estar. Que têm os soldados commigo?—disse o monge, e seguiu.

«A soldadesca fez grande alarido, quando viu assomar o frade no alto da rua.

«Os mais audazes correram ao encontro d'elle,

e empeceram-lhe a passagem. Fr. Jacintho quedou-se, e elles involuntariamente suspenderam o tiroteio das chacotas. O aspeito do monge não era de inspirar zombaria, senão respeito.

«Sem embargo, um ilhéo de más entranhas poz a mão nos hombros do velho, e bradou-lhe:

«—Quem vive?

«—Vive vocemecê, vivem os seus camaradas e vivo eu. Agora, quem ámanhã viverá, Deus o sabe, respondeu Fr. Jacintho.

«—Não pergunto isso, seu burro!—tornou o farcista. Quem vive? O Miguel ou o senhor D. Pedro?

«—Vivem ambos, creio eu—tornou o monge.

«—Tu és malhado ou realista?—perguntou outro, já bandeado com o ilhéo no escarneo.

«—Sou frade.

«—Isso vemos nós que és, velhote; mas queremos saber que partido tens; que bandeira segues...

«—A de Christo.

«—Christo era republicano—disse um sargento, que tinha emigrado e lido muito tolice philosophica.

«—Christo era filho de Deus, tornou o monge.

«—Fóra, lorpa!—exclamou o sargento. Por essas e por outras é que nós aqui andamos a escangalhar o despotismo dos frades. Aposto em que tu ainda pertences aos inquisidores?

«—Sou do tempo da inquisição, mas não pertenci á ordem de S. Domingos.

«—Então que frade és?

«—Bento.

«—Bento sejaes, larga os atafaes—gargalhou um soldado, puchando-lhe pelo habito.

«—Deixa o velho, 22—disse o sargento.—Para onde ias tu? Naturalmente ias prégar algum sermão contra nós...

«—Não, senhor—ia para minha familia.

«—Que livro levas ahi?

«—Um breviario.

«Um soldado tirou-lhe das mãos o livro, abriu-o a meio, desobstruiu as goellas, deu á cabeça tres vezes e começou a cantar: *Domis vobisco et cum espirituó!* E os outros respondiam em côro com burlesca dissonancia: *Amen.*

«—24—disse o sargento—dá o livro ao frade.

«—Canta lá uma das chalaças que vocês sabem...—insistiu o 24, pondo o livro aberto á ponta do nariz do frade.

«—Nós não cantamos chalaças—disse com imperturbavel serenidade Fr. Jacintho.

«—Leva rumor!—tornou o sargento. Vamos levar o velho ao major, e saber se o deixaremos passar.

«Caminhou o frade entre a chusma de soldados e paisanos bandeados com a tropa dos liberaes—a escuma das povoações que suja todos os bandos. Estes eram os mais insultadores. Um gaiato empurrado por outro foi de encontro ao frade, e derribou-o. O sargento deu uma coronhada na cabeça ao rapaz, e Fr. Jacintho disse:

«—Deixe-o, senhor.

.....

Parece mesmo que estamos a ver. Pois não é verdade? Mas basta, porque sentimos vontade de transcrever tudo.

Fr. Thomaz amava Angelica, e Angelica amava Fr. Thomaz.

Mas dizia João de Deus:

A culpa quem a tem?
Foi quem te fez formosa,
Foi Deus, pallida rosa.

E Camillo, prosaicamente, escreve:

> «A culpa era o *fomes peccattis*, a «isca do peccado», boas palavras com que os santos padres explicam uma cousa simplicissima que os rouxinoes dizem em regorgiados trillos, os poetas em madrigaes de esmadrigadas cantilenas, e os individuos todos, a seu modo, desde o hurro atroador do leão hercano até ao guincho estridente da aguia do Herminio.»

Isto é de todos os tempos, desde... o Paraiso, lá para a região do Euphrates. Não tem havido progresso, embora o haja na escola viciosa da besta humana, que vai sempre ascendente, não sendo previvel até onde chegue a febre de tantas conquistas civilisadoras.

Leiam:

> «Modernamente os vicios são tantos, em comparação dos antigos, que hoje em dia alguns dão mais trabalho a conseguir que propriamente as virtudes oppostas. Conservando-se Satanaz neu-

tral, a honestidade é a mais barata das grangearias.»

Mas... *le monde marche, depuis le brin d'herbe jusqu'au l'etoile, et depuis l'etoile jusqu'au l'homme.*

D'esta maneira sentenciava Peletan.

Mas passemos d'oculo no cosmorama.

Temos aqui um aforismo experimental:

«A cegueira do coração não deixa ver senão o o que a sciencia infere e a mão apalpa.»

Sciencia inductiva, e não deductiva no caso. Não é de doutrina, mas é de pratica.

Mas esta pratica observadora alinda-se em traducções poeticas:

«Se bem me lembro do que eu via quando tinha que ver, ha uns alvoroços de mulher que dobradamente as aformosentam: é quando ellas, voluntariamente promettedoras para um noivado que a religião abençôa, ou para as nupcias da sua escolha, que a religião condemna, se contemplam na hora de serem avinculadas a uma outra vida já de antemão espiritualmente duplicada na sua.»

Pois é mesmo por entre estes trechos e similhantes, que neste romance ainda mais se chora do que se ri!

Os brilhantes do brazileiro

Que grande artista na architectura de um romance era Camillo!

Nunca será de mais exclamar-se assim.

Como elle, de improviso, punha sobre o edificio uma cupula que se lhe ajustava na significação moral e material, parecendo que lançara os alicerces para um remate muito diverso!

Que grande artista, nas applicações do seu engenho litterario, era Camillo—o primeiro e unico de uma dymnastia romantica!

Não teve antecessores, como não teve successão.

O romance da epigraphe começa por uma scena de brazileiros, e passa a uma scena de lyrismos puros, depois a outra de amores tragicos, findando pelo quadro apotheosico do amor de familia, com lagrimas que são de alegria, por brotarem da fonte do coração! Com os brazileiros mistura generaes e fidalgos, ao orgulho junta bondade, do sentimento aproxima o interesse, mas d'essa *confecção*, em vez de sahir o absurdo, sahe a logica dos que roubam com a conclusão dos que se amam!

Uma menina, Angela de nome, rebento da bastardia de um general, enamora-se do filho de um sachristão de Nossa Senhora da Agonia, em Vianna do Castello. Contrariada, foge para o rapaz, que não encontra, ficando immaculada.

A familia, cheia de prosapias, abandona-a por fim, e ella, no meio de infelicidades successivas, casa-se com um brazileiro, senhor de meio milhão, ficando no entanto fiel aos seus sentimentos.

Este é o facto, e não pautemos o proceder da rapariga pelas regras classicas, pois que aos termos do contracto civil não pode obrigar-se o coração.

Na constancia do matrimonio, e sem que o rapaz o saiba, mas para o fim de o sustentar nos estudos, desengasta brilhantes do seu collar e pulseiras de noivado, e vende-os.

O marido é sabedor da venda, cuida-se atraiçoado, e depois de muitas scenas, ella, sem nunca descobrir o seu segredo, sahe de casa do marido e recolhe-se á companhia da irmã querida d'aquelle que fôra o eleito da sua alma.

Ao tempo já este era medico, e fôra para o Brazil, de onde volta com fama clinica; e como o marido brazileiro já morrera, realisa-se o casamento de amor.

Mas não pára aqui.

O medico vai para o partido de Boticas, em Traz-os-Montes. Por acaso da sorte, opéra, com o melhor resultado, de uma cataracta negra o general seu sogro, e este, quando regressa a ver a luz, sabe que devera essa felicidade ao marido de sua filha.

Tableau. Faz-se a felicidade completa num dia que levara muito annos a alcançar-se, porque muitos che-

gam a este fim, que alguns alcançam num instante, pelos largos caminhos e atalhos da amargura!

Uma vez estabelecida a textura do livro, passemos a fazer extractos da sua riqueza.

Percorram todas as galerias conhecidas das melhores caricaturas. Cá dentro, e lá fóra. De Hogarth, que as fez na tela imperduravel, ao inolvidavel Bordalo, que as deixou no papel, que tão facilmente as corroe e inutilisa.

Todas!

E digam se já viram caricaturas como as que lhes vamos apresentar—os membros do conselho da sua amisade que o brazileiro congregara para zelarem a sua honra de marido desditoso.

Primeira:

«O sr. *Athanasio* tem quarenta e oito annos, é capitalista, casado, socio que foi de molhados com o sr. Ficalho, bom visinho, cidadão pacifico, e aos costumes disse nada. Porém, o povo reza que elle, apanhando em flagrante a esposa numa excursão philarmonica ás espheras sonorosas com um caixeiro, tão duro e miudo tocara compasso, no caixeiro, com a batuta de uma tranca, que o rapaz expulso a couces chegou á terra natal, e expirou oito dias depois, contando o segredo a sua familia.

«A esposa, depois de encerrada quinze dias no seu quarto, viu abrir-se a porta á força, fez o acto de contricção para morrer christãmente, e ia expirar de pavor quando o marido lhe abriu os

braços e disse: «—Estás perdoada; mas, se fazes outra, escavaco-te.»

«Depois d'isto, o porte d'esta senhora reduz as Fulvias e Marcelias a condições indignas dos gabos historicos. Peccado que passa por ella é visão que a enjoa e adoenta. As filhas, quando a ouvem discretear em virtudes, cuidam que a sua mãe é uma mulher da Biblia.»

Segunda:

«*Pantaleão Mendes Guimarães,* quarenta e cinco annos, capitalista, armador, antigo merceeiro e *engajador moderno*. Ha doze annos que uma frescassa loureira, chamada Francisca Ruiva, lhe coou filtros cupidinios atravez das enxundias do peito e atorresmou os toucinhos da alma.

«Pantaleão trasladou do bordel ás alcatifas da sua casa a Ruiva saudosa do landum chorado, investiu-a da governança da dispensa, e mais tarde esposou-a, no intuito de condecorar socialmente a lama que trouxera do alcouce.

«E de feito, D. Francisca Mendes, neste anno da graça de 1847, já logrou a satisfação de se ver tambem alcunhada de *esposa virtuosa* nas gazetas.

Terceira e ultima:

«*Joaquim Antonio Bernardo,* negociante por atacado de fazendas brancas, quarenta e um annos, estupido perversissimo, antigo gandaeiro, que

passara uma doce mocidade, subtrahindo assucar mascavado das caixas no Terreiro do Paço, e actual irmão da Mizericordia e fiscal da mesma. Casou com a mais desbragada pôlha que deu a Maia, e arreiou-a de sedas e setins para a passear nas praças do Porto com o gaudio de um cornaca vaidoso que expõe o seu elefante ajaezado bizarramente. Esta Lais de trapeira, quando passa espeitorada, tresanda e trescala o fartum das excreações cutaneas. Não obstante, a sua antecamara não inveja á de Lisboa o sêvo das delicias em que a maiata, Circe digna dos javardos que a esfoçam, ganhou renome que bastaria a felicitar trez collarejas. Esta dama já se viu, num jornal que dava conta de um seu baile, nomeiada de illustre e de distincta. Ambos os epithetos lhe quadravam, occultos os substantivos. Não a tratavam por virtuosa porque o localista receiou que o termo, revendo ironia, lhe fechasse as portas do seguinte baile.»

Onde ha melhor?

De onde o reproduzem?

Melhor em critica, melhor em linguagem, melhor em quadro, melhor em pintura, melhor em synthese?

Não conhecemos, no genero.

Ha tantas Mofinas Mendes, isto é, tanta gente bôa que faz calculos sobre o futuro, que sahem errados? Como aquelle vidraceiro das *Mil e uma noites*, que accumulava em phantasia os ganhos do seu negocio, até que, muito rico, poderoso senhor, casava com a filha do Grão Vizir.

Sempre proseguindo no seu sonho, e augmentando-he o auctoritarismo na proporção da riqueza, chegava um momento em que se zangava com a consorte, exprimindo a ira por onde costumam manifestal-a as cavalgaduras.

Mas a mulher era de sonho; de realidade só havia ali ao alcance, a vidraria do seu commercio, que ao jogo dos seus pés se quebrou num instante, cahindo, elle, como Bompart, na desillusão das cousas.

Bompart, aquelle personagem de Daudet—*un dormeur eveillé qui parle son rêve!*

São muitas as Mofinas Mendes...

Mas vamos admirar uma excepção á regra, de quem sonha pelo pratico da vida.

Dizia um medico, conversando com a esposa sobre o destino do filhinho que ella ainda trazia no ventre abençoado:

> «—Será artista.
>
> «—Artista?...
>
> «Artifice é mais portuguez. Terá uma profissão que lhe abaste á sua subsistencia e á de uma familia creada com pouquissimas necessidades.
>
> «—Não aprenderá a ler, para crer; não saberá nada de sciencia humana para entender bem o *Padre Nosso*, que é a sciencia divina baixada até ao homem; dormirá o somno pesado do operario para não sonhar chimeras.»

Bons tempos em que Camillo escrevia assim, ha cincoenta annos! Lá fóra, quando os operarios em França

procuravam fazer uma republica social, já elles tinham sonhos e visões chimericas. Mas neste *jardim da Europa á beira-mar plantado*, segundo Thomaz Ribeiro, onde o *mato é de murta e a larangeira cresce na horta,* conforme Almeida Garrett, ainda elles não liam jornaes, e emquanto a desejos, tinham os de que soassem as *Ave Marias*, para largarem a enxada, comerem da magra sopa e fecharem os olhos, em procura de um somno reparador, que lhes permittisse continuarem no dia seguinte nas gehenas do circulo vicioso da sua pobre vida!

Bons tempos? Maus tempos?

Vá lá saber!

Tempos que mudam na politica como... na *toilette* das mulheres!

Como assim?!

E' como Camillo lhes diz:

> «Orvalharam-se-me, ha dias estes olhos, quando passados annos de ausencia do grande confluente das familias do Porto, volvi ás praias da Foz. e reconheci a custo as bellas damas da minha mocidade. Fóra de lisonja, eram ainda grandiosas reminescencias dos esplendores da formosura antiga, sem impedimento de tecidos molles que lhes almofadavam as espaduas e quadris; o que porém entristecia era ver as filhas d'estas sadias mães. Britanicamente esgrouviadas, delatando a magreza dos troncos aos ossos escarnados, as filhas das sebaceas bellezas de 1850, assustam a alma devotada mais fervorosamente ao ideal, que a palidez e o osso por onde os poetas costumam entrever as deslumbrantes cousas do céo.»

Tudo é conforme, e á parte os poetas, que os deve haver egualmente inspirados no cheio e redondo em que se figuram os cherubins, e no magro, delgado e esguio em que se pintam os anjos que avoam, cremos que o paladar se afaz, em tudo e por tudo, aos costumes de cada época. Aliaz, se assim não fosse, nem se mudavam os figurinos, e devendo Camillo assustar-se com o das *travadinhas*, que teem admiradores, se resuscitasse á vida portugueza no 1.º anno da sua Republica.

Mas entre as cousas mundanas, misturam-se pensamentos de philosophia christã, porque Camillo foi um christão, mal avaliado pelo espirito grosseiramente sectarista, que tanto tem prejudicado, provocando represalias, o espirito religioso portuguez. Foi um christão, embora por vezes irreverente, na velocidade adquirida da sua critica mordente e livre.

E por isso, vamos copiar um trecho, um dos muitos por onde elle se affirma tal qual foi por nós comprehendido na sua individualidade moral.

E' quando, em busca da luz dos seus olhos, o general Simão de Noronha volta ao amor de sua filha.

A conjuncção d'esse phenomeno moral é assim descripta pelo auctor:

> «Eu ousaria explicar tudo em pouco. A pala-*Deus,* abrange a incognita de ceo e terra, o incomprehensivel da alma, e o insondavel das cousas que a razão natural, de pouco alcance mas inflexivelmente orgulhosa, capitula de paradoxos.»

E acaba, resumindo tudo, abrangendo tudo:

«*Deus*. Porque não?»

—Porque não.

E' capacissima de responder assim, em bastas columnas de prosa de gazeta, muita gente lida e treslida que não pode arranjar outra resposta.

Porque não...

O que fazem mulheres

Romance que tem primeiro prologo—*A todos que o lerem;* segundo prologo — *A alguns dos que lerem; Capitulo avulso;* texto, e por fim *Supplemento*, onde, por signal, de improviso nos apparece um homem que só pela sua pessoa dava para uma novella: Marcos Leite, de nome e appellido, peralta que se julga fatal no destino das mulheres que aborda, metralhando-as com olhares fatidicos e redondilhas maiores e menores sonorosamente declamatorias.

Parece que o auctor, com os prologos, capitulos avulsos e supplementos, tem a justificada vaidade de mostrar que por todas estas barricadas, que por capricho levanta, é muito capaz, sem nunca perder o fio, de conduzir á conclusão logica, ao mesmo tempo da natureza e da sociedade, uma novella contemporanea, muito mais complexa de sentimentos, embora menos intensos, que uma tragedia antiga, que por ser muito simples, por isso mesmo rezava de paixões de morte.

O auctor podia estabelecer uma these: os casamentos de interesse conduzem á fallencia o contracto matrimo-

nial. Mas Camillo nunca foi homem de theses: as theses é que rebentam, com realidade, da lavra vertiginosa da sua imaginação fecundissima.

Com effeito trata-se de dois casamentos, que sendo feitos por conveniencia, foram infelizes: o de D. Angelina Mesquita e o de sua filha Ludovina da Gloria—que de facto se deve encontrar na bemaventurada estancia de que resa o seu sobrenome, pelo muito que na terra dispendeu em bondade santa.

D. Angelina prevaricou com o homem que obrigaram a abandonar, para a entregarem a outro, em que os paes erraram os calculos, pois sahiu pobre quando se cuidava rico, valendo ao seu lar as liberalidades do seu rival, que tanto sabia guardar o amor, que ninguem durante muitos annos deu tento d'elles se amarem.

Ludovina, ao contrario, sacrificada, menina e moça, ao bezerro de ouro, representado na pessoa adiposa de João José Dias, conservou-se immaculada e pura, embora, por trocadilhos habilmente preparados pelo auctor, se veja considerada como amante do amante de sua mãe, homem este que por signal era seu pae de verdade, embora á face do Digesto, e pelo principio *patrem is est quem nuptiae demonstrant,* gosasse d'esta paternidade, muito a seu contento, o sr. Belchior Pimenta, empregado maior da alfandega do Porto.

E Ludovina, a linda, o anjo tutelar d'aquelle lar tão mal amanhado, sustenta a mentira, não se importando com as linguas do mundo, procurando sómente encubrir a deshonra de sua mãe.

Tal é o romance, onde, por ventura, ha incidentes comicos, onde a veia humoristica do auctor se permittiu

exageros destoantes, apenas desculpaveis pela formosura litteraria em que se desinvolvem e multiplicam.

Mas comecemos por um dos *prefacios*, e vejamos como elle pinta a evolução do *infolio* para o oitavo *charpentier* :

«Quando se escreviam bacamartes para as gerações soffredoras, que os leram, o sabio repunha ahi em azedo vomito as indigestas massas, que ainda hoje resistem ao dente roaz da carcoma e da ratazana, nos lotes esboroados das bibliotecas.

«O *infolio* era uma crença, uma religião, uma faculdade d'aquellas gordas almas, que resumavam pingue chorume por trez mil paginas em typo breviario.

«Não vos faz melancholia ver a lombada d'esses enormes volumes aprumados n'uma estante? Não ha n'aquelle espirito triste alguma cousa que vos faz crer que o *infolio* chora pelo frade ?

«Agora não se escreve d'aquillo, posto que o saber humano seja mais vasto, e opulentado com as vigilias de dois seculos laboriosos. Reina o romancista, que é o successor do frade, na ordem das intelligencias productivas. Ora o romancista ha de, por força da sua natureza scientifica, despejar no romance o que lhe traz intumecido o estomago intellectual; e o romance, assim deixará de ser lido, se o conselho superior de instrucção publica não organisar os estudos de modo que as sciencias transcendentes, em consorcio com a natureza phisica, desbravem o espirito charneca de muito leitor sandio.»

Rindo sempre, mas aquellas referencias aos *infolios* são mais de desdem apparente que real.

Muito leu — e vê-se bem de toda a sua obra — os infolios quinhentistas e seiscentistas, e muita cousa tirou até, para engalanar de critica caustica os seus livros, dos grossos tomos da Real Academia da Historia,

Os livros dos dois seculos, e depois Filinto, Garrett e Castilho é que constituiram a Academia em que se formou o seu espirito.

Os linhagistas, principalmente, eram muito da predilecção de Camillo, e devia percorrer dezenas do extenso rol que d'elles fez D. Antonio Caetano de Sousa. Elle por vezes reconhece que elles ensinam muitissimo para o intento de se fazer historia geral, e de certo manuseou com gosto os *bacamartes* a que se refere!

Deixemos, porém, esta materia, e assentemos uma maxima sua com que muito pode ganhar aquella feliz parte da humanidade que se encontra ao fazer d'esta na primavera da vida:

> «Entre namorar e amar, está o reflectir.»

Nunca, cremos bem, ninguem melhor empregou o uso de trez verbos importantes em uma linha de prosa!

E logo a seguir outra maxima, que não vale menos:

> «Nunca é feliz com um vestido de chita, a mulher que tem amigas com vestidos de seda.»

Depois, completando:

«O agente principal do espirito de uma mulher é a sua modista.»

Mas nem tudo é vasado n'esta fórma sentenciosa do aforismo. Este encontra-se-lhe por muitas vezes independentemente da fórma.

Se não, vejam o que elle diz sobre o dançar das mulheres casadas, o dançar que o Eutropio (parece-nos que é o Eutropio) regista *que se deve collocar entre o numero dos vicios :*

«Até parece mal uma mulher casada a saltarilhar com um homem que lhe pega pela cinta, e anda ahi com a cara ao pé d'ella.»

Deixando namoros, modistas, walsas, passemos ás reticencias.

Esses signaes, que dizem tudo sem nada dizerem, que calam pensamentos e escondem idéas, deixando ver umas e outros—as reticencias teem o seu capitulo neste romance.

Illustremo-nos, pois, na materia, além do que aprendemos nos lyceus :

«Adiante das reticencias ponha o leitor uma cousa insignificante chamada coração. As reticencias poderiam dar a mysteriosa origem de bastas agonias. Onde ninguem vê nada, estão ladeiras de muitos abysmos. Ha ahi muita gente transviada na vereda que leva ao deserto sem horisonte—deserto onde não esfolha arvore com sombra, nem borbulha fonte que reviva peitos seden-

tos de vida. Na historia d'essas almas, que já aqui levam o letreiro fatal do poeta florentino — almas sem esperança, e, portanto, sem amor, sem alegria, sem fé, sem Deus — na perdição d'essas ha um não sei quê indescriptivel, origem fatidicamente inescrutavel. Seria uma palavra? um acto de irreflexão cega? destino? impulso irresistivel? Não. Foi uma phrase cortada, uma expansão sincera afogada pelo pejo, pelo respeito, pelo terror. Foram as reticencias.»

Por muitos romances se refere Camillo ás reticencias. Ora as eleva, ora as rebaixa, conforme as circumstancias. Como se vê do trecho que fica transcripto, levanta-as como barreiras, cava-as como abysmos, enuva-as como mysterio. Ellas dão para tudo, culposas e innocentes, maldosas e com bondade, impertinentes e espirituosas.

Vejam o auctor a rir-se d'ellas, ironisando-as:

«Ha reticencias que não dizem nada.

«A litteratura merceeira, para justificar o adjetivo, inventou as carreiras de pontinhos, as quaes correspondem aos pesos roubados das mercearias.»

Mas é sem reticencias, antes ás claras, que elle se refere a um homem acomodaticio, de bôa compleição e animo quieto:

«O melhor é ser assim bom, ser assim illustrado, ser assim desbravado das velharias pundonorosas que obrigaram Cicero e Sulpicio Gallo a

divorciarem-se das mulheres, um porque a sua lhe não respondeu a todas as cartas enviadas do exilio, outro porque a d'elle teve a impudicicia de sahir um dia, sem coifa, á rua.»

O que nós teremos que ver, como pretexto para verificar se, com effeito, na variedade se encontra o deleite!

Deve de haver episodios de coifas e de epistolas que ficaram sem resposta, podendo citar-se nas petições de divorcio a auctoridade de Cicero e a do sr. Gallo tambem, que pelo appellido dever ser uma recommendação optima!

Carlota Angela

Este romance é um d'aquelles em que o auctor dá menos largas á forma critica e á veia humoristica.

Não lhes falta ainda assim, mesmo porque, ainda que quizesse, não podia faltar-lhes, porque não ha estylo que se mascare, como não ha caracter que se occulte.

Quando ha caracter, e quando ha estylo...

Mas a acção dos dois protogonistas — duas creaturas de Deus que se amam a não poder mais — é de tal fórma intensa, que pouco azo dá para que o espirito se expanda alegremente, em contraste com das muitas dores que se curtem e com as muitas lagrimas que se vertem.

Carlota Angela era a filha unica de Noberto Meyrelles e de D. Rosalina Rodrigues, pessoas ricas do Porto no anno de 1807...

No anno de 1807 eram ricas, mas a breve espaço foram pobres, pois que estas transformações rapidas, da opulencia para a miseria, são phenomenos vulgares nos periodos revoltosos, pelos quaes de muitos em muitos an-

nos possam fatalmente os povos, arrancados brutalmente da sua estagnação politica e social.

Moravam na rua das Taipas, e a menina contava ao tempo 17 annos—um rescendente botão do roseiral de Norberto e Rosalia, a abrir-se em sorrisos e encantos.

E o seu primeiro sorriso de amor foi para Francisco Salter de Mendonça, gentil official de Marinha destacado no Porto, que archivou esse sorriso no mais inatacavel e inviolavel dos archivos e oratorios: o coração.

Uma paixão a valer, entre os dois, compartilhada sem a minima differença ou desegualdade, encadeada com o élo inquebrantavel das extremas dedicações, d'aquellas que não conhecem os fossos do sacrificio, transpondo a todos com a audacia do sentimento.

Os paes de Angela, e um seu tio materno, o bacharel Sampaio, grande velhaco de marca maior, caracter repelente, doble, explorador de todas as idéas e de todas as eventualidades; os paes e o tio, iamos dizendo, fingem hypocritamente acceder de boa mente ao casamento, mas intrigando na côrte, fazem com que Salter de Mendonça, que devia casar no praso de um mez, seja promovido a capitão e mandado sahir com urgencia para uma commissão honrosa no Brazil.

Mas não param aqui, manobrando sempre o tio bacharel, que indo a Lisboa commissionado para a vilania, taes artes lhe encontraram que por lá ficou em vil mester, como adjunto de Pina Manique—aliaz o mais desacreditado dos nossos antigos homens publicos pela pretensa critica indocumentada pseudo liberal.

Assim o bacharel Sampaio, que veio a morrer enforcado, interceptando cartas de Carlota para Francisco, inventa junto da sobrinha que o official casara e morrera

na America, e junto do pobre moço que a noiva lhe fôra infiel, dando a outro a sua mão e o seu amor.

O leitor vê bem como um artista do talento de Camillo pode tirar effeitos d'estas situações dolorosas!

E tira-os, pintando torturas em que o inferno se concebe como realidade no espirito dos bons, que assim se veem esmagados, sem recurso, pela maldade estreme!

E a tempestade não amaina!

Nas trevas não chega a fazer-se a luz, pois que Salter, quando a intriga se desfaz e volta a Portugal, encontra Carlota freira professa no convento da Ave Maria, indo elle amortalhar-se no habito do mosteiro de Tibães.

O *impossivel, impossivel!*—que declamava Eurico na impotencia espiritual, que se eguala á impotencia material de Promotheu, chumbado ao rochedo do seu destino!

No entanto, apesar da observação que fizemos, no romance *Carlota Angela* ainda encontramos perolas litterarias para o nosso escrinio.

A questão do suicidio—o ponto final na vida de Camillo—é por elle muitas vezes apreciada como se verá por passagens de alguns dos seus romances.

N'este, por exemplo, diz muito em pouco, dizendo assim:

> «O suicidio é o maior dos crimes, porque é o despreso do divino remedio nas dores passageiras d'esta vida.»

Mas quem lhe diria, em 1865, que havia de praticar o *maior dos crimes!?*

E' que por então, certamente, apenas havia soffrido as *dores passageiras!*

Discretando sobre o bicho homem — a fera civilisada:

> «A mais suave maledicencia, querendo poupar a natureza humana ás querellas e libelos da philosophia rixosa, diz que o homem é um mysterio.
>
> «A theologia christã, para desencarregar o supremo artifice do desaire da sua obra, diz que o homem é um ente degenerado da sua primitiva puridade.
>
> «Em bôa paz com philosophos e theologos, a mim se me afigura que o homem é um composto de grandeza e pequenez, uma dualidade de gigante e pigmeu.»

Cremos que se afigurava muitissimo bem. Elle tem modalidades, conforme as circumstancias, na mesma pessoa; modalidades que elle cria ou que vão ter com elle, por vezes reflectindo estravagancias, como esta que o livro regista, e que é da observação de todos:

> «O amor sem a desconfiança, a esperança sem a duvida, dá um socego de espirito que não quadra á sua natureza irrequieta.»

E' assim, e já os antigos o figuravam... com settas. Continúa:

«O pungio de constante espinho é-lhe um necessarir estimulo de vida. Se elle sahe do coração, é forçoso que fira o orgão de outras paixões. Se o amor prevalece á ambição de glorias e de riquezas, satisfaça-se o amor, e a outra paixão resultará com toda a impetuosidade do arco retesado...»

Para, satisfeito o amor, voltar a paixão das glorias ou das riquezas...

E' dos livros, em que o homem reflecte todas as philosophias.

No que, porém, a philosophia é absoluta, não admittindo relatividades, digam o que disserem os apaniguados de Comte, é no pensamento que vai ler-se:

«O mais desgraçado dos homens é o que não tem sequer por si o olhar compadecido de um cão.»

Mas voltando ao homem:

«Estamos fartos até ao tedio de ouvir dizer, que o homem é bom, que o homem é mau. O homem não é bom nem é mau de seu natural: é aquillo que o fazem ser; é o que realmente deve ser n'este mundo, segundo a organisação viciosa, falsa, peccaminosa, quer o defeito começasse no paraizo terreal, quer nos multiplicados infernos que as edades se foram creando atravez das civilisações.»

Só falta acrescentar que em cada edade e em cada civilisação, apparecem homens que arrastam multidões, gritando que possuem processos de arranjar a organisação referida.

Per omnia secula seculorum...

Agulha em palheiro

O titulo corresponde a uma locução portuguezissima, de todo o reino, porque em Portugal ha locuções, infelizmente não collecionadas, de região, de provincia e até proprias de certas terras de grande e pequena importancia. *Procurar agulha em palheiro* é locução significativa de trabalho difficil, quasi impossivel de realisar.

Mas ás vezes consegue-se, no sentido figurado, pois que não consta que alguem mettesse mãos em esmiuçar palhas infinitas, para no meio d'ella encontrar a agulha que se perdeu.

N'este caso do romance de Camillo a figuração consiste em encontrar almas sans no meio de podridões, sendo uma d'ellas tão infinitamente bôa, que sendo menina formosa, rica e nobre, vence o orgulho do namorado plebeu e pobre, indo procurál o para casar com elle, no momento em que pozera de banda, por inuteis, as cartas do bacharelato em leis, para se entregar ao officio do pae—honrado sapateiro estabelecido em Lisboa na Calçada da Sacramento n.º 10!

A acção romantica passa-se n'aquelle periodo difficil e

duro da transição do absolutismo para o constitucionalismo, quando os vencedores especulam e exploram e os vencidos se indignam e sonham.

Havia em Lisboa um sapateiro honesto e intelligente, Francisco Lourenço, amigo e admirador de Bocage, e parente de Francisco Dias Gomes, que dava honra á familia.

Francisco Lourenço não cultivava as letras, mas tinha nellas o alimento do seu espirito, entremeiando o trabalho da officina com a leitura das melhores prosas e versos do seu tempo; e como a fortuna lhe sorrisse feliz, quiz que seu filho procurasse a felicidade nas sciencias, mandando-o para Coimbra, onde alcançou diploma.

O caso é hoje mais que vulgar, mas n'aquelles tempos era caso de excepção, a ponto de condescipulos, melhor ou peior nascidos, o metterem de riso pelas funcções que exercia o pae, aliaz indispensaveis para que elles não calçassem por official de materia prima mais rija e affeiçoada aos seus pés, que em duresa deviam medir pela cabeça ou cabaça dos seus possuidores trocistas.

O filho do sapateiro Francisco Gomes fez-se um homem, em toda a extensão da palavra. Pertenceu ao batalhão academico, e, dada a Convenção de Evora Monte, e completados os seus estudos, foi viajar por essa Europa fóra, onde, em Florença, se enamorou loucamente de Paulina de Briteiros, filha de um Dezembargador do Paço do mesmo appellido, que se encontrava exilado, levando para o exilio a fama de cuel e despotico.

Amava loucamente a Paulina, mas o pae, como é de ver, negou-lh'a desdenhoso, e um seu primo, Conde e pobre, escuda-o nas repulsões de tal feitio.

Começa então uma perigrinagem, que mais incendeia o coração dos apaixonados.

Assim, o Dezembargador foge com a filha, para Londres primeiro, depois para Madrid, mas sempre com o moço na piugada, até que este, por effeito de umas referencias innocentes da noiva, esmaga o amor com o orgulho, e volta torturado para Lisboa, cahindo nos braços dos paes velhinhos e empobrecidos.

Mas Paulina é de caracter mais forte que o d'elle. Ella é que não tem orgulhos, e só tem amor; e como o pae lhe morresse, num prompto lhe apparece em Lisboa, e... casam.

No acção d'este bello romance chocam-se, em contraste, os caracteres mais diversos.

Ha fidalgos bons e fidalgos maus. Ha paes tyrannos e paes amantissimos. A amizade santa tem ali, n'aquellas paginas, um verdadeiro hymno de amor e dedicação. Ha irmãos que se estremecem. Ha desprendimentos nobres que não comprehendem interesses vis, e interesses vilões que não entendem purissimos desinteresses.

Ha de tudo, mas tudo se completa n'um romance sentido, feito d'aquella chamma que deixa o espirito quente do fogo da bondade e alegre de plena luz immaculada, que bate de reflexão.

Falla de Francisco Lourenço, o artista enthusiasta das inspirações de Elmano:

> «Não era poeta, nem tinha a parvolez de crer-se tal porque adorava Bocage. O que elle tinha era a paixão do bello, com a entranhada magua

de não ter sido educado e guiado para aquelle rumo de magestosa desgraça.»

Deve, porem, notar-se que Francisco Lourenço pensava assim em. . 1803.

Depois... Hoje...

Mas o melhor é não fazer considerações a tal respeito, dos que invejam a profissão dos poetas, nem sobre hontem nem sobre hoje...

Assim, é melhor passarmos ao que eram as duas filhas de Briteiros, quando o primogenito do sapateiro as conheceu no palacio Orlandini, em casa do Principe Monfort, o irmão mais novo de Bonaparte:

«Cada uma estava n'aquelle desabrochar de florescencia, e irradiação de graças, que seriam delicias da vida humana, se cada mulher bella assim, ao tocar dos dezesete annos, ali ficasse, inamovivel, indestructivel, perpetua imagem do anjo, dominadora do tempo, e assim de gala, para entrar com todo viço da sua formosura, e explendor de encantos, em corpo e alma, na gloria do seu Creador.»

A formosura inamovivel... a formosura indestructivel, tal como desabrocha na Primavera da vida, até que a morte a destroe em qualquer edade!

Onde ha quem, em qualquer litteratura, cantasse ideal que mais o fosse?!

Mas, em opposição, vejamos o retrato do Dezembargador:

«Era elle homem de poucas letras, e muito

dado aos ocios de certa ignorancia, que é o supremo bem d'este mundo, pelas muitas boas horas de lerda pachorra em que a alma se embala nos braços d'ella.»

Com effeito, o elogio da *felicidade pela ignorancia*, feito por Camillo, devia ser um livro muito mais de ler-se que a *Felicidade pela agricultura*, de Castilho, a quem, por signal, o romance *Agulha em Palheiro* foi dedicado em 1865, confessando-se o offerente *seu discipulo devedor, respeitador e amigo.*

A observação da pachorra lerda em communhão com a ignorancia crassa é bem feita, mas, como sempre, é no dialogo conciso que o escriptor se superiorisa; e, como muitas vezes nos acontece no decorrer d'estas paginas, não resistimos á tentação das transcripções, na plena certeza de que ellas hão de ser apreciadissimas.

N'uma reunião em casa do Principe de Monfort:

«— Talvez que, se me disser o nome de seu pae, eu possa conhecer a sua familia.

«— V. Ex.ª não conhece de certo o nome de meu pae. Sou filho de um homem do povo.

«— De onde sahem os reis do genio — ajuntou Jeronymo Bonaparte.

«Bartholo fez um gesto insignificativo com a cabeça, e disse, passados uns minutos:

«— Veio de Portugal ha muito tempo?

«— Ha vinte e trez mezes.

«— Como estão as coisas por lá? Quem governa a canalha?

«—Governa-se ella, presumo eu—disse Fernando.

«O Principe sorriu e murmurou:

«—A resposta é um livro completo. A canalha governa-se a si em Portugal...

«—Em Roma, no reinado dos Cesares e no Baixo Imperio, e em toda a parte onde as sociedades se dissolvem—acrescentou Fernando.

«—Diz muito bem!—acudiu Briteiros—Portugal está em dissolução. O senhor é necessariamente realista.

«—Não, senhor. Fui soldado nas linhas do Porto. Pugnei a favor da liberdade, synonimo de humanidade. Servi-me a mim, servindo as classes abatidas pelo previlegio. Se me enganei, a culpa não foi minha.

«—Mas enganou-se ..—atalhou Bartholo com má cara.—A canalha é que reina.

«—Mas com gravata, luva branca, espada, chapeu de plumas e arminhos—ajuntou Fernando Gomes.

«—E isso é bom?—redarguiu o fidalgo.

«—E' bom como lição, como experiencia...

«—E depois?—quando se quizerem emendar, era uma vez Portugal...

«—Seremos hespanhoes, inglezes, ou turcos, mas com juizo—disse Fernando.

«—Ahi está o patriotismo dos *malhados*—exclamou Briteiros.

.....»

E' lição, é: lição para todos os tempos e de que nós

todos havemos mister; mas vejamos o que todos nós somos, os d'este reino occidental, no feitio dos nossos apaixonamentos:

> «Portuguezes são pouco dados a beberem trago a trago uma prosaica morte em ideaes mysterios! Costumamos abrir o coração, e despejar a flux quanto lá ha. Se nos desdenham, a dignidade propria nos rehabilita.»

Só não percebemos bem esta especie nova de rehabilitação em materia de desdem de amores!

Mas percebemos muito bem o que se segue:

> «Romances d'amor, que desandam em morte de tuberculos moraes, não pegam cá. Isto é terra de Hespanha e céo de Italia, como diz o mais poeta dos portuguezes, o dulcissimo Castilho. Ama-se como na Italia e entedia-se como em Hespanha. Quem quizer saber o que é amar em Italia, leia Byron em Veneza e Henry Beile em todos os seus romances e peculiarmente na *Physiologia do amor*. Eu gosto de indicar as fontes limpas, para que me não attribuam aguas sujas, nem acoimem o romance de hoje em dia de pêco e ôco de conhecimentos uteis.»

E de vélas pandas ao largo, continúa na sua philosophia sem artificios e sem convencionalismos:

> «Emquanto á felicidade, segundo as regras do dever, sou a dizer-lhes que não ha nada mais

> incerto que as regras do dever em materia de felicidade neste mundo. Muita gente vai direita á razão pela estrada do paradoxo. Outra muita gente, a fugir da absurdidade, quebra as pernas no barranco da razão.»

E' uma regra geral no realismo da vida, mas que nunca encontrara a sua definição precisa.

Essa qualidade é a do auctor, que para tudo o mais tem a mesma nitidez expressiva, passando de um assumpto para outro.

Assim:

> «A crueldade dos filhos que amam! Que fragil que é tudo isto que ahi chamam leis da natureza, quando o amor, aquella creança dos fabulistas, mesmo ás cegas, lhes atira um encontrão!»

Deixarás por teu marido pae e mãe, dizem as sagradas letras, e ao auctor apenas faltou considerar que se trata, não de uma repulsão, mas de um conflicto de leis naturaes, vencendo a lei que é basilar da sustenção do Mundo.

Mas venha, para final, uma passagem que seja de Camillo puro:

> «Diz o apotegma:—*Amor logra muitas cousas, e dinheiro tudo.* Não é assim: as luzes desmentiram tambem os Senecas e Theophastos. O dinheiro não consegue bestealisar o alarve que o tem a rodos, e o amor vai dentro do espirito

mais rombo e bôto, e eil-o que desentranha em prodigios de subtilesas, argucias e sublimes velhacarias! E até talento! Ha ahi sujeito que vingou um nome esperançoso n'uma época da sua vida: chegou mesmo a escrever locaes com um certo orientalismo; e, de repente, tapam-se-lhe as valvulas, e o talento suppura por tolice. Que foi? Averigua-se, e sabe-se que o homem deixou de escrever as locaes asiaticas assim que a mulher amada casou com outro.»

Final de soneto. De soneto bom.

Cousas espantosas

Cousas espantosas?

Nunca, porque Horacio deu a regra geral das cousas do mundo: *nihil mirari*, e já o sabio dos sabios, Salomão, quando philosophava nos parenthesis que a Sulamite lhe deixava abertas no seu amor, dizia d'esta forma: *nihil sub sole novum!*

As cousas que mais parecem phenomenaes, são ás vezes naturalissimas no meio das circumstancias que as determinaram.

De resto, trata-se de amor e de amores, e quando estes tocam, a valer, nos corações, lá se vão por ahi fóra, para todos os abysmos ou para todas as apotheoses, as pautadas regras da vida e as regras convencionaes da sociedade!

Não se lembram?

No drama sakspeariano pergunta-se a Desdemona, a formosa, a linda, por que amara Othelo?—um preto afinal de contas.

E a resposta foi:

—Contou-me as suas desgraças! Quer dizer, ainda

mais que as heroicidades, poderam com ella as tristezas; mas não foi por dó—não foi!—que ella cahiu nos braços do guerreiro, por aquella fórma de encanto, que nós temos visto arremedada pelos grandes artistas, que declamam e cantam as lancionancias da enormissima tragedia... humana!

Um velho fidalgo trasmontano morreu em Lisboa *do* cholera ou *da* cholera, deixando na orphandade um bastardo de sete annos.

A amante do fidalgo, que accumula a mancebia com outro amante de fóra de portas, que a fascina, é arrastada por este a roubar o orphãosinho, sendo no lance victima nas mãos do rufia um gallego fidelissimo.

Este avista a morte, mas cura-se dos golpes, e, com bôa estrella, enriquece, e faz rico, como se fosse seu filho, ou ainda com mais dedicação que a de pae, a pobrinha da criança, desamparada de parentes nobres e vis—porque neste mundo póde haver, e ha, ao mesmo tempo, na mesma pessoa e nobresa de sangue e vicera de sentimentos maus.

Mas, com o andar do tempo, quasi todos os personagens d'este romance apparecem com muito dinheiro e muita grandesa d'alma, desde o rufia á sua explorada amante, que se transformara em viscondessa, graças á enorme fortuna com que apparece o pae, que ella durante toda a sua vida considerara morto.

Mas não cuidem que os amantes, assim purificados nos seus sentimentos, se casam, convencionando uma solução moral.

Não!

O orphãosinho, feito homem, é que se apaixona pela amante que fôra de seu pae, e esta pelo orphãosinho!!

D'aqui, pelos modos, é que provém o *espanto,* que fornece metade do titulo ao romance.

Apaixonam-se, mas sacrificam-se ao que consideram ser o seu dever, dados os antecedentes; e assim ella, a desventurada mulher, deixa-se morrer de amor num convento d'Evora, e elle, a criança que ella ensinara a fallar, fica por muitos tempos a pennar no mundo para não mais se lhe illuminar a vida, mandando gravar este latim na fria pedra do seu tumulo:

Velunt umbra.

Ou seja: *similhante á sombra!*

Eu não conheço nenhum caso egual.

Nem o leitor, de certo.

Mas o mundo é tão grande, e tão multiplicadas as suas comedias, e tão multiplicados os seus dramas!

Muito, muitissimo multiplicados, e deve haver casos assim eguaes, aproximados na parecença...

Porque Horacio é que estava na razão: *nihil mirari!*

E' de prever que um romance com todas estas sensações fortes, seja abundante de trechos que lhes correspondam.

Pois não é!

No seu desenrolamento, os factos vão seguindo como as aguas correntes de um arroio limpido.

Avalie-se pelo dialogo, quando o orphão encontra na Suissa o homem que lhe roubou e de quem se faz amigo, porque elle se rehabilitara:

«—Vive perto do lago?

«—Além, no morro d'aquella encosta.

«—Perto vivemos. A nossa casa, ha sete annos, é a que o senhor encontra do outro lado d'este outeiro.

«—Pois ha sete annos que sahiram de Portugal?

«—Ha mais. Viajámos e parámos aqui, e aqui morreremos, se Deus não contrariar os nossos votos. De onde é?

«—De Lisboa.

«—Quando sahiu de lá?

«—Ha nove mezes.

«—Deve estar muito mudada nas coisas e nos homens!

«—Conhecia-a sempre assim nas coisas: os homens é que estão mais civilisados. Ha mais cavallos e carruagens.

«—E' então o cavallo que prova a civilisação do homem? E' bom que assim seja, para que o homem possa dar cavallo por si.»

O que nós desejariamos vêr, se fosse possivel por intermedio do sr. Fernando de Lacerda, era o juizo dialogado de Camillo sobre os homens e as coisas de Lisboa, n'este tempo que nós conhecemos, mas que não temos phrases precisas para o criticar á altura das ditas coisas e dos ditos homens!

Phrases assim precisas de critica como esta:

«A's vezes se dá o inintelligivel phenomeno de recebermos de fóra a exhuberancia do sentir que nos faz chorar por coisas, que em outros lo-

gares de todo seriam indifferentes ao nosso espirito.»

E' o meio. E' o scenario. E' a suggestão. Seja o que fôr—é a verdade. A dôr reflecte-se, mas em todo o caso é necessario que para a reflexão haja—como diremos?—haja... a passividade santa da bondade.

Valha a todos o refrigerio das quentes aguas que os olhos vertem, porque lá nos diz o auctor:

«—O melhor medico do espirito será aquelle que maior proporção de intimo fel diluir em lagrimas.»

Mas em certos lances será difficil a applicação d'essa medicina espiritual, quando a creatura chegar ao seu Golgotha, tendo por força de esvasiar o calice até ás fézes!

Vê-se a dôr d'essas desolações n'esta sentença:

«As maiores desgraçadas são aquellas que a si proprias não podem perdoar.»

Mas não percamos o fio por estas tristezas; e, assim, vá uma nota alegre:

«—A dignidade, quando a paixão lhe sahe do rosto, agacha-se, e deixa-se sovar aos pés, se é que a paixão póde ter pés, não tendo cabeça.»

Nós possuimos, em todas as litteraturas, de todas as linguas e de todas as civilisações, desde que a littera-

tura começou a produzir romances, livros alegres e livros tristes; de lagrimas, de risos e gargalhadas; emphaticos e pittorescos; regrados e sem norma; logicos e desordenados. Temos de tudo. Mas do que conhecemos, de todas as litteraturas em todas as linguas, não tirámos noticia de um auctor, que sem absurdos, seja e possa ser tudo isto ao mesmo tempo na sua obra.

Incommensuravel talento artistico, merecedor de admiração universal, quando apenas a conquistou, e em pequena publicidade, em Portugal e no Brazil!

Annos de Prosa

Um José Francisco Andraens, muito sujo; um estudante Leonardo Pires, estouvanado, bondoso, sincero e franco até á inconveniencia; um frade com grande recheio de erudição mythologica; uma menina fidalga de Margaride, *adeleira fraudulenta do seu rôto coração;* uma Francisquinha da Cunha, exploradora de casamentos de dinheiro e sabichona encartada; um morgado de Santa Eufemia, apaixonadiço e ignorantão; um Egas de Encerrabodes, de *illustre sangue neogothico;* um Jorge Coelho, academico de humanidades, *alma pura, e candida e apaixonada até enfastiar o bom senso de quem o atura...*

Taes são os figurantes principaes que o auctor enumera a paginas 204 do livro; e se acrescentarmos á relação uma Rachel, bôa d'alma e linda do coração, que se sacrifica, por amor filial, ao matrimonio que lhe era repulsivo; uma Antonia de Sepulveda, santissima mãe de Jorge; uma Marianna Ferreira, sua amiga dilectissima e grata, e um linheiro do bairro das Hortas, que se maridou com a Francisquinha, temos completo o qua-

dro dos personagens, que se amam e que se odeiam, que fazem rir e que fazem chorar, que se estimam e que se intrigam, num romance em que o contraste do grotesco com o dramatico produz uma acção empolgante na leitura, que vai sempre no crescendo do interesse.

O poeta Jorge—poeta sem fazer versos—, enamora-se, o pobresinho que entrou na sociedade pela mentira aparatosa de um baile portuense, da *adeleira fraudulenta de coração rôto,* D. Silvina da Cunha, que mercadejava em assembleias, theatros e passeios a sua alma precocemente depravada.

Para valerem a Jorge conjugam-se pessoas queridas: a mãe, *mater dolorosa*, que soffre... como soffrem as mães; o tio padre, que além da erudição mythologica, tinha a sabedoria dos velhos—de experiencia feita, pois que *antes de ser frade fôra homem*, como elle dizia ao sobrinho; o Pires, o estouvanado, que faz realismos de observação cruel, indo logo ás ùo cabo; a D. Marianna, sua mãe, que reparte com elle o affecto que tinha pela sua amiga.

E Jorge restabelece-se com a assistencia ao espectaculo em que o Andraens dá o *sim* do ritual romano a Silvina, que por essa palavra de trez letras affirmativas completou o negocio do seu coração!

O Andraens!

Contemplem o retrato do homem:

> «Deve estar entre cincoenta a cincoenta e cinco annos, estatura menos de meã, com trez barrigas, das quaes a primeira, começando pela parte mais nobre do sujeito, principia onde o tem vulgar da gente os joelhos, e, depois de uma

arremetida adiposa, retrae-se na linha imaginaria da cintura, e estreita-se em fórma de cabeça. A segunda péga da primeira, ondeia em trez ordens de refegos sobre as falsas costellas, ladeia tumida, e retesada como os flancos do ôdre posto de través, e vai perder-se mandando para as costas uma corcunda da sua mesma natureza. A terceira barriga...»

Mas basta.

Como a linda Silvina devia amar o Andraens!

Mas vamos á nossa missão de pesquisadores do oiro litterario de Camillo.

Comecemos pela avaliação da psychologia ledôra do Portugal de ha 50 annos:

«Acontece aos estomagos famintos, quando se lhes depara alimento bom ou mau, assimilarem'o com tanta soffreguidão, que o encruamento do bôlo e o marasmo são inevitaveis. Assim, e por egual theor, quando os Luculos e Appicios das letras expõem á voracidade as iguarias estragadas, a fome de aprender a vida nos romances locupleta-se com tanta intemperança, que o resultado é as dispepsias espirituaes, tormento de angustias vomitivas, que fazem descer o coração ao logar do estomago, e subir o estomago ao logar do coração.»

Isto em geral; em quanto aos effeitos sobre a mulher, leiam o que se encontra logo adiante:

«A mulher actual é quasi sempre a victima da rhetorica requentada do romance, que esteril peralvilho lhe encampa como coisas da sua alma.

.....

«O coração de certos sujeitos acha-se, muitas vezes, a paginas tantas de tal novella. Sem figurinos e romances, não haveria corpos acceitaveis, nem espiritos insinuantes.»

E os que namoram d'est'arte são tanto mais eloquentes, quanto o cerebro se lhes esvasia á medida que se lhes repleta o coração.

Observa o escriptor:

«Muita gente se espanta das gloriosas aventuras de alguns sujeitos piramidalmente tolos. Eu não. Tal ha que se vos afigura mazorro d'alma, e não obstante ao lado das mulheres, dispara descargas de phrases amorudas que é de pasmar. Asneira, dita em nome do coração, não ha uma só que não seja laureada. Cada Petrarcha lorpa tem, afinal, o seu Capitolio.»

O mundo está cheio de coisas assim extraordinarias e estapafurdias.

E então quando tem de se soffrer, e muitas vezes sem remedio e sem desaffronta possivel, o rir deprimente, que causa pavor sem fazer sentido; o rir que deve ser produzido por contorsões de nervos que não são aquelles, de certo, que produzem a alegria, nem aquelle desdem compassivo, que mal se abre, a medo, num sorriso mizericordioso?!

Faz frio, esse riso, e o auctor tem, sobre elle, estas exclamações:

> «Ha ahi um rir do vulgacho, que dá em terra com a alma. Oh! o rir da gentalha maltrapida é menos fulminante que o escarneo da plebe desgravatada, de todas as escorias sociaes a mais alvar e incorrigivel!»

Mudando de assumpto, passa a pedir cautela com as mulheres, e os argumentos, como de justiça, produzem-se com premissas de flores.

São conselhos ao pobre Jorge, que na sua inexperiencia bem se mostrava precisado da lição:

> «Não te allucines na presença de qualquer mulher com sorrisos de Virginia, que tanto servem de elogio ao pudor como de epitaphio da innocencia. Não respires com soffreguidão o aroma das primeiras flores, que matam, se as não lançares de ti, aspirados os primeiros effluvios. Ha mulheres que são como flores venenosas: se te detiveres com ellas mais tempo que o necessario para lisongeares a sensação, e regalares a phantasia, sentir-te-has tomado de um marasmo de espirito, em que serão delidas as tuas mais nobres faculdades, e a mais valida de todas, o mais nobre appoio da tua dignidade de homem —a liberdade.»

Não concordamos em tudo, mas a nossa concordancia é completa com a seguinte conclusão:

«Mulher, que salve, ha uma só.»

E chega.
Em outra parte:

«Ha mulheres como a lança de Pélias: curam as feridas que fazem.»

Em amor romantisa-se, como suprema lei, a discrição. Mas... *est modus in rebus*, por que circumstancias ha em que o desafogo é tão necessario para o coração como necessaria é a respiração para alliviar o peito.
Mas ninguem o disse melhor que o auctor:

«A confidencia é a respiração das almas; é, mais ainda, a supplica do conselho e do remedio para as tribulações, ou de estimulo e fé para crer na felicidade sonhada, se ella um dia nos vier provar que não eram mentiras os meus delirios de desoito annos.»

E' bello, mas, a par, os dialogos são sempre como o leitor os tem saboreado.
Ahi vai um dos *Annos de Prosa:*

«Jorge Coelho estava sentado na cama, lendo a *Nova Heloise* de J. J. Rousseau. O egresso foi de mansinho ao pé do leito, tirou pausadamente os oculos de um enorme estojo encarnado, montou-os na ponta do nariz, abriu e arredondou os beiços, pendido o queixo, e, examinando o livro, disse:

«—Era bem grande esse Saint Preux, ó Jorge!...

«—Pois o tio conhece Saint Preux!

«—Relacionei-me com esse cavalheiro e com outros da sua estofa ha bons quarenta annos. Nunca t'o apresentei, quando praticavamos litteratura, porque sempre entendi que o ias encontrar em Coimbra, de parçaria com os muitos filhos que elle gerou para amparo de muitas Heloisas novissimas, de que está inçado o mundo, graças ás novellas e ao descredito a que baixou a roca e o fuso. Que carta lês?

«O egresso levou o nariz com os oculos á linha horisontal do livro, e leu algumas linhas da pagina.

«—Ah!—continuou elle—trata do suicidio... Está muito atiladamente debatida a questão por uma e outra parte. O Rousseau era mestre em paradoxos; e sabia bastante da musica; mas os paradoxos dava-os de mimo á humanidade, e para elle guardava a vida com todas as suas paixões villans, mal resguardadas por uma côdea de soberba e orgulho. Ensinava o mundo a educar os filhos, e mandava os d'elle para a roda.»

O quadro é pintado com vida e movimento; tanto, que a scena se nos afigura a todos, como se, em vez de lermos, vissemos e ouvissemos.

E é sempre assim: palpitante de flagrante nos complexos episodios da vida, que lhe cahem sob a penna de analysta!

Iriamos por ahi além, em transcripções d'este livro, se

quizessemos alongar o espaço que lhe reservamos; mas não queremos, e tanto que vamos transcrever, sem commentar, alguns trechos, de poucas palavras e muito sentido.

Primeiro:

«Ridicula, sem rehabilitação, é só a pobreza.»

Segundo:

«Oh! santa innocencia! não sei se és mais tola que santa!»

Terceiro:

«A belleza é o poder moderador dos delictos do coração.»

Lagrimas Abençoadas

N'este livro só ha bôas criaturas, não havendo uma só, que seja de fórma gafada, que se facilite a tornar-se apta a ser recrutada pelo eterno inimigo: dois paes amantissimos; uma santa mãe, como não é possivel sonhal-a mais santa; um tio dilectissimo; uma menina, de prendas e virtudes, como melhores as não póde criar a phantasia; um criado — de que se perdeu a fôrma — que tornando-se rico, faz seu herdeiro o filho de seu amo um moço libertino, que tem no *fundo* a essencia das rehabilitações nobres. Até um conde libertino, que por ali apparece como comparsa, se é deslinguado de materialismos grosseiros, no entanto não deixa chronica de acção sua, pela qual tenhamos de lhe carregar na memoria e na alma.

O Coronel * * *, vencido de Evora Monte; o egresso Antonio dos Anjos, expulso pela liberdade do cenobio e que livremente se acolhera, e a esposa do official constituem um lar exemplarissimo, modelar, onde o frade educa a sobrinha, abrindo-lhe o coração a todas as gra-

ças e o espirito a todos os primores da educação virtuosa e illustrada.

No momento em que Maria, que é este o nome da angelical menina, chega á edade de desabrochar para o amor, avisinha-se d'ella um discipulo de Fr. Antonio, que tomara a seu cargo dirigil-o para fazer da perdida orientação da sua vida uma vida digna e nobre, á similhança da sua.

E conseguido o intento educativo da rehabilitação, casa Alvaro da Silveira com Maria dos Prazeres.

Mas...

Mas lá diz um dictado francez: *qui a bu boira.*

O que é certo é que Alvaro regressa á vida airada. Aborreceu-se com a formosura, com os encantos selectos, com as virtudes exemplares de Maria. Não lhe dá sensações fortes. Não lhe impressiona o temperamento embotado. Não lhe dá prazeres sociaes. Não lhe facilita, em sua volta, muita vida, muito movimento. Não respira; o lar é pequeno ambito; afez-se aos grandes horisontes...

E a pobresinha, sempre linda, sempre santa, conformada sempre, vai para um convento, onde compra o sustento, sem querer receber auxilio do sogro, com o trabalho dos seus lavores

Não solta uma queixa; não se lhe ouve uma lamentação; a sua alma concentra todas as dores, soffrendo assim, muito e muito, emquanto o doidivanas, á redea solta, senhor da fortuna de seus paes, retoiça por sobre todos os prazeres, e... empobrece.

E' então que volta arrependido, mas arrependido sinceramente, para junto de sua mulher, vindo-lhes ao encontro da miseria o servo que os ampara, que lhes dá

a opulencia, querendo sómente que o filho de seu amo o tenha em sua casa, dondo-lhe o sustento e cuidando-lhe da velhice!

Seguramente, dando realidade a algumas criaturas d'este romance, podiam apartar-se santos e santas, merecedoras de canonisação, sem que fosse mister que o Cardeal Diabo lhes desbastàsse nas virtudes!

O livro tem muitas philosophias, e por isso as transcripções serão bastas.

Vamos a ellas.

Sentimentos, sentimentalismos, sentimentalidades, de costumes velhos, de modas recentes, tudo tem a sua maneira diversa de interpretação:

> «O que ahi vae de phantastico e espiritualista nos affectos, é uma experiencia da época, é um encargo que a mocidade se impoz, é a precisão de variar. Diga-se tudo: é a moda.
>
> «Não porque a vida seja infeliz, e a natureza do homem precise inventar amarguras, para que a felicidade o não enoje;
>
> «Não porque o espirito, extenuado em sensualidades, procure, no ideal, respirar o elemento da vida, que lhe é proprio;
>
> «E' porque as felicidades, saboreadas n'estes tempos, não deixam no coração motivo para um hymno. O homem, que não póde apagar na mente a faisca do genio, que lhe desceu ao berço, ou mata a inspiração na orgia, ou abysma-se com ella, por feretros e ossadas até materialisal-a nas fórmas repugnantes de uma dôr monstruosa.»

Um pouco metaphisico; mas, esmiuçando-se bem, quasi que se dão figuras, conhecidas de todos nós, para cada uma das particularidades.

Mas positivo na phrase e na idéa é o que vae ler-se:

> «Altearmo-nos ao respeito de muitos, que não pódem voejar tanto acima, é provocar-lhes a inveja. Olhal-os em baixo, quando nos cospem o fel da inveja, deve ser-lhes o maior dos castigos; mas se d'ahi a mão de Deus nos atira ao raso dos invejosos; se a desgraça nos marca no meio d'elles, um circulo a rodar com peso de affrontas, que a nossa arrogancia enfardara... tal vida é a preexistencia do inferno.»

Por isso o inferno tem sido principalmente para os politicos, victimas historicas do circulo vicioso das revoltas e rovoluções.

Sobre a avaresa:

> «O ouro augmenta, quando é lançado no cacadinho da perversidade. E o coração, ferido de avaresa, é um segundo thesouro para quem herdou o primeiro. O mais efficaz instrumento da caridade, o ouro, nas mãos do avaro converte-se em ferro de dois gumes: um que lhe entra no proprio coração, outro no coração que lhe pede o obulo.

E' assim, e para que não seja assim em abstracto, chega a virtualisar-se a revolução—aquella revolução

que seja muito diversa da que provocam e exploram, em todos os tempos, os aventureiros da politica!

Ha muitas definições de virtude—desde os cathecismos, cartilhas, compendios e sermões até á pseudo sciencia, que a repelle ou acomoda, não reconhecendo merecimentos intrinsicos.

Mas definição precisa é esta, embora não revista caracter geral:

«A virtude é a censura pratica do crime.»

Verdade seja que ás vezes, historicamente, e sem dependencia ou suggestão do interesse, chegam a comprehender e a sublimar a virtude os que haviam blasphemado d'ella, materialisando-a.

E ha tantus variedades n'essas tronsformações ou transfigurações! Ha tantas, de fama e de renome em todas as épocas e entre todos os povos!

O auctor discreteia sobre a materia, que é sempre interessante e curiosa:

> «A incredulidade tem um sorriso de escarneo para estas transfigurações. Erma do coração e fistulada nas entranhas pela podridão do epicurismo, ri-se, ri-se, ri-se como um demente a quem ninguem contesta o direito de rir!»

Temol-a todos nós visto tantas e tantas vezes a sorrir, a rir-se, a gargalhar inconcientemente!... Ri-se de tudo essa incredulidade, porque todo o homem, mais ou menos, se reproduz na sua moral e no seu riso grosseiro.

Ri-se de Deus, da fé, do amor, da familia, da virtude, da caridade, da amisade...

Amisado—o amor de irmão eleito pelos nossos corações!

E' tão rara!

O grande romancista assignala-a:

> «*Amigo*, é uma palavra profanada pelo uso, e barateada a cada hora, como a *palavra de honra*, que por ahi anda desvirtualisando a honra e a amisade.»

Se ácerca da virtude, amisade e honra define breve, sobre a felicidade disserta com largaeza:

> «Quem te encontrou na vida, felicidade?
>
> .....
>
> «Porque te não vejo eu debaixo do docel dos principes da terra? Enfloraste os berços de Carlos I e Luiz XVI; porque deixaste borrifar de sangue as tuas grinaldas?
>
> «Busquei-te no seio da familia laboriosa, que acceitou humildemente a condemnação do eterno trabalho, do suor copioso das familias. Não estavas lá!
>
> «Busquei-te na mediocridade honesta, na alegria da independencia. Era falso esse existir na vida. A mediocridade anceiava sahir da sua esphera; a alegria da independencia era um sonho de infelizes servos; a independencia era uma situação mentirosa como o teu nome.
>
> «Estarias tu nas batalhas? Se fizeste Cesar o

primeiro de Roma, porque o não salvaste do punhal de Bruto?

«Na gloria da virtude? E a cicuta de Socrates? E a guilhotina de Malherbe? Como estremaste os destinos de Seneca e Nero? de Virginia e Agrippina? Quando és tu galardão da virtude, a socia fiel do nobre espirito, o premio benemerito do coração immaculado?»

E' um pouco declamatorio, mas é lindo.

O escriptor teve momentos em que sahiu para fóra da orthodoxia da Egreja, do que é disciplina e mesmo do que constitue dogma. Eram producções que não obedeciam a nenhum fim especulativo, do seu espirito insubmisso. Impressionista, vibratil, exteriorisava todas esimpressões pela escripta.

Não guardava nada; expandia-se livremente, e d'ahi resultaram algumas contradicções que lhe foram notadas com má vontade.

Mas christão de Jesus, da santa e pura doutrina evangelisada, foi-o sempre.

Podiamos dar muitos exemplos, mas por agora basta um só:

«Que importam os corucheos dos vossos palacios, Balthazares do tempo, se lá está a cruz valedora das felicidades da vida!»

E' poetico e é verdadeiro, porque passando certa moda de uma phase sociologica, por quantos figurinos tem vestido a chamada sociologia do livre pensamento, mesmo quando ainda não tinha este nome!—ha de reco-

nhecer-se por ventura que a civilisação póde progredir pelas formulas da simplicidade dos sentimentos religiosos, embora esteja assente que a complexidade é a lei da perfeição.

Será quando o homem se sentir feliz pela crença, á crença corresponder quem a doutrine e a respeite nos principios fundamentaes da solidariedade humana, independentemente da applicação das leis biologicas ao dominio das almas.

Embora entendam o contrario os que, liberalistas, se escravisem a soluções especulativas, que acceitam como despotas que mandam no seu sentimento e na sua intelligencia—o peior de todos os despotismos!

Doze casamentos felizes

Nesta collecção de pequenas novellas mira-se, sem *pose* de Padre Mestre, a moralisar o santo sacramento do matrimonio. Dão-se exemplos, pela phantasia, do que póde ser a felicidade do lar no meio do realismo da vida. Vai-se por diversos caminhos ao mesmo fim, e, entre os seus leitores, o livro póde talvez mais que a eloquencncia de um sermão floreado ou erudito, com muitas citações latinas e passagens miraculosas do agiologio universal.

Ha neste livro notas sentimentaes e notas pittorescas, mas, ou seja pelo verdadeiro amor ou seja pelo interesse, a verdade que se alcança é sempre a mesma—a da felicidade no casamento, sendo premissas eguaes para esse *desideratum* o coração e o .. dinheiro.

Chega mesmo, em parte, a ser uma rehabilitação dos malsinados e ironisados matrimonios do interesse, como se ao casamento o proprio Codigo Civil, que por motivos varios *progressivos* consideram atrasado, lhe não chamasse prosaicamente *um contracto!*

Isto daria para muito que não entrou nos nossos es-

tatutos, e por isso, sem nada mais, vamos ao que ha de melhor entre tantos namoros e paixões, que acabam sempre pelo *conjugo vobis* do ritual, por qualquer fórma.

Outros tempos, outros costumes! D'antes o amor seguia, patriarchalmente, por toda uma longa existencia; agora, porém, chega o aborrecimento a breve trecho, e num instante se acaba a poesia.

O que se procura no contracto é o bem estar, e o quadro, a este respeito, é assim pintado com eloquencia:

> «Titulos, glorias, homenagens, regalos, as feições todas da festejada mascara, com que por aqui nos andamos entrudando uns aos outros, só póde ser afivelada com broches de oiro. Dislates do amor, impedem o ir ao fim. O coração é viscera que derranca o sangue, se com muitas vertigens o derranca de mais. Faz-se mister abafar-lhe as valvulas, e exercitar o cerebro onde demora a bossa do calculo, da empreza, da sordicia gananciosa, e outras muitas bossas filiadas no estomago, o qual é, sem debate, a viscera por excellencia, o luzeiro perenne entre as trevas que offuscam as almas.»

E a prosa... da poesia, mas esta tambem existe, pura e limpida, sem liga de prosa, como se dão exemplos no proprio livro.

Mas vai continuando com a prosa, embora encontre a poesia no reino animal, sendo fabulista por processos modernos:

«Amor com duradoura poesia, está nos brutos que immodestamente diremos irracionaes.»

Mas tambem é verdade que elle, logo um pouco adiante, observa:

«Da lagôa infecta sahe ás vezes uma borboleta de azas pintadas de ouro e esmeraldas.»

De onde devemos concluir que de facto ha excepções na familia dos humanos, de harmonia com a regra geral dos brutos.

Passando a outra materia, registemos a fórma, superior de singelesa, em que se expõe a supremacia, sobre a arte, da poesia do natural:

«O verdadeiro idilio não são as eclogas de Lobo e Quita: é o dizer chão, pittoresco e ao mesmo tempo imaginoso dos que beberam o puro leite dos seios da natureza.»

E' por isso que a poesia vai deixando de o ser, desde que passa da natureza para a sociedade!

E a poesia na natureza vale tanto, póde tanto!

Lá se diz:

«Ella é a mestra de muitas sensações, que muitos naturalistas imputam ao demonio e eu tambem.»

Seria, com effeito, para capitulo largo as suggestões

do luar, das estrellas em noite escura, dos arroios correndo em murmurio suave!

Vejam a scena nas varandas celebres—de Romeu e Julietta, de Fausto e Margarida!

Ouçamos agora um hymno á familia, em quanto ella, continuando a existir pelo sentimento, não fôr desorganisada por lei, na sequencia da legislação convencional dos povos, em sacrificio ao materialismo das multidões que sabem ler, escrever e contar, não sabendo nada:

> «A familia, meu amigo, é a base fundamental da sociedade; é o refugio das virtudes acossadas pelas paixões dos que vagabundeiam de escolho em escolho; é a arca santa que alveja o dorso empolado das tormentas do coração e do espirito. —*Sem a familia, qual seria o destino da mulher*, pergunta Legouvé. *Sem a familia o que seria do homem? Só a familia póde moralisar o rico e o pobre.*»

Um pouco declamatorio, mas eloquente.

Mas em tudo quanto respeita ao coração ha tantos imprevistos!

Numa das novellas dá-se o caso de certa mulher chegar a apaixonar-se pelo homem de quem escutara a historia do seu descredito!

E Camilo commenta:

> «Como isto se faz, não sei. Exemplos ha tantos ahi de casos analogos, que eu não atino já a discernir qual é a regra. Creio que a eloquencia do amor é toda artificial. Os mestres de rheto-

rica andam feitos com os homens sem alma e e sem fé. A estes o condão da metaphora e da hyperbole que seduz e embriga da mulher. Ao moço de coração, a florejar e rescender effluvios de amor honesto e immaculado como o ceu o empresta aos seus anjos, a esse a incorrecção, a pieguice, a toleima, e tudo o mais que desgosta e repelle o animo da doce e mysteriosa e absurda creatura a que S. Paulo, e muitos outros santos chamaram *monstro.*»

Para final:

«A infamia não é para aquelles que a soffrem...»

Mas infelizmente *soffrem!*

O Bem e o Mal

De todos os romances do auctor é o *Amor de Perdição* que obteve a consagração geral. Algures lemos nós que Camillo tinha predilecção confessada pelo que se intitula *Romance de um homem rico*. Por nossa parte, preferimos aquelle sobre que estamos escrevendo — *O Bem e o Mal*.

E' de todos o que consideramos mais humano. Mais dos sentimentos, dos caprichos, das vaidades, da soberba, do orgulho, do auctoritarismo e da educação, boa ou má, das pessoas. Ha uma harmonia completa em todos estes attributos humanos e deshumanos no jogo dos seus interesses, no altruismo de uns, no egoismo de outros, na complexa vida de todos. A fórma litteraria não lhes desbasta no seu natural, servindo-lhes apenas de moldura dourada para lhes imprimir o maximo relevo.

O Bem e o Mal...

Mas aqui as encarnações do *Bem* são muitas: é a de Ladislau Tiberio Miitão de Villa Cova; é a da Condessa de Asinhoso; é a do valente academico coimbrão, valente tradiccional, Guilherme Lyra; é a de Christi-

na; é a de Peregrina; é a do Padre João Ferreira; é a de Casimiro de Bettancourt; é a de José Pastor; é a de Brites de Recardim e a de Brazia de Villa Cova; é a de mestre Antonio Carpinteiro; é a do proprio Ruy de Nellas, que sacrifica o orgulho de fidalgo ao seu coração de pae.

Como representantes da maldade apenas se nos exhibem tres, e ainda assim são de mais: D. Sueiro de Aguilar Vito d'Alarcão Parma d'Eça; seu irmão Alexandre, e um sicario, alugado pelos dois para assassinar Casimiro, que pelo nome ou alcunha não ganha nem perde.

Estes, sim. Estes completam uma trindade de perversidade hedionda, de soberba feroz e de cobardia revoltante.

Mas eram tantos a trabalhar pelo Bem, que este triumphou afinal, na mais pura moralidade que é possivel imaginar-se entre as vilezas da terra.

Casimiro de Bettancourt, que apenas sabia o nome do pae—um official do exercito legitimista—, enamorase de Christina, filha de um solarengo de Pinhel.

O amor dos dois é contrariado, mas casam.

Uns parentes de Miranda, ciosos do sangue de seus avós, que consideram infamado pela alliança da prima, que o mais novo requestava, movem-lhes ferina e crua guerra.

Entram em trama, para esse fim, assassinos a soldo. Ha denuncias de roubos, de que a verdade dos factos desmascara a vileza. Ha revoltas de estudantes em pró da innocencia perseguida, e assim Casimiro, accusado de homicidio, volta aos braços da familia estremecida, quando o criminoso de facto, que matara para o defen-

der da cobardia, deixa declaração, lida após a sua morte, de que fôra elle que praticara o crime. E para que nada falte no quadro final, apotheosico, até se descobre que a mãe de Casimiro era a condessa de Asinhoso, irmã de Ruy de Nellas!

Os caracteres são accentuados e definidos com rigor em todas as modalidades do sentimento humano, desde a paixão do amor á paixão do orgulho. Todos fallam e procedem como é de uso nos seus costumes e estylo dos seus meios. Povo, povo; fidalgo, fidalgo, mas amando-se com mais sincera fraternidade que a fraternidade resultante de qualquer artigo de fundo, discurso de comicio, decreto ou carta de lei.

Não ha nada por onde se diminúa, nem por onde se acrescente. O interesse do leitor empolga-se desde a apresentação de Ladislau até á metamorphose de José Pastor em José de Castro Vieira e Silva, tenente de engenheiros com pretensões a ministro das Obras Publicas. A gente quer bem áquella gente, que é bôa, e sente rancor áquella gente, que é má. Por tres horas de leitura, vive-se da vida de todos elles, sem que a critica se ponha a fazer reparos sobre o inverosimil de certos lances.

Aquillo tudo podia acontecer, e, se acontecesse, era assim que nós queriamos que o pleito se decidisse.

Seguramente, o *Bem e o Mal* é um grande romance.

Passemos, portanto, á nossa obrigação.

Os leitores já sabem como o Padre Manuel Bernardes definiu as perolas, esse enfeite encantador dos seios da mulher formosa, onde melhor condizem que o fulgor dos brilhantes. O oratoriano chamou-lhes, ás perolas, *a sarna das ôstras*.

Pois em determinados casos, não tem menor aproposito esta outra definição d'aquelle que foi em bom linhagismo litterario o successor directo do famoso presbytero da Congregação:

> «A virtude é o ranço d'estas gordas almas da nossa terra...»

De facto, ha virtude, virtude pura, a par de virtude rançosa,

Ostra, *sarna;* virtude, *ranço.*

Ha casos...

Está muito bem. Melhor que a definição cynica, porque esta o não é, de Bruto, quando lhe chamava *uma palavra vã.*

Em absoluto está muito longe de ser vã; relativamente conhecem-se virtudes a que se attribuem poeticas origens... como ás ostras!

Conhecem-se azedumes chronicos, innatos, refractarios á educação, mesmo nos que aparentam ter-se curado da enfermidade.

Latet anguis in herba. Surgem muitas vezes de improviso, inedesijaveis; desmascaram-se, e, *estupidamente*, chegam a pensar que illudem, quando a illusão é só para elles.

Camillo apresenta-nos a desgraçada situação de espirito nestas palavras:

> «A malquerença timbra em ser estupida, quando não póde ser feroz.»

Esta variedade de malquerença vem a ser uma das muitas manifestações da estupidez humana.

Mas, em contraste, querem um trecho ao mesmo tempo lyrico e critico, em que a poesia se liga e une intimamente á prosa; um trecho que póde ser comparte do sentimentalismo rhethorico de Hugo e do humorismo de Karr?

Ahi o teem:

> «Dizem as gazetas que ellas são o baluarte da liberdade, da egualdade e da fraternidade; e eu estou em defender que o Sermão da Montanha, prégado pelo filho de Deus ha mil e oito centos annos, e o sermão da natureza, que sem cessar se está ouvindo, bastam para fazer um homem amigo e irmão de outro homem, por amor de Deus, que é pae de todos.»

Eu tenho lido muitos romances, e em alguns aprendi mais que em philosophias e criticas historicas e litterarias. Em todos esses romances encontrei retratos de mulheres, mas de todos esses retratos nenhum tão bem acabado de singeleza como o de Dulcinéa, tal como Cervantes o poz na palavra apaixonada de Quixote:

> «Su hermosura sobre humana, pues en ella se se viennen a hacer verdaderos todos los imposibliles e quimericos attributos de belleza que poetas dan á sus damas; que sus cabelos son oro, su fronte campos eliseos, sus lejos arcos del cielo, sus ojos solos, sus mejillas rosas, sus labios corales, perlas sus dientes, alabastro su collo, mar-

> mole su pecho, marfil sus manos, su blancura nieve; y las partes que á la vista encubrió la honestidade san tales, segun pienso y entiendo, que sola la discreta consideracion pueden encarecelos y non comparalas.»

Lindo, como as cousas lindas, sendo parecida pintura com esta outra de Peregrina :

> «A irmã do Vigario tinha dezoito annos. Era dotada de abundantes graças, compleição menos robusta que o ordinario das moças aldeans, senhoril talvez extraordinariamente, rica de negros cabellos, formosa de olhos, doce e meiga no dizer, modestissima, parca em sorrisos, meditativa, laboriosa, e muito dada á oração.»

Descontem na differença que vai do cavallarismo heroico para o romantismo na sua transicção... espontanea para o realismo comprehensivel, e as pinturas são de formosura egual.

Sente-se que se olha para nós. E' um facto confirmado. Assim a mulher adivinha a admiração que lhe é dedicada, independentemente da confissão do respectivo amor.

E é d'esta maneira que isso acontece :

> «A mulher innocente é admiravelmente dotada do sexto sentido, que recebe as impressões não não classificadas na ordem phisica nem moral, e adivinha quem ama, antes que lho digam. Parece que o ar se lhe povoa de espiritos amigos,

que giram entre ella e os olhus de quem, a fito ou de revez a requesta.»

E depois da *declaração* vêm estados d'alma, calumniosamente acoimados de doentios, mas que são de verdade effeitos de corpo, alma, espirito e coração se encherem de amor infinito. Amor irradiado do fogo central.

Camillo descreve algumas d'estas situações:

«E' sabida coisa a facilidade que temos de chorar, quando o amor nos amollece, e, para assim dizer, anima o coração.»

«O amor afimina os corações mais viris, e tem feito que as faces queimadas e negras da polvorada das pelejas, se orvalhem e brilhem de lagrimas.»

São conhecidos muitos exemplos de homens que entraram, por essa afiminação, na immortalidade da Historia.

Do amor á politica vai grande distancia; mas, neste romance, é questão de paginas.

E ahi vai lição de politica social—poucas linhas valendo por uma duzia de artigos de fundo:

«Não dominava ainda n'aquella época a aristocracia das artes, inchada hoje com uns descomedimentos de orgulho, que prevalecem propriamente sobre o da aristocracia do nascimento; de modo que a gente sisuda lastima que o artista

> não seja bem creado para sustentar o seu real valor, sem andar, a todas as horas, de arremettida contra as distincções herdadas. Agora, importuna a filaucia do artista, logo, anoja a humilhação a que desce.»

Assim escrevia Camillo ha... 50 annos, quasi.

Se elle escrevesse hoje, teria de estender em mais prosa o seguinte, que já então escrevia;

> «O' santos corações do povo! mas do povo das montanhas, direi; do povo que ainda não sahiu á praça vociferando que é rei porque é povo.»

E a imprensa?

Tambem vem á baila:

> «A licença da imprensa é uma inquisição: em logar de fogueiras, tem atoleiros de lama, Das chammas do auto-de-fé sahiram almas purificadas, no crer de alguns theologos; e da lama da imprensa desbragada devem sahir as consciencias lavadas, no entender de alguns legisladores.»

Repetimos, que isto foi escripto vai em meio seculo: em 1865!

Para fechar o capitulo, tres maximas, em toda a perfeição da sua fórma:

Primeira:

«Nos livros aprendi a fugir ao mal sem o experimentar.»

Segunda:

«Se o mundo é justo, não o direi eu: vingança justa creio que não ha nenhuma ahi. O inverso da caridade é a vingança.

Terceira:

«O amor, aos dezoito annos, quando é surprehendido, não sabe mentir.»

Vinte horas de liteira

O auctor seguia de Villa Real para o Porto, mal escarranchado sobre um garrano magrizella e trôpego, cahindo de polmoeira, quando na Ovelhinha encontrou o seu amigo Antonio Joaquim, que como elle abandonara os estudos para clerigo, passando a gosar a vida feliz de proprietario com abastança.

E como Antonio Joaquim jornadeava de liteira, Camillo subiu, a seu convite, para a tranquitana, e lá se seguiram os dois em conversa amiga; e como o companheiro era espirito alegre e folgasão, muito ensinado das cousas do mundo, foi-lhe contando pelo caminho as historietas que enchem o volume de cerca de 300 paginas.

Jornadear de liteira, de sege, de churrião, de mala-posta... Mal imaginam o que isso era os felizes de hoje, que em seis horas apenas de Lisboa se põem no Porto, jantando num salão ao mesmo tempo que caminham!...

Progresso, de que no futuro hão de sorrir desdenhosos os que voarem na passarola aperfeiçoada do nosso Bartholomeu de Gusmão!

São muito interessantes essas novellas:

—Rivalidades de aldeia, em que um dos competidores, na posse do coração de uma rapariga bonita, se salva da sanha scelarada do outro por um fio: o solavanco... providencial que dá a egua em que elle montava, porque o mundo está assim cheio de grandes cousas, para o bem e para o mal, resultantes de pequenos incidentes, a começar por Bonaparte que foi senhor e repartidor da Europa porque o seu sapateiro lhe não apromptou no tempo combinado umas botas de cano, antecessoras das botas de elastico, que tambem já teem descendentes.

—Um homem que perde a fortuna ao jogo, mas que, rehavendo-a por acaso, disse aos filhos que amaldiçoava todo aquelle que apontasse á banca, ainda que fosse á dama.

—Uma rapariga de aldeia, que salva a vida de um official francez, com quem foge para França, com quem casa, regressando viuva ao seu torrão natal, de onde sahira despresada, para praticar o bem, que semeia prodigamente em sua volta.

—Um D. João campesino, que engana duas raparigas lindas, casando com uma terceira, que é feia, mas que é rica, recebendo por fim o castigo de cahir na miseria e na loucura.

—Um homem remediado, que não se contentando com o que lhe basta, vai para o Brazil em procura da riqueza, com que possa hombrear, em palacete de capella e jardins em volta, com outros do seu conhecimento, que por lá se haviam opulentado. Mas passou muita miseria, não lhe sorrindo a sorte, voltando no en-

tanto conformado, porque trouxera a fortuna maxima, ou fosse a experiencia da vida.

—Um quadro encantador, em que se canta a gratidão em prosa, que vale mais que os versos que a teem cantado em theoria.

—Um padre e um lavrador, por egual ambiciosos, que se deitam a excavar em pedregulhos, buscando thesouros escondidos.

—A modestia sympathica, na pessoa de Luiz Engeitado, posta em confronto com a soberba repelente, representada por João da Quintan, vencendo a modestia, como era dos livros que acontecesse.

—Um fidalgo que mata um bispo, encontrando-o em flagrante delicto com a carne da sua carne, e vida da sua vida.

O assassino foge. Faz-se eremitão em S. Gens. Entra na casa de S. Roque, em Lisboa. Conjura-se contra o Marquez de Pombal, e sendo um dos que espingardeiam D. José I, para as bandas da Ajuda, volta a S. Gens, onde morre com cheiros de santidade.

—Um Miguel de Barros, doidivanas de Lisboa, Porto, Braga e Santo Thyrso, que afinal se deixa vencer pelo sorriso d'uma filhinha que d'elle tivera uma aldeã, casando com esta, e perpetuando-se feliz por meio de uma ninhada.

—Um annel que passa de dêdo em dêdo, de namoradas a namorados, sendo por fim vendido por um d'estes em momento de difficuldades na jogatina, com grande escandalo da primeira doadora, que de romantica se transforma em fera, apostrophando com phrases cruas o procedimento do ingrato.

—Uma aldeã que se apaixona por uns bois que cria-

ra, a ponto de adoecer na hypothese de serem vendidos para bifes aos inglezes.

—Um coronel miguelista que se enamora de uma freira, morrendo os dois sem fruirem os gosos da sua paixão.

—Uma menina que se casa por dinheiro, e ainda por admittir a hypothese do marido adiposo a obsequiar morrendo cêdo, a fim de passar a segundas nupcias nos termos dos regulamentos de Cupido.

Etc., etc.

Cada uma d'estas novellas, contos ou historietas dava para muitas reproducções de phrases e dictados — *logares selectos de Camillo.*

Mas limitar-nos-hemos ao principal, seja dicto comesinhamente, embora com arrepios intellectuaes de talentosos cavalheiros que desdenham d'estas singelezas por se sentirem capazes de engendrar um periodo que apenas seja comprehendido pelo talento d'elles.

Depois de fazer o necrologio da liteira, que já em 1864 estava por pouco, passadinha de todo, na dymnastia dos transportes, lega a seguinte sentença aos que phantasiam as rehabilitações amorosas :

> «Não ha mulher nenhuma que salve. Homem perdido por uma, não póde ser salvado por outra.»

A sentença ahi fica, e a geração nova póde sentenciar sobre a these condicional—*se a culpa é da mulher em geral, ou do homem que em particular se deixa perder.*

Sobre o que não ha these, mas a affirmação peremptoria por parte do auctor, é sobre o processo de escrever romances.

E o seu processo é exposto d'esta maneira:

> «Alguns cuidam que surprehendem o auctor, e envidam toda a sua habilidade em torcerem o contexto natural dos successos para se deliciarem na vaidade de porem o leitor em espanto. Ora o leitor, usado nesta coisa de romances, é muito capaz de surprehender o auctor, chegando-se ao ouvido dos personagens encapotados até aos olhos, para lhes dizer quem são, de onde vêem, para onde vão, e o fim que o auctor lhes prepara.»

E com effeito nunca falta á regra de se achegar do natural das cousas.

Como affirmação é tambem o que apparece em formula como nós todos temos observado no mundo—que é campo bem mais vasto que a chamada *sociedade*:

> «Todos os tolos vão direitos ao coração da mulher por caminhos desembargados de senso-commum.»

Se é que o *senso-commum* é exactamente aquillo... que nós cuidamos que elle é!

Nos textos de Camillo cultiva-se bastas vezes o paradoxo; mas oiro, e de lei, encontra-se no seguinte trecho, onde não ha por onde fazer reparo, que melhor se accommode á pureza dos bons costumes:

«A contricção do crime é a mais expressiva e tocante homenagem ás consciencias puras. Os remorsos da vida peccaminosa valem mais como exemplo que a serena pratica das virtudes. A gente repara mais nas lagrimas da penitencia que nas alegrias da alma innocente...»

Passa á ironia: á ironia motejadora do noticiarista lisonjeiro, de onde se gerou o *reporter* mettediço e linguareiro do nosso tempo.

E' uma *charge* de appetite:

«No dia seguinte deu Eugenio Luiz um jantar dançante. Desde as cinco da tarde ás duas horas da manhã, os opulentos salões, abertos pela primeira vez, estiveram animadissimos. Foi tal a provisão do serviço, que eu (falla Antonio Joaquim) escrevendo a primeira local em minha vida, entendi que devia escrever profusão com dois *ff*, para criar uma distincção que não encontrei criada no diccionario de synonimos. Não sei se foste tu, ou outro jornalista que então me observou que não era licito alterar a orthographia para favorecer um amigo, e que a abundancia de licores não devia levar os seus instinctos revolucionarios até á etimologia das palavras...»

Hoje não é assim: os *ff* são quatro para os partidarios, e não ha *f* nenhum para os que não pertencem á sympathia da gazeta.

O mundo caminha!

A Filha do Arcediago

Romance com excesso de enredo, mettendo episodios em demasia, quando o fio da narrativa mais podia prender pelo interesse das deducções logicas do caracter das pessoas e do significado dos acontecimentos.

Romance, egualmente, com excesso de mortandade. Morre gente que é de pasmar! Uma, porque a Parca lhe cortou o fio por intermedio de congestões, dispepsias e amores ultra sentimentaes; outra, porque o assassino não se acobarda de dar ao gatilho do arcabuz.

Basta dizer que só a conta que o auctor, mettendo de chacota tanta sangoeira, apresenta a paginas 312, em guiza de rol de mercador, somma oito mortos, deixando para apontamento final os que se lhes seguirem na tumba. Romance com excesso de comico, que vai alêm do que é admissivel no genero, entrando a farça pelos seus dominios.

E' que o auctor, que tão bem, como sempre, podia jogar com o enredo, com os episodios, com aquella ironia que é tanto sua, se deixou ir na corrente mechanica dos excessos e complicações!

Escrevendo, como elle escrevia, a correr—e este romance entreteve os ocios dos leitores do folhetim da *Concordia*—, não quiz voltar atraz, emendando,

Quod scripsi, scripsit.

Devia ser assim a sua regra.

O Arcediago de Barroso, pessoa sanguinea e farta, arranjou uma filha, e, com bons figados de pae, educou-a.

Procurando-lhe collocação, quiz casal-a com Antonio Joaquim da Silva, seu intimo, negociante muito rico para o tempo.

Mas a rapariga não quiz, não esteve pelo ajuste dos dois, e entrando n'um recolhimento, ahi se tomou de arreigada amisade por Maria Elisa, litteratiça conventual.

Morto o Arcediago, as raparigas sahiram da cela, vivendo juntas.

Até aqui tudo vai pelo natural, mas de repente surgem as surpresas,

Assim Maria Elisa, pessoa pratica com lição de poetas, casa com o Silva, que a amiga regeitara, em quanto que esta, romanticamente, faz matrimonio com um troca trintas, sobrinho do Silva referido, que num ai esbanja a fortuna que o Arcediago amialhara.

Enviuvam as duas, tornam a casar, e dão-se todos aquelles episodios que nós consideramos em excesso, e que, por serem muitos, nos abstemos de summariar.

E que episodios! Ha scenas de jogo; apparecem encapotados; surgem figuras desgrenhadas e tetricas; manobra uma rameira, que depois de ser rica se afidalga; morre de amores um pintor, como a lenda dizia morrerem os poetas; uma idealista saboreia as recordações do seu amor que nunca deu a conhecer; um aventureiro veste-se de frade sobre a farda de general francez, e atirando

fóra o habito, apresenta-se a Fernando VII; reunem-se em congresso varios negociantes, que se dizem as ultimas; manobra um Marana portuense, que se repasta no adulterio; falla pelos cotovelos uma beata deslinguada; um Lovelace, para fazer o seu jogo, representa de primo...

Paremos aqui.

Pelos personages variados e mesclados se pode avaliar das peripecias em que se chocam esses homens e essas mulheres, pois que os portuenses e os brazileiros de Camillo são de uma realidade mais fiel e exacta que os Rougons e Rubemprés de Zola e Balzac o são das realidades politicas, litterarias e sociaes.

Mas vamos ao que importa.

O Sr. Antonio José da Silva, de 55 annos e mercador estabelecido na rua das Flores da sempre nobre e invicta cidade do Porto, começava a apaixonar se de Rosa Guilhermina, a filha do seu amigo Padre Leonardo Taveira, Arcediago de Barroso.

Aos 55 annos!

Como se vê, o deus Cupido, que ainda então era fallado, esquecera-o por muito tempo com as suas settas, mas estas paixões tardias têem uma psychologia propria:

> «A mocidade na velhice é o anceio impotente de um coração, que quer romper os tecidos atrophiados, para dar pulos em pleno ar.»

E' assim mesmo; mas, com tantos pulos, a quéda é certa...

Principalmente quando o objecto amado se impõe por

estas prendas phisicas, que eram as de Maria Elisa, com quem Antonio Joaquim se veio a casar:

> «O cabello negro, em ondas, cerceado pelas pequeninas orelhas, era de um effeito satanico. Olhos rasgados e negros, como as pestanas; trigueira; com todo aquelle fogo vertiginoso das mulheres trigueiras; labios sedentos de beijos, sorrindo para o amor e para a zombaria com o mesmo sorriso; e mais que tudo um buço, tão egual, tão caprichosamente graduado até ao cantos dos labios, em que o maldicto seductor parecia colher um beijo para atormentar os Tantalos d'esta iguaria...»

Dicant paduani; o que traduzido fóra do vulgar, significa: *que digam os entendidos!*

Por nossa parte, sem voto na materia, temol-o no entanto, e damol-o de boa vontade, para appoiar esta maxima do Arcediago Leonardo:

> «Quem sae fóra da sua classe, não tem classe nenhuma.»

Como o damos, por egual, para esta definição de *dinheiro,* que ainda é melhor que as definições que foram postas em verso por muitos poetas:

> «Palavra de trez syllabas distinctas, que fazem o unico deus verdadeiro d'este paganismo ignominioso em que medram os vicios da sociedade.»

Foi o dinheiro quem seduziu a Maria Elisa, que dialogava assim com Rosa Guilhermina, quando esta, uma bicha, lhe exprobava o casamento de conveniencia:

«—Vaes ser uma esposa infiel?
«—Não.
«—Vaes ter carroagem e vestidos ricos?
«—Vou.
«—E se te não der carroagem nem vestidos?
«—Ha-de dal-os!
«—E se não der?
«—Divorcio-me... metade da sua riqueza será minha.
«—Esperas dar escandalo?
«—Escandalo é ser pobre.»

Escandalo é ser pobre!

Com esta philosophia no coração, no espirito e na intelligencia de muita gente, o dinheiro não precisa augmentar o numero das syllabas para impôr a sua omnipotencia.

Em correntes oppostas, e contrastando, passa do dinheiro—*o vil metal*—para a mais pura sentimentalidade, exclamando:

«Uma lagrima!...
«Sabeis o que é uma lagrima de homem?... E' a perdida essencia do sangue que nos alimentaria a existencia longos annos...»

E' que elle, como Magdalena, *muito amara e muito soffrera*. Ria por fóra, como devia chorar por muitas ve-

zes, porque a bondade de Camillo adivinha-se atravez das suas ironias.

E é o producto d'essa bondade a phrase que elle põe na falla de Augusto Leite:

> «O prazer de uma boa acção é o unico prazer sem mistura de dor.»

Sendo da mesma inspiração o que diz um pouco adiante:

> «O infortunio illumina o entendimento. Para o que soffreu não ha mysterios de dor no coração do extranho.»

Podemos ficar por aqui, para que o capitulo se encerre á maneira dos sonetos de Bocage.

A Neta do Arcediago

Continúa a romantisação da descendencia do Arcediago de Barroso, Leonardo Taveira, na pessoa de sua neta, Açucena, que sua filha tivera do primeiro matrimonio.

Açucena, pelo titulo do romance, é a protogonista d'elle, mas pelos factos não o devia ser. O heroe—heroe de perversão humana—é Luiz da Cunha, que o fidalgo João da Cunha houvera de uma mulata dengue, que em Coimbra roubara a um seu contemporaneo brazileiro, que da America viera com ella, cheio de amor e de muitos cabedaes.

Em um romance de Victor Cherbuliez, um dos collaboradores da antiga *Revista dos Dois Mundos*, dos mais apreciados pelas suas novellas em continuação, cantam-se os *feitiços de uma mulher feia*.

Mas esta attenuava a fealdade pela sympathia bondosa, emquanto que o filho da mulata, sendo feio, parece que na perversão é que encontrava o poder suggestivo de enfeitiçar as mulheres, sendo muitas as que arrastou na gravitação da orbita das suas devassidões amo

rosas, desde Açucena, pomba innocente que aquelle milhafre esfrangalha na sua honra, a uma viuva, rica brazileira que se lhe entrega por esposa, e que elle leva á morte pelo infortunio, a uma *lavradora de Venus*—como dizia o Padre Manuel Bernardes, de nome Liberata, que ella sustenta, que ella ampara, até que é varada por uma balla quando o acompanhava no penultimo capitulo, feito contrabandista, na serie das suas aventuras.

E Açucena, até á sua morte nas aguas de um rio, a que se atira louca, protege-o sempre, da sombra, martyr da melancolia do seu amor compadecido, entregando-lhe a pouco e pouco a fortuna que herdara de um virtuoso padre, que a amparara como anjo do ceu quando foi da sua queda na desgraça.

O verdadeiro heroe é, de facto, Luiz da Cunha: mau filho, mau marido, mau amigo, amante mau; jogador, rufião, pirata, escrivão do juizo ordinario, contrabandista e ladrão de estrada...

Toda a escala, sendo na qualidade de ladrão, morto n'um assalto, que elle pela ultima vez se aproxima de Açucena, no intento de lhe roubar a casa, arregimentado na quadrilha de José do Telhado.

Mas não cuidem os leitores que atravez as peripecias e os enredos, de que podem ajuizar pelas metamosphoses do filho de um fidalgo em pirata, contrabandista e ladrão, ha lances phantasiosos, extra-litterarios, como nos livros do pseudo romantismo da escola franceza, ou da escola hespanhola, contemporaneas de Camillo.

Não. Elle, a não ser excepcionalmente, é sempre singelo, sendo sempre litterario; não é propriamente o enredo que prende e encanta: é a sua arte de dizer as cousas—o verdadeiro *maravilhoso* dos seus livros.

Como vamos dar provas.

Qual era o poder dos encantos da mulata Ricarda, mãe de Luiz?

Vê-se da descripção, aparelhada para muitas:

> «O que ella tinha! Sabem o que é ter um coração de lume, lume que não se esconde, emquanto ha olhos que o dardejam em labaredas electricas? Sabem o que é o nervo optico, ferido d'esse galvanismo d'alma, que se lhe não corroe nas fibras, que se communica aos musculos, que se injecta na pupilla vertiginosa, que se lança fóra do corpo em scintillas contagiosas, até vos pegar uma febre, que se não cura com a quina? Sabem o que é a voluptuosidade da mulher dos tropicos? Não creem que o sol, a prumo, se infiltra n'ella, e a queima desde os quatorze annos, com uma sede insaciavel de gosos ternos, morbidos e enlanguecidos como a requebrada cantilena de uma carioca?»

O auctor interroga.

Uns leitores responderão:

—Sabemos.

Outros:

—Comprehendemos. Ajuizamos.

Ao que alguns não darão acenso é ao seguinte, pelo facto de haverem jurado na moral da *Dama das Camelias*:

> «Porque é moda, em romances, estas mulheres (as Liberatas). A imaginação, cançada de re-

duzir a virtude ao crime, trata de fecundar a virtude no alcouce.»

Mas do periodo que tem a palavra dissonante por que elle fecha, póde passar-se á moral mais selecta, numa phrase que póde suggestionar ao bem.

Vejam:

«A virtude tem consolações incomparaveis com os prazeres momentaneos do vicio.»

Na parte descriptiva do que vem a ser o romance, fallámos dos feitiços de Luiz da Cunha, mal dotado pela natureza; mas da aberração que lhe conquistava amores, só o auctor pode fallar com eloquencia:

«Nem eu nem vós sabemos como nasce o amor. Em physiologia, que é a sciencia do homem phisico, não se sabe. A psychologia tambem não diz nada a este respeito. Os romanos, que são os mais amplos expositores da materia, não avançam cousa nenhuma ao que está dito desde Labão e Rachel á Neta do Arcediago e o filho de Ricarda.

«Dizer que o amor é sensualidade, além de grosseira definição, é falsidade desmentida pela experiencia. Ha um amor que não rasteja nunca no raso estrado das propensões organicas. Dizer que o amor é uma operação puramente espiritual, é um devaneio de visionarios, que trazem sempre as mulheres por estrellas, ao mesmo tempo que ellas, gravitando materialmente para o

centro do globo, comem e bebem á maneira dos mortaes, e até das divindades do cantor de Achilles.

«Eu conheço homens, sem faisca de espirito, que se abrasam, tocados pelo amor, como o fosforo na presença do ar. Eis aqui um phenomeno eminentemente importante. Elle, só, sustenta em these que o amor não tem nada com o corpo nem com o espirito. Eu creio que é um fluido. E' pena, porém, que eu não saiba o que é fluido, para me dar aqui uns ares pedantescos, ensinando ao leitor, mais ignorante, cousas que, de certo, o não privavam de continuar a comer e a dormir.»

Nada explica.

Mas o facto dá-se.

E eis tudo.

A questão é principiar a sonhar-se!

Lá se regista:

«O coração, em se habituando a phantasias, custa-lhe muito depois a desfazer-se d'ellas quando vem a realidade.»

E aquelle amor que se acoima de *fraterno?*

A amisade e o amor são incompativeis até natural e socialmente. Essa mascara, no fundo, é uma illusão ingenua, quando não é hypocrisia refalsada.

Bem prégava, embora em vão, João da Cunha ao filho estroina:

> «Irmãos só os faz a natureza. A arte que approxima o homem da mulher com laços fraternaes, é uma ficção. Eu tive muitas irmans, como esta que tu adoptas, e todas ellas quebravam o vinculo da fraternidade, quebrando primeiro pela honra.»

O amor absorvente é que é o demonio! E' o amor de perdição ou de salvação. Quando elle se divide e subdivide, de tanta e tanta dynamisação, esvae-se.

O phenomeno, reduzido a regra, dá isto:

> «O amor repartido é o amor sem consequencias perigosas. A razão conserva sempre o seu dominio. A luta com trez é-lhe sempre menos difficil que a de um só...»

Para traz já fica a chronica das reticencias — os signaesinhos que tudo dizem, não dizendo nada.

O *etc.*, como seu parceiro, tambem soffre a sua critica:

> «O *et cetera* é a palavra latina que eu conheço mais util nos usos sociaes. Com um *et cetera* ou dois, fica historiada esta noite...»

A noite em que o scelerado filho da mulata regressou dos braços de Açucena, a pura, para os braços de Liberata, a perdida.

Na vertigem das suas aventuras, vejamos o aventureiro a abordar, hypocritamente, a viuva rica. Com todas as cautelas do ladrão que se prepara para praticar

o crime, elle lançava-lhe o primeiro olhar de fingida cubiça:

> «... baixavam-se submissos, se encontravam os olhos d'ella, em que a curiosidade não era menos significativa que a ternura. Mal vae o coração da mulher quando esta curiosa pergunta a incommoda. De dia para dia redobra-lhe o desejo de entender esses olhos equivocos, essa molestia encantadora. Se elles se esquivam em confessar-se, ou se a palavra timida os denuncia, o que era desejo, na mulher já ferida, torna-se em ancia de resolver o problema.»

São as primeiras linhas de um tratado, que Camillo teria completado *in folium*, se quizesse.

Elle podia tudo.

O Sangue

O *sangue*, sem a convivencia, não liga, não une, não estabelece nenhuma communidade moral. Não ha *voz do sangue*, embora se diga que *elle falla*.

E' uma falsidade esse dictado, e se, mesmo entre os que conhecem os paes e os que conhecem os filhos, se dão parricidios e infantecidios, quantos crimes d'estes se não terão praticado por esse mundo em fóra, de filhos e paes que nunca se conheceram?!

As leis de Solon, não legislando para o parricidio, por se não poder comprehender que o hediondo crime se praticasse, eram leis de um santo philosopho destinadas a um povo santo, que merecia a canonisação collectiva.

Depois que a civilisação começou a caminhar, a progredir, a avançar, é outra cousa; e bem faz ella em se armar de prescripções penaes para castigo de crimes que as civilisações antigas, *por muito atrasadas*, nem sequer admittiam em hypotheses de leis!

E' assim que o auctor enumera os casos de que nós temos ouvido fallar aos centos: paes e filhos que se

matam por grosseiros interesses materiaes; mães, que peiores que cadellas, estrangulam os filhinhos que dão á luz—concorrendo muito, por vezes, para esse acto a sociedade que as vexa; filhos, tornados ricos, que deixam seus paes na miseria. Etc.

Para que o sangue *falle*, e falla sempre, com rarissimas excepções, é mister a educação moral e religiosa.

Sem ella, póde fallar ou não fallar, e não falla de certo nunca quando haja choque de conveniencias.

E' pouco mais ou menos esta a these do romance, e o facto a que a these se apropria é o de um duelo entre pae e filho, que se desconheciam, e que, desconhecendo-se, se lançaram na briga com todo o odio de inimigos encarniçados.

O pae, quando julgou matar o filho, enlouquece, e este, pois que sua mãe o tivera do segundo marido na constancia do matrimonio... com o primeiro, sendo certo que *pater is est quem nuptiam demonstrat*, não se importou muito com o caso, e continuou a assignar-se com os appellidos do homem que tinha posto o nome no respectivo assento baptismal.

No *Sangue* ha commerciantes honrados, casamentos felizes, matrimonios desgraçados, doidivanas do Porto, poetas da provincia, creadas beatas, amigos dedicados e generosos, padrinhos exemplares e manas e tias affectuosissimas.

Do que elles dizem e fazem não curamos; o que nos importa é offerecer aos leitores os trechos que apartámos para o nosso expositor.

N'este romance, como de resto em muitos outros, o auctor humorisa sobre os improvisados afidalgamentos da nossa época, como de resto fizeram Almeida Garrett

e Castilho, que como Camillo, vieram a receber o titulo *Visconde* (1)

Mas no *Sangue* chega a ser cruel:

> «Se vaes até ao Calvario, faz lá recommendações ao mau ladrão, e diz-lhe que se florescesse em Portugal, mil oito centos e trinta e cinco annos depois, seria *Visconde de Gestas*, visto que elle se chamava Gestas.»

Muitas vezes lhe acontecia, a este respeito, tomar a excepção como regra geral, sendo sempre crudelissimo, principalmente, no seu juizo sobre a supposta desmoralisação de politicos e magistrados.

Mas vamos vêl-o, mais uma vez, á volta com as reticencias, não sendo com ellas, aliaz, que elle se occupava dos barões e dos viscondes dos seus romances:

> «As reticencias podiam dar a origem mysteriosa de bastas agonias. Onde ninguem vê nada, estão ladeiras de muitos abysmos.»

E ás vezes, para bem como para mal, esses mysterios originam-se em cousas de pouca monta:

> «Muita gente julga que as grandes desgraças precedem de profundas causas, e não attentam que basta um sopro de odios para accender in-

(1) A' cerca d'este *Viscondado* preparamos uma brochura sob o titulo — *Camillo Castello Branco no parlamento portuguez.*

fernos. Ha infortunios sordidos de repente, que sobrojam por entre flores...»

E mais funestos que a serpente symbolica do poeta latino! Desgraças, odios, infernos...

Mas passemos a notas alegres. Os leitores conhecem o nosso Tolentino?

De certo conhecem, porque por mais que a litteratura franceza nos desnature, parecendo que dá saltos dos Pyrineus para a bacia do patrio Tejo, ninguem que aprecie poetas deve pôr de parte o primeiro satyrico nacional. Ora aconteceu que um barbeiro pediu a Nicolau—quando os Figaros ainda necessitavam de fazer estes pedidos, o que hoje não acontece—que lhe fizesse umas quadras para mimosear a escolhida do seu coração.

E o mestre da rhetorica respondeu-lhe assim:

Menino, dizer finezas,
Só o proprio pretendente:
O amor, nunca se imita,
Só o pinta quem o sente.

Era um ingenuo o supplicante, porque muitos namorados tem havido que aproveitam a obra feita, forrageando na litteratura para decidirem o sentimento das damas que mereceram os seus requebros e gorgeios.

E' a esses que taes que se refere a nota que reproduzimos, alludindo o auctor aos *Ciumes do Bardo*, do Visconde de Castilho:

«Quantas vezes tenho ouvido relanços d'aquelle poema servindo a paixão declamatoria de

alarves mais obstinados que Innocencio! Fazem-me lembrar onagros a pastar em rosèiraes, quando os ouço a espumar das sujas boccas aquelles versos d'ouro.»

Colhendo as rosas muitas vezes...
Por ultimo, trez aphorismos:

Primeiro:

«As religiões, prometendo infernos além d'este mundo, foram mais inventivas que Deus.»

Segundo;

«São poucos os infortunios sem um reverso de ridiculo.»

Terceiro;

«Quem come francezmente, cria alma; corpo é que não.»

Estrellas propicias

Livro bom, livro cheio de bondade! Livro que faz os leitores melhores do que eram antes de lel-o, no quanto os romances podem influir no coração dos que os leem, fóra da confraria dos litterarios, que sómente andam em busca de bellezas de fórma e de senões de escola.

O bacharel Antonio d'Azevedo Barbosa, com sciencia mas sem clientes, enamora-se de D. Corinna da Soledade, filha primogenita de Gastão de Noronha, que andara na emigração, e que com cinco filhas lindas, aguardando casamentos ricos, estava comendo os restos dos seus prazos e bens livres, numa casa solarenga nos suburbios de Vianna.

Como Antonio Barbosa era pobre, o fidalgo viu de maus olhos a inclinação da filha, e o bacharel, a fim de a haver no meio de uma mediania honrada, foi grangeal-a no Brazil, recommendado por um negociante rico do Porto e por seus filhos, condiscipulos de Barbosa, de appellido Taveiras, que são a nata dos portuenses photographados por Camillo nos seus livros, quasi sempre descaroaveis em tudo quanto diz respeito á cidade *invicta*.

Acontece, porém, que os morgados da esposa de Gastão lhe foram disputados pelo filho natural de um tio de quem ella os herdara indevidamente, e que do Brazil os litigava sómente por orgulho de se afidalgar com solares portuguezes, e não por necessidade, pois que enriquecera na America, tornando-se senhor de escravos, engenhos e casarios urbanos.

Demanda sobre demanda. Empenhos em giro. Almoedas em circulação. Incidentes sobre incidentes. Chicanas e mais chicanas.

Mas o direito era terminante, a lei era clara, e o bastardo vence a demanda, ficando o fidalgo, mais a esposa, mais as cinco meninas formosas sob a ameaça da miseria absoluta.

Mas acontece...

Mas acontece...

Note o leitor que começamos assim alguns periodos d'este proemio, porque na verdade neste romance, e de improviso, vão acontecendo muitas cousas imprevistas e extraordinarias, sem que aliaz pelo extraordinario e pelo imprevisto ellas percam a sua concatenação.

Mas acontece, iamos dizendo, que o bastardo, de nome Fernando de Athayde, se encontra com Antonio d'Azevedo no escriptorio do advogado com quem este praticava, um caracter de oiro, e que era o patrono das questões judiciaes do Athayde.

E este encontro foi providencial, porque d'elle resultou a volta da felicidade ao lar do fidalgo minhoto, pois que Fernando de Athayde desiste do pleito, casa com uma das meninas, sua prima, Antonio Barbosa casa com Corinna, que o vai buscar ao Rio, os Taveiras casam com mais duas, ficando apenas solteira a mais nova

de todas, Elisa, perfumado botão de rosa, que ainda não havia aberto a sua corolla ás abelhas e zangãos do amor.

Nas *Estrellas Propicias* o caracter accentuado, perfeito, completo, é o de Antonio d'Azevedo Barbosa. Ama, ao mesmo tempo, com o coração, com o raciocinio, e com o orgulho; e tão bem o auctor tempera estes predicados, que consegue impor pela sympthia um homem, que se torna excepção, no mundo, aos typos do seu genero, que em regra não nos entendem comnosco nem são entendidos por nós.

Sem mais, porém, passemos á revista das *Estrellas Propicias*.

Eu sou sentimentalista, o leitor tambem o é, todos nós portuguezes somos sentimentaes.

Somol-o de raça, clima e educação. Mad. Stael chamou-nos *povo de apaixonados;* embevecemo nos com phrases lyricas, embora nos ultimos tempos as *phrases politicas* estejam mais em moda, valendo menos.

Até parece apropriado para nosso lemma collectivo esta phrase dos *Miserables:*

L'amour c'est l'unique extasi!

E' bonita, embora haja extasis para outras cousas fóra dos dominios do amor.

E' bonita, mas é muito mais humano este dialogo, em que o interrogante é um homem rico, que dispõe do seu tempo para tudo:

«—O' Azevedo, tu já amaste?

«—Não tive ainda tempo para isso. Quando

a alma trabalha sempre, o coração nunca está ocioso.»

Não é chamar ao amor producto da ociosidade. E' fazer reconhecimento de uma grande verdade: que espiritos ha tão perseguidos pelo infortunio, mergulhando-se n'elle, que não chega ao fundo d'esse abysmo um clarão tenue de luz do ceu!

E assim, o extasi que é unico, chega muitas vezes a ser um previlegio.

Ora este homem, *que não tinha tempo para amar*, quando lhe chegou a occasião de se expandir, elle, homem intelligente, elle, homem illustrado, nem sequer encontrou logares communs, por onde désse a palavra ao seu coração!

Era um infeliz, e:

«A desgraça tem de seu o fatal condão de deslapidar o brilho das idéas, enredando-as, escurecendo-as, falsificando-as...»

E' assim, e, a par, conhecem-se tolos de cathegoria que são eloquentes de palavras na razão inversa do recheio de idéas na mioleira de que são donos.

Phenomenos...

Mas esse desgraçado, quando o amor, sem lhe pedir licença, lhe entrou pela alma a dentro, desentranhou-se em sentenças nas suas conversas de amisade.

Ahi vão algumas:

«Ha uma felicidade commum de todos os desgraçados.»

«A familia é uma accumulação de forças nos braços do seu chefe.»

«O bem-fazer não se lê nem se ensina: está dentro do coração, é fôro intimo, é materia de tratar com Deus.»

«A consciencia é a inspiradora dos deveres; e o coração da piedade, da humanidade e de outras virtudes menos pintadas que os meros deveres e obrigações da recta razão.»

«O illustre vulgo é o derradeiro plebeismo, sem individualidade, sem classe, sem mais religião que a das sensações.»

«A maior felicidade é a que requer mais grande coração e pura consciencia.»

Mas passemos de um moço triste a um casquilho alegre, que nos dá uma observação que todos os velhos devem ter sentido, quando a não tenham formulado:

«Pensei em casar-me. Procurei as mulheres que amára aos trinta, e achei-as mães e avós; algumas que se conservavam solteiras, estavam feias e velhas. Veja o primo o poder dos meus habitos! — quando assim as vi, ainda cá disse de mim para mim: — Olha se eu tenho casado, que bonitas creaturas estas para me ajudarem a bem morrer!»

Ninguem diga que não é assim; e o leitor, se passou o barranco do meio seculo, e não sujeitou o cachaço á canga do matrimonio, ha de confessar que tem feito a mesma critica das que amou na sua primavera!

D. João de Mattos e Noronha, morgado da Trofa em Evora, fallou assim por todos nós!

Este velho não chorava, *não tinha tempo para isso*, como o moço Barbosa, que dava vasante ás lagrimas, servindo estas para que no livro appareça este trecho precioso:

> «Ha lagrimas que teem um como pudor e recato, que é talvez o mêdo de serem mal avaliadas. O chorar do homem ha de ser assim, ou ficará sendo miseravel alarde da sua feminil fraqueza.»

E' uma critica intensa, condensada, mas ainda o é mais a que se formula n'estas duas linhas apenas:

> «Os individuos vulgares são os menos intelligiveis.»

Em regra estes vulgares, afóra a sensualidade grosseira, não sentem outra impressão externa. Nada os impressiona; nem aquelle *amor pelo torrão seu natal*, sentimento este que tem no livro que percorremos esta descripção do natural:

> «Os sitios onde nos afizemos a scismar e a soffrer com a nossa saudade, dão-nos a sombra do auzente, que choramos sempre que a magoa

lá vai carpir. Se depois nos affastamos d'aquelles sitios, a saudade é já dupla: parece que os novos logares, onde imos, nos não conhecem. A nossa dôr dera-nos além um clima nosso, aqui tudo estranhamos, tudo nos apparece em dobro apartado.»

Mas voltemos ás sentenças moraes, producto do meticuloso orgulho do bacharel Barbosa.

Nem todas ellas ficavam sem resposta.

Por exemplo, no meio de uma discussão com o advogado com quem praticava no Rio de Janeiro, disse assim:

«A maior alma é sempre insignificante ao pé da pequenissima alma em cuja dependencia está.»

Ao que o velho jurisconsulto replicou:

«A dependencia é vergonhosa quando o dependente abdica da sua dignidade á força de fazer-se inutil.»

Discutiam... tendo afinal razão ambos elles.

Para o que velho não teve replica foi para o seguinte:

«O amor faz milagres taes, desfigurando tudo o que está feito e refeito pelos seculos e pelo consenso universal.»

Cremos que é a unica regra geral que não soffre excepção!

Elle até conduz á morte, quando aliaz se affirma que morre de amor, e é humoristicamente que Camillo se se não refere ao facto, no ponto em que dá Corinna da Soledade em perigo de ser morta pela paixão:

> «A gente experimentada facilmente diagnostica estas insanaveis doenças: os medicos experimentados é que do cocuruto da sciencia, o que ordinariamente palpam n'estes symptomas é uma doença que entende com o estomago ou com o figado. Do coração só conhecem lesões, turgecencias, hypertrophias, aneurismas, etc. Tem assim, por conta da sciencia, morrido muita gente que se curava com um raio de alegria e um pouquinho de compaixão do mundo.»

Tem parecenças, em prosa, com os epigrammas de Bocage, em verso.

Luta de Gigantes

Já dissemos que o *Bem e o Mal* era, para nós, o melhor romance de Camillo. Sem egual, na respectiva galeria, na contextura harmonica do drama que se desinvolve entre paixões e interesses antagonicos de classe, de educação e de temperamentos. Pois continuando a dar opinião, consideramos a *Luta de Gigantes* como sendo o melhor romance historico que se tem publicado na lingua portugueza, desde que o genero foi importado da França e da Inglaterra.

Abrange a primeira época da restauração, ainda quando se não fechara o periodo de guerra—o reinado de D. João IV e os primeiros annos enfermiços da reinação de Affonso VI. O proprio Camillo, em outros livros, abordou o mesmo periodo, mas, em alguns, como no *Regicida* e *Filha do Regicida*, deixou-se tomar de apaixonamentos de criterio preconcebido, e fallou mais o polemista, do que fallou o critico despreoccupado e imparcial.

Aqui, não. Aqui o quadro é completo, a observação rigorosa, a analyse perfeita; os documentos romantisam-se com precisão que não desmancha a realidade; embora, por partes, nem sempre fosse a que se deduz.

Mas estamos vendo que alguns exclamam:

—A *Luta de Gigantes* o nosso primeiro romance historico!! E interrogarem, successivamente, depois da exclamação:

—E os romances de Herculano, como o *Monge de Cister* e o *Eurico* na frente?

—E os romances de Arnaldo Gama?

—E os de Rebello da Silva?

— E os de Andrade Corvo?

— E os de Pinheiro Chagas?

—E o *Prato de Arroz Doce*, de Teixeira de Vasconcellos?

—E a *Herança de um Visionario*, de Bernardino Pinheiro?

—E o *Phebus Moniz?*

Estamos a vêl-os e a ouvil-os com estas interrogações e muitas outras, mas, sem entrarmos em discussões, que este trabalho não comporta, antes exclue, ficaremos na nossa opinião: a *Luta de Gigantes* é o melhor romance historico que se tem escripto na linguagem de Bernardes e Fr. Luiz de Sousa, desde que o genero se importou de Inglaterra e França.

O sr. Guerra Junqueiro que é, depois de João de Deus, o primeiro poeta do seu tempo;

O sr. Guerra Junqueiro, que já foi classificado de *genio* em letra redonda, o que nos faz lembrar os seguintes versos dedicados a uma actriz chamada Carlota Veloso, feia e desastrada na scena de ha quarenta annos:

Genio, genio! Inda mais: supremo esforço
Das mãos de Deus no ardor do enthusiasmo!

O sr. Guerra Junqueiro, que em prosa tem escripto muitas maravalhas paradoxaes em materia politica, litteraria e social, parecendo ser verdade o que alguem, sem verdade alguma, disse de Latino Coelho—*que era um estylo em procura de uma idêa;*

O sr. Guerra Junqueiro teve, no entanto, um rasgo de critico quando no parlamento, em Junho de 1890, classificou Camillo de historiador, quando ainda ninguem lhe havia chamado similhante cousa.

De facto, a par de romances, elle podia, com a grande força de analyse que possuia, escrever historia. Melhor que Pinheiro Chagas e Oliveira Martins, estando o seu processo no meio do processo dos dois.

Podia escrevel-a, generalisada como a de Michelet, philosoficamente humana como a de Guizot, particularisada como a de Thiers, estylisada como a de Rebello da Silva, eloquente como a de Lamartine!

Só a não poderia escrever como a escreveu Herculano...

Assim tivesse meio. Assim lhe dessem incentivos, que nunca lhe deram nenhuns. Assim tambem, diga-se a verdade toda, a educação lhe tivesse disciplinado a vida.

Elle deixou, esparsas, amostras criticas do muito que podia dar, misturando as curiosidades de Fr. Bernardo de Alcobaça, de Nicolau de Santa Maria, de Bernardes, de Rodrigues Lobo, de Antonio Caetano de Sousa, do Conde da Ericeira, do Cavalleiro de Oliveira e de tantos outros com a previsão espiritual do seu talento de previlegio.

E ponto no assumpto, porque iamos a seguir por trilho por onde não queremos enveredar...

Mas o que é a *Luta de Gigantes?*

Vem a ser a rivalidade de duas familias nobres que se odiavam de morte: os *Mascarenhas* e *Santa Cruz* (Obidos) e os *Cesares de Menezes* (Feira, Cantanhede e outros titulos). De permeio d'elles, e a partecipar das lutas, ha o poeta Braz Garcia, o auctor do *Viriato Tragico*, que sempre enfileirou dedicadamente ao lado dos Cesares.

A briga começou em Coimbra por causa de uma dama; depois veio para Lisboa; teve episodios na India e teve episodios na America; ministrou venenos; assalariou denunciantes; promoveu traições; intrigou em Roma; revolucionou conventos. Os filhos pagam pelos paes, oa paes pelos filhos, e até, na sanha feroz, os tios e primos são alcançados pela vindicta.

E tudo aquillo foi verdade, em grande parte; de um lado Diogo Cesar, Provincial franciscano do Algarve, e seu irmão mais velho, Sebastião Cesar, bispo e ministro; do outro os Mascarenhas, personificados em Fr. Martinho, que substituia as letras, que eram poucas, pelas manhas, que eram muitas.

Com D. João IV, sempre versatil e sempre temeroso; com D. Luiza de Gusmão, a quem os filhos não deixavam affirmar o animo viril; com Affonso VI, a quem o proprio Marquez de Cascaes, seu dedicado, chamava imbecil (1), ora venciam os Cesares, ora triumphavam os Mascarenhas. Sahiam da cadeia os Cesares e entravam os Mascarenhas; sahiam os Mascarenhas e entravam os Cesares...

(1) Vide *Memorias do tempo e da fortuna* de Fr. Alexandre da Paixão.

Era o odio a girar de continuo no circulo vicioso da intrigalhada da côrte—a mais perversa trama das intrigas humanas!

Leiam a passagem em que triumpha um dos Mascarenhas:

«Sahiu do paço Fr. Diogo; foi á cella de Fr. Martinho, e disse-lhe:

«—Obedeço a vossa reverencia provisoriamente, por amor de Deus e do Rei.

«Fr. Martinho, passados momentos de surpresa e satisfação, respondeu:

«—Vem pedir-me que o absolva das censuras?

«—Não, meu padre commissario; as censuras não me aleijaram nem me tiraram a vontade de jantar.

«—Então vem zombar com um Lencastre? —voltou Fr. Martinho com azedume.

«—Tambem não. Já disse a vossa reverencia que obedeço ao frade Martinho do Rosario: com Lencastres não tenho que ver, nem me faz caso a mim que o sejam. Vossa reverencia trata um Cesar, como outro Cesar a Pompeu quando o venceu na Pharsalia! Sabe vossa reverencia este caso da historia romana?

«—Não me irrite, frade provincial! — exclamou o commissario.

«—Tem vossa reverencia um genio cruelissi-

mo!—retorquiu mansamente Fr. Diogo. Serve-lhe a minha obediencia provisoria? Acabemos com isto. Serve-lhe?

«—Não! Humilhe-se ás penas, para eu lhe levantar a censura.

«O Provincial expediu um frouxo de riso petulante, e disse entre cascalhadas sarcasticas:

«—Esse odio rancoroso que me tem, Fr. Martinho, é postema que precisa ser lancetada. Eu lhe prometto, sr. Martinho de Lencastre, que hei-de esvurmar essa peçonha debaixo da mão que lhe deu a espada das excomunhões.

«—Ameaça-me com o ferro!—bradou o frade.

«—A sua ignorancia vê ferros onde não ha senão risos, Fr. Martinho. Adeus. Eu cá direi a El-Rei que a minha obediencia o não desarmou. E' melhor assim, padre, é melhor assim. Lutaremos como inimigos inexoraveis.

«—Veja lá se manda matar por algum Braz Garcia de Mascarenhas...—atalhou o Lencastre.

«—Não, senhor. Braz Garcia, o valente portuguez, está afeito a brigar com homens...»

Mas chega a vez a Fr. Martinho de ser derribado, na mesma arena de combate aonde acudiram os dois: em Roma.

Frei Martinho quiz ser confirmado como commissario da Ordem.

Indeferido.

Pretendia approvação para os capitulos que celebrara.

Indeferido.

E o mesmo indeferimento para muitas outras pretensões, sendo nesta situação que nas ruas da cidade eterna se encontraram as carruagens dos dois frades.

Escreve Camillo:

> «Fr. Diogo fez passar o seu côche rente com a portinhola de Fr. Martinho, e disse-lhe:
>
> —«Está concluida a primeira jornada da tragedia, Fr. Martinho de Lencastre. Vai principiar a segunda.
>
> «Não teve tempo nem espirito para replicar o Lencastre.»

Mas tornam a vencer os Mascarenhas.

O Infante D. Pedro, senhor do reino e da mulher de seu irmão, manda sahir o mais grado dos Cesares, Sebastião, para 50 leguas fóra de Lisboa; e como o frade ministro era de muito rija tempera, recebe de bom animo a sentença, dizendo ao corregedor que lh'a intima:

> «—Peço-lhe um favor, amigo.
>
> «—Manda vossa senhoria.
>
> «—Tem ali o meu annel de arcebispo de Lisboa. Queria que m'o levasse de presente a Fr. Martinho do Rosario, para servir-se d'elle quando a mitra lhe cahir sobre a cavernosa cabeça. Fr. Martinho deve ser mitrado, ou eu sou um asno maior de marca e do que elle.
>
> «Riu-se o corregedor tomando em gracejo o pedido, e sahiu.
>
> «Na tarde d'esse dia, Sebastião Cesar, acom-

panhado de seu irmão, jornadeou para o Porto em liteira. Ao passar os muros da cidade pela porta de S. Sebastião da Pedreira, sahiu-lhe do lado da quinta de Diniz de Mello e Castro um coche com dois estribeiros. Conheceu de prompto as armas dos Mascarenhas.

«Era Fr. Martinho de Lencastre, que intencionalmente lhe sahiu ao caminho.

«Ao perpassar do côche pela morosa liteira, o frade poz a cabeça fóra, e perguntou:

«—Quem venceu?

«—O mais burro!—respondeu Sebastião Cesar de Menezes.

«Fr. Martinho ficou entupido.

«—Ha de ser arcebispo—disse o velho ao irmão.—Cardeal... quem sabe? A Pontifice não irá, porque o espirito miraculo, desde que uma vez entrou e fallou no bojo de uma cavalgadura de Balaão, não me consta que entrasse no corpo de outra.»

.....»

Cremos que fica accentuado o caracter do romance, e correspondentemente, pelo dialogo a sua grandeza litteraria. São periodos que completam todos os quadros que aprehendem. Em pouco, nada fica n'elles por dizer.

Nos homens vê-se a sociedade do tempo. N'esses homens estão estampados dois reinados na essencia da sua vida. Mais: está n'elles uma época. Mais ainda: está um miliario de civilisação, onde o espirito nacional poisou para produzir aleijões como estes, e como tantos

outros que completavam a civilisação, seguida de outras civilisações, que não foram melhores, de certo, e que talvez fossem peiores ainda.

A besta humana arreia-se interna e externamente de diversas maneiras. Mas é sempre a besta humana.

O Santo da Montanha

As festas do *Corpus Christi*, na cidade de Braga, no anno de 1677, revestiram aparatos nunca vistos. Symbolos e mais symbolos, numa mistura pittoresca do sagrado com o profano, porque ainda então os deuses do Olympo andavam em barda como figurantes nas decimas dos poetas e nas phantasias dos festeiros.

E' nestas festas que começa o romance, e o auctor não as inventou, porque d'ellas ficou registo impresso, como de cousa que importava deixar memoria.

Para vêr essas festas despovoou-se Minho, Douro e Traz-os-Montes, e Lopo de Sampaio, descendente do celebre e celebrado vice-rei da India, sobre a moralidade do qual se dividem as opiniões dos chronistas, a ellas concorreu com sua filha D. Mecia, sahindo de liteira puchada a machos do seu empobrecido solar de Anciães.

Quarenta leguas como a da Povoa, por caminho de cabras, por onde certamente as cavalgaduras apalpavam o terreno que pisavam, como o cego tateia receosamente o seu.

Mas no Marão, e junto á Ovelhinha, morre um dos machos, e ahi ficam D. Lopo e D. Mecia estarrecidos de receios, para que não encontravam de momento solução que fosse facil.

Mas por acaso dois fidalgos, que tambem seguiam para as festas, acodem obsequiosos, e tudo se remedeia. Eram elles D. José de Noronha, senhor de Alijó, e Balthasar Pereira da Silva, da casa das Olarias, em Ribeira de Pena, n'aquelle pedaço de terra paradisiaco, que se emoldura entre os contrastes de paisagem do Minho e Traz os Montes—ou seja entre serras altivas e verduras perennes.

A breve trecho, reconhecem-se logo todos como primos e primas, e, como era de prever, havendo dois rapazes e uma guapa menina, por signal que muito afeita ao entretenimento dos derriços, o namoro começou desde logo.

Assim, Bartholomeu Pereira, *moço intelligente e culto*, embora pechoso em demasias de uma dignidade doentia, apaixona-se perdidamente de Mecia. Amor de verdade, á antiga—amor classico, typo de tragedias e dramas.

Ao contrario, D. José, *rustico e desluzido de faiscas de poesia,* não gostava d'ella. Ironisava-lhe o diaphano do corpo e a pallidez da cutis, mas...

Mas é D. José que alcança deferimento ao matrimonio com Mecia, mas quando apparece junto d'ella no dia da assignatura do contracto, Balthazar manda-lhe uma bala, que o prostra na morte.

Era um atirador adestrado o Balthazar — para lobos, javalis, lebres... e rivaes.

E depois de matar, mette-se a frade, professando em S. Francisco de Villa Real, onde tinha um amigo, que

tambem por effeito de amores infelizes se havia amortalhado no habito.

De Villa Real, sempre guiado por má estrella, vai para o convento da Ordem no Funchal, e ahi vai Mecia tambem parar, casada, finalmente, com o primo João Dornelias; e como o jardim dos Dornellas visinhasse com a cerca conventual, Balthazar, vendo a ingrata, volta á natureza de féra, e pegando de uma caçadeira, a pretexto de atirar a um francelho, mata a formosa moça, mettendo-lhe um pelouro no meio da testa.

Como se vê, continuava no certeirismo da pontaria, alargando os dominios da applicação das balas.

O romance podia ficar por aqui, e não ficava mal, mas o auctor não o quiz assim, e, depois d'este episodio, começa a dar largas á phantasia de duvidoso bom gosto.

O frade Balthazar embarca para Lisboa, mas, na travessia, sahem-lhe os piratas ao encontro.

Mas tudo corre bem, pois que o capitão, de nome Mustaphe, se lhe affeiçôa, a ponto de lhe arranjar em casamento sua sobrinha Fatima, formosa e rica.

Balthazar Pereira, a esse tempo tornado em Ali Fondi, encontra-se rico, pois que Fatima morre de parto, deixando-lhe uma filha, Lindaraxa, que elle estremece, cuidando-lhe a educação com os esmeros que a fortuna facilitava.

Mas o phantastico continúa.

Vêm-lhe saudades da patria, e o ex-estudante, o ex-caçador, o ex-frade e ex-pirata chega ao Tejo, onde o consideram ainda no exercicio d'esta profissão.

Ha combate, elle defende-se como féra brava, e Lindaraxa morre na refrega.

Faz-se-lhe completa noite no espirito, não havendo já para elle, sequer, a claridade de uma esperança.

Então faz ricos os seus, que haviam cahido na pobreza; edifica, nos cumes do Alvão, uma choça, onde se recolhe e onde destribue esmolas, morrendo com a fama de ser o *Santo da Montanha*, ficando-lhe um padre a dizer missa n'uma sumptuosa egreja que levantou na região, e que pelas referencias se nos afigura que Camillo procura indicar que é a do Salvador, que se avista, como que em scenario original, da Portella de Santa Eulalia, produzindo o effeito de se levantar um pano de fundo, para nos deslumbrar com verdejante panorama pelo contraste com a aridez bravia do Alvão referido.

Devia ser ahi que se apropriavam as rezas pela alma de Balthazar, como hoje rezar se devia pelos trez eleitores que passados seculos foram estendidos a bala por adversarios que não admittiam que elles se proposessem a votar contrariamente aos seus votos independentes e livres!

Mas vamos á litteratura do *Santo da Montanha*.

Já alguem escreveu, porque em Portugal faz-se um grande cultivo de pessimismo, abundando os Schopenhauers de sexta classe — que os portuguezes do seu tempo apenas se impressionavam em dois momentos: n'uma praça de touros e na extracção da loteria chamada do *Natal*.

Que o portuguez é muito de jogo e muito de circo, não resta duvida alguma!

Por isso nos romances de Camillo, que encerram de tudo, tambem nos apparecem *afficcionados*, e um d'elles é D. José de Noronha, que assim falla enthusiasmado

á prima D. Mecia, que nunca em sua vida breve assistira a uma tourada:

> «Então não sabe o que é bom! Ora imagine um toureiro de figados como que pegado na sella, com o ferro posto á cara do touro se anda largo; vem o touro e arremessa; o cavallo quebra logo á mão esquerda, e vem saltando sobre o bicho, com o garrochão em postura de sorte, e o touro de cadeiras. E vai o bicho sahe debaixo do ferro e do garrochão a procural-o no jugo. Eu ataquei sempre o touro pelo jugo ou testa; pelo costado é mau, porque fica o touro muito entrado, e despara no cavallo, que é cousa feia e desprimorosa.»

O trecho tem movimento, ressumbra de technica, muito mais que a *Ultima corrida de touros em Salvaterra*, de Rebello da Silva, que é descripção commovente, mas que não tem vida, não correspondendo, a nosso ver, á fama que se lhe assignalou.

De touros... ao amor. A distancia não é grande; por bastas vezes, pelo contrario, é pequena de mais, e antes da sua historia se fazer na afamada opera de Bizet, já se havia feito em muitos quadros de Goya:

> «O amor!
>
> «Estes grandes phenomenos do affecto explicam-se anatomicamente. Todos os estheticos hão de vir a isto, quando se entranharem da certeza de que o coração tem excrescencias, effeitos naturaes, de que depende tudo que os psychologi-

cos enredam com o seu vasconço transcendental.»

Pode não corresponder á verdade, mas é de um bom humor originalissimo o trecho!

De resto, elle passa facilmente da materialidade á espiritualidade; e, assim, apenas com a differença de trez paginas, escreve:

«Da mulher o que nos commove e enleva é a parte impoluta que ella tem do ceu; é a magia que a fada exercita, obedecendo a interno impulso, não sabido d'ella, não sabido de nós. Ali ha mensagem de outras regiões...»

Pintando o spasmo de Balthazar, estatico de amor na sua primeira declaração a Mecia:

«O aspecto do moço, digamol-o assim, dava ares dos santos que nós temos visto nos dramas sacros e nas scenas de gloria final a subirem ao ceu, rodeados de anjos. E, fóra dos dramas sacros, a gente vê tambem caras similhantes á d'elle nos parvos felizes, nas almas eleitas que se engolpham n'um oceano de iriadas visões de chimeras como o sonho de um turco opiado.

«São caras, por assim dizer, commum de trez: dos santos de theatro em gloria; de parvos felizes; de turcos opiados.»

E ella, a linda Mecia, tão linda de rosto angelico, como fraca de coração acommodaticio ás suggestões do interesse em materia de matrimonio?

A pintura ainda é melhor:

> «E' gracioso condão das mulheres, tanto na mocidade como nos annos graves, quando o verdadeiro amor as alvoroça, alindarem-se e remoçarem-se em umas denguices e puerilidades, que seriam sempre adoraveis, se não fossem, por vezes, ridiculas.»

E assim Mecia, mesmo sem que se alvoroçasse com o verdadeiro amor, vinha a fallar, com as suas denguices, por todas as mulheres que n'estes lances se alindam!

N'estas escabrosas prelecções de amor — parques alcantilados por onde gorgeiam rouxinoes! — pode acontecer que analystas pechosos encontrem suppostas contradicções no criterio de Camillo.

Mas, se repararem, essas contradicções são de mera apparencia, porque as suas observações nunca são absolutas, mas sempre relativas a individuos que aliaz formam como que o symbolo da sua classe.

Das muitas classes, generos e especies em que se divide e reparte a familia humana...

Para acabar, registemos uma sentença:

> «A riqueza é boa, mas a felicidade é melhor.»

Quem ha por ahi, entre os leitores, que não exclame — *appoiado?!*

— Appoiado!

As trez irmans

No prefacio da segunda edição declarou o auctor que a suavidade meditativa que lhe deixaram no animo alguns dos romances de Emilio Souvestre, o induziu a escrever, nas *Trez Irmans*, um arremedo d'aquelle genero, que tantas sympathias criou entre infelizes.

Parece-nos escrupulosa em demasia a prevenção, pois que as *Trez Irmans* são da mesma technica de todos os romances de Camillo, accentuada, como sempre, entre o sentimento e o humorismo, que raras vezes, desmanchando-se, atraiçôa e desharmonisa a nota sentimental.

Um dos figurantes da historia, o padre capellão de Christovam de Lebrim, morgado do Sobral em Lobrigos, é que a define bem, exclamando d'esta maneira:

> «Eis aqui uma familia das eras de Jacob e de Abrahão!»

E é assim, mesmo, porque embora a acção seja passada no começo do seculo chamado *das luzes*, a verda-

de é que, se não fosse um estroina, chamado Duarte Pereira, que deu em droga, dando cabo do patrimonio e morrendo miserando no Brazil; se não fosse este, excepção na regra geral da bondade que impregna todo o livro, por este podia-se ensinar moral nas escolas, se por ventura ainda nas escolas se ensinasse moral theorica ou pratica!

No Porto havia uma familia, a do negociante Joaquim Luiz da Silva, que era modelo de virtudes. Mas a desgraça bateu-lhe á porta; os francezes roubarem-lhe tudo, e o honrado homem, por entre sacrificios, teve de recomeçar a sua vida commercial.

Tinha o cazal tres filhas — trez estrellas luminosas d'aquelle ceu sempre azul: Eulalia, que casa com o doidivanas já referido; Maria, que esposa um advogado, que apesar de se tornar soldado e entrar em guerra civil, era um santo garantido por tudo quanto pensava e pela fórma por que em tudo procedia; e Jeronyma, a mais velha — musa para inspirar todos os hymnos que se possam entoar aos sacrificios da bondade simples, o anjo bom de quantos se lhe cercam, e que ella aquece com o fogo sagrado d'essa bondade, que a flux irradia do seu coração!

Taes se nos apresentam as *trez irmans,* que faziam dizer ao conceituoso capellão do morgado que ellas pareciam ser dos tempos de Jacob e Abrahão!

Feito o singelo registo, prosigamos na tarefa do costume.

Conhecem -- conhecem de certo — o dialogo, nos *Miserables*, entre o Bispo e o Convencional?

E' um duelo declamatorio de palavras e phrases.

Nós consideramos o dialogo que vai ser transcripto

muito mais cheio d'aquella verdade com que os homens discutem despreoccupados de phrases.

Dizia um legitimista a um rapaz repleto de liberalismos:

«—Senhor liberal! faz favor de me dizer o que é liberdade?

«—A liberdade é um direito que cada homem exerce de ser egual a um outro homem perante uma lei illustrada.

«—Logo—acudiu o capellão—o sr. Alberto é egual a todo o homem.

«—Certamente.

«—E como a lei não prohibe que o homem da cavallariça venha sentar-se a esta meza, e comer d estes pasteis, o sr. Alberto não leva a mal que o homem exerça um direito, que a liberdade não impede.

«—Essa agora não parece sua, ó padre mestre! disseram, a um tempo, quatro fidalgos commensaes.

«—O sofisma é obvio, disse Alberto.

«—Então diga *distinguo minorem*, que é a regra da boa dialectica.

«—Pois *distinguo minorem*. A lei legisla para os casos expressos, e não estabelece regras de consentimento para o que não diz. Eu sou egual ao homem da cavallariça, perante a lei, se praticar um crime. Diz o codigo da liberdade: A lei é uma para todos os homens: homem que matar outro seja castigado.

«—Isso está lá? atalhou o padre mestre.

«—Está, sem duvida.

«—Pois, quando se tratar da applicação da lei, fallaremos, amigo e sr. Alberto da Fonseca.»

Ahi fica, para ser citado por quem impugne a doutrina ou os preceitos do divorcio, o que vai ler-se:

«Quando acontece persuadir-se a mulher que o casamento estabelece igualdade de direitos, é inevitavel a desordem na vida.»

Se Camillo vivesse hoje, e exposesse a sentença n'uma gazeta, recebia, pelo menos, uma moção de censura do Centro feminista e sol e dó respectivo!

Elle tem a sua philosophia, esse centro, ou outro qualquer da mesma orientação, com musica ou sem ella.

Tem noções, principios; defende these e sustenta affirmações. Mas emquanto elle defende e sustenta, vamos nós, os que não temos matricula, aproveitando lições praticas como esta:

«A rosa da profunda amisade não se colhe sem ferir a mão em muitos espinhos da contradicção. No abnegar é que está o vencer de muitas resistencias invenciveis ao imperio da vontade.»

Invencivel absoluto o do destino.

Para o vencer é que não ha abnegações possiveis que amolleçam a resistencia.

A perdição é fatal, porque

«Ha destinos infelizes que mais se exarcebam,

quando, ao atirarem-se ao seu termo fatal, encontram obstaculos, que apenas podem retardar-lhes uma hora a extrema quéda.»

Para soffrerem mais, embora o auctor se contradiga, escrevendo em seguida:

«Fraco é o homem que se julga inferior ao imperio das paixões »

Coitado!

Ainda que elle seja *forte,* não o julgando, o que importa isso, quando, por mais que queira, *só pode retardar a extrema quéda!*

Mas fechemos com uma nota tão alegre como verdadeira:

«O muito dinheiro pode dar a um gallego alma de principe, e a miseria pode dar a um principe alma de gallego.»

O esqueleto

O titulo assusta, mas, de mistura com tristesas, ha muitas diversões de alegria.

Ha exemplares selectos de fidalgos de sangue, tradicções e costumes á antiga portugueza. Ha vergonteas enfezadas d'esses troncos adustos e venerandos.

Ha francezes e francezas que amam, deixam de amar, e tornam a amar-se, entre amor de despreso e despreso de amor.

Mas contemos.

Um fidalgo trasmontano, quando veio da emigração, trouxe uma Margarida, que roubara ao marido, em paga d'este lhe haver dado gasalho e amisade.

Porque mesmo em questões de coração se podem citar os conhecidos versos:

..... *Entre portuguezes*
Traidores houve algumas vezes.

Mas o nosso descropuloso patricio a breve trecho se enfastiou da amante, tornando formal o rompimento

quando se apaixonou de uma sua prima de Chaves, sendo elle da edade do pae d'ella, e sendo estas differenças de edades uma das cathegorias que Balzac especialisou para os seus predestinados.

Mas o trasmontano — Nicolau de Mesquita se chamava elle — tambem se aborreceu da prima, regressando á franceza, sendo determinante d'esta mudança o facto de Margarida se haver entregado a um outro fidalgo seu visinho e parente, solarengo do Castello de Aguiar, nos declives do Alvão para os vales de Villa Pouca.

E' claro que n'estas condições a joven esposa tambem operou uma diversão, sendo para este effeito escolhido um primo d'ella, *mas da sua edade,* o que torna o facto attenuante para a sentença da posteridade, que tenha de julgar d'estas mundaneidades.

Até este ponto vai a comedia-drama desenrolando-se, mais logicamente, menos logicamente, consoante a arte da natureza, que tambem foge bastas vezes ás regras de Aristoteles.

Mas Camillo, por causa dos leitores do seu tempo, que não eram do mesmo paladar litterario dos leitores de hoje em dia, não poude passar sem a nota tragica; e assim, quando o primo foge dos braços da prima, e se recolhe, para não ser visto de uns valentaços que vinham de uma briga, a uma mina, é morto ao acaso por elles, que para dentro do buraco despejam á uma os seus bacamartes, *a fim de ouvirem o ecco...*

E assim o Lovelace da casa de Fayaes lá foi mandado para a eternidade das mulheres bonitas, tendo de prestar contas ás suas victimas no juizo final.

E do seu cadaver, passados muitos annos, foi encontrado o... *Esqueleto.*

O romance ainda tem mais episodios lancinantes:

A morte de Beatriz.

A morte de Nicolau, quando ultrajava as cinzas da adultera.

O empobrecimento da franceza, até ao recurso da esmola, mas voltando, por uma herança, á riqueza, que ella divide com o marido que atraiçoara...

O leitor, se quer commoções em barda, vá d'aqui comprar e ler o .. *Esqueleto,* que de mais a mais tem um prologo onde, por assim dizer, apparece pela primeira vez em portuguez classico o programma do *realismo* na litteratura.

Nos tempos historicos quem foi que fez o programma do classicismo?

Talvez o saiba o sr. dr. Theophilo Braga, que parece saber tudo; mas o leitor não sabe, nem nós sabemos quem foi.

A carta constitucional do romantismo sabem todos que appareceu em 1827 no prologo do *Cromwel*, onde Victor Hugo, fingindo modestia, escreve que ali se encontra a *pedra* que outros *jetteron à la tête des Golliaths classiques.*

E esta representação, em Portugal, pertenceu a Almeida Garrett, que afinal veio a regeitar a pedrada a si mesmo.

Passados trinta annos—como não hão de modalisar-se os costumes, se a arte passa por tão rapidas transformações fundamentaes!—passados trinta annos completos, em 1857, publicou Champfleury o livro *Realisme et la faintesie dans la litterature*, que para a escola do romance moderno vem a ser o que o prologo do *Cromwel* foi para o romantismo.

Pois foi Camillo Castello Branco, embora pelo processo do ridiculo, o seu processo, o primeiro que entre nós fez reconhecimento da renovação litteraria, que tantas belezas e monstruosidades tem criado!

São estas as suas palavras:

«Convém mostrar as repulsões do crime lá em baixo, onde a providencia social lhes cavou a paragem, ou é melhor conduzir, por entre hortos amenissimos, os nossos personagens engrinaldados, e mettel-os no ceu finalmente?

«Um homem de bem, proprietario de um dos primeiros jornaes d'este paiz, costuma editar os meus romances com a previa clausula de não serem historias de crimes, que toquem directa ou inderectamente com a probidade da vida conjugal, ou revelem desdouros da honra domestica.

«Ha poucos dias, tivemos esta pratica:

«—Querem os paes de familia que suas filhas ignorem a corrupção, que lavra nos pantanos da sociedade, observou o meu amigo.

«—Os paes de familia, contestei, não conseguem isso, emquanto não acharem o caminho da lua, onde presumo que não ha costumes, nem romances. E será preciso que se mudem para lá com as filhas, menores de dez annos, e não levem as mães, porque as mães, maximamente virtuosas, sempre têem que contar ás filhas a historia escandalosa das mães culpadas.

«—Mas não se ganha moralisação para os espiritos brandos e virginaes das leitoras, em dar-lhes novelas de adulterios—redarguiu o cavalheiro.

«—Ganha, quando se lhes mostram os infortunios acapellados em volta da mulher que se deshonra. Ganha, porque as filhas do pae acautelado sabem que as ha, conhecem-n'as, e apertam a mão das deshonradas; concorrem aos salões com ellas; sabem o nome e a culpa do homem que as requesta; observam-lhes uns exteriores de felicidade; e espantam-se de as verem ostensivamente satisfeitas, e, de mais a mais, acatadas com uma urbanidade, que as não extrema das honestas. Então é que o romance ganha muito, levando ao conhecimento das donzellas, até certo ponto innocentes, que o desdouro, cuja horror as não apavorou nos salões, tem angustias secretas e infamias estrondosas. Parece-me isto, meu amigo.

«—Acho-lhe razão...»

Como se vê, é simples. Não ha jogo de palavras e phrases para diluir a nebulosidade de uma idéa. Não força erudições, e falla a linguagem do bom senso.

... Entende-se melhor que os paradoxos artisticos de Hugo e as considerações de Champfleury.

.....

O vicio idealisa-se, mas vem a realidade, e o vicio afflige e tortura.

A regra é esta:

«As idealidades do vicio são ephemeras; o orgulho póde fingil-as; mas, d'alma a dentro, não ha imperio que senhoreie o atroz pungimento do tedio. O sorriso é um tregeito vaidoso, que intenta escarnecer a censura do mundo, ou rebater a commiseração,»

São conhecidos de todos os episodios da força da... passividade. Impõe-se bastas vezes muito mais que a firmeza; e a observação, bem feita, e na regra geral do amor, é esta:

«Nós entendemos sempre que a resignação é renuncia. O ciume faz então prodigios que nivelam o mais descaroado orgulho com a allucinação de Werther e Othelo.»

Parece-nos que são de Anachreonte traduzido por Castilho,—e se não são, podiam sêl-o—estes versos:

Copinho sobre copinho
Dizem os doidos por vinho;
Mas inda ha cousa melhor:
Um amor sobre outro amor

Pois vejamos o idilio em prosa d'este realismo em verso:

«A alvorada de um amor novo é uma aurora de Junho perfumada de flores, gorgeada de passarinhos, sonora de murmurios no coração enoitecido, e regelada pela borrasca de uma paixão infeliz.»

E em continuação, fallando da pureza:

> «E' o elo interposto á flor e á estrella em mistura de innocencia.»

Mas o peior é que ha trambulhões fataes, mesmo quando se sobem os degraus da escada de Jacob! Mas é bom que o auctor vá intermeiando com estas palavras estrellas da terra—as flores, e flores do ceu—as estrellas, o seu romance, para o fim de o purificar das paixões ruins, que o fazem dizer e exclamar:

> «Faz pena ver a despotica ingerencia que tem a comedia nos lances mais graves. A humanidade a chorar e um histrião a cobrir a toada do choro com o tilintar do barrete! E' triste, mas é necessario isto ao regimento da sociedade.
>
> .....
>
> «A esposa criminosa, ou propensa ao crime, costuma dar, pelo menos, ao marido um millessimo do amor que prodigalisa ao amante. Se todavia o amante lhe foge, nem o quinhão diminuitissimo do marido lhe deixa. Isto tambem é triste, e atroz!»

Mas o capitulo já vai longo, e para o encerrarmos, damos um bocado do dialogo de Raphael d'Almeida, o devasso de que se encontrou o *Esqueleto*, com o ingenuo Ricardo de Pontido, que continou alegre na vida casado com brazileira rica:

> «—E's feliz rapaz?

«— Sou.

«— Dois annos!... Tu achaste a cousa com que os poetas andam a sonhar ha seis mil annos! Dois annos de felicidade com a mesmissima e identica creatura!... Que segredos tem ella? Belleza offuscante, e espirito de endoidecer a gente, não é? Responde alguma cousa, homem!... Parece-me que te vejo no Castello d'Aguiar a fazer a côrte por um oculo de vista larga a uma pastorinha, que lavava os pés no regato!... Aposto que ainda te não desbarataste?

«— Ainda não; mas fiz cousa peior: desbaratei o melhor da minha casa.

«— Já sei; isso consta ha muito por lá. As tias Almeidas e o Capellão choram por toda a parte os teus desperdicios. Queres dinheiro?

«— Pobre ainda não sou: tenho trem e um palacete, e *soirée* ás terças feiras.

«— Vives saidanapalescamente. E, por sobre tudo isso, a francesa, que tu amas. Deveras amas? falla verdade.

«— Amo, porque me não merece confiança nenhuma.

«— Esse *porque* é uma especie nova para mim. Oh! diabo! eu costumo desprezar as mulheres pela razão por que tu as amas!... Isso não é amor, dou-te a minha palavra de homem que leu Byron, Balzac, Beyl e todos os praxistas *ad hoc*.

«— Então que é?

«— E' uma peçonha composta de uma gran-

de dose de tolice. Perdoarás : fallemos rudemente como lá nas nossas montanhas.

«—Ella atraiçoou-te?

«—Não...

«—Que tu saibas...

«—Sei que não; mas tem um ideal...

«—A boas horas! Cuidei que estas creaturas não consumiam d'isso, e andavam satisfeitas com vestidos e diamantes e carruagem! De mais a mais, a despesa do ideal.

.....

E por ahi fóra, com muita nota verdadeira, paradoxalmente cynica.

Scenas da Foz

Livro divertido, com umas notas finaes no primeiro quadro, que estão muito longe de nos dar aquella conclusão prevista nos romances, para quantos lhes lêem, com o espirito de Genuensa, as suas primeiras cincoentas paginas.

Livro divertido desde o sob rosto, pois que n'uma especie de caricatura aos folios e quartos do tempo da Real Academia de Historia, se lêem todos estes dizer s:

ULTIMA PALAVRA DA SCIENCIA

Obra importantissima para todos os sexos, masculino, feminino e neutro, principalmente para as cosinheiras

Em doze volumes sendo o primeiro

SCENAS DA FOZ

POR

JOÃO JUNIOR

socio philarmonico e irmão da Ordem Terceira de S. Francisco

Livro divertido, sendo divertidissima a primeira das novellas em que elle se divide, intitulada *A sorte do Preto,* como é alegre, mesmo por entre tristezas, nos contrastes da amargura com a excentricidade, a que tem por titulo—*Dinheiro.*

Vamos á primeira.

Bento de Castro Gama prepara na Foz o seu casamento de conveniencia com a menina D. Hermenegilda Clara, filha unica, rica e bronca, de Pantaleão de Cernache Tello Aboim de Lencastre Maldonado e Sousa Pinto de Penha e Almeida, e de sua mulher D. Amalia Victoria Ruy da Nobrega Andrade e Vasconcellos Tinoco de Amares, senhores de varias casas d'armas em terras de Amarante.

E com Pantaleão, Amalia Victoria e Hermenegilda Clara vivia um preto, que um parente lhe mandára d'Africa, onde governava ou episcopava com o renome da familia illustre.

Pantaleão, a principio, faz má cara ao casamento da filha, mas como Bento de Castro lhe saia fidalgo e correligionario legitimista, accorda no enlace, que tem de se addiar porque o moço precisa de andar de escopeta nas aventuras trasmontanas do Marquez de Chaves, e tambem da Marqueza, que ainda era mais aventurosa e aventureira que o marido,

Por signal que era feia como as aranhas essa Marquesa historica!

Mas, quando descançava dos recontros, Bento é chamado á pressa, pois que, na linguagem de Camillo, na pessoa de Hermenegilda o *amor ampliara-lhe a cavidade thoracica, estendendo-se até ás regiões contiguas, augmentando a grossura dos tecidos no local em que as hy-*

dropesias, oriundas do amor, perdem grande parte do morbus com o casamento, especie de cura homœpathica

Póde muito bem chamar-se a isto, realismo... conveniente.

Chega o Bento, e a menina está prestes a ser mãe, quando elle conversa assim com o seu amigo João Junior:

«—Sabes tu, João, que começo desde já a sentir o amor paternal?

«Agora conheço que os prazeres singelos da vida são os unicos de que posso recobrar a minha felicidade perdida.

«—Pois parabens, meu caro Bento.

«—Ha nada mais poetico que o espectaculo dos soffrimentos da mulher amada, no momento em que se lhe desprende do seio o thesouro do amor que será inexhaurivel de prazeres para mim?!

«—Oh! isso é arrebatamento poetico. Eu pedirei sempre aos santos da minha particular devoção que me não dêem o prazer d'esse espectaculo; mas se um dia eu vier a ser pae, parece-me que heide ser um grande pae, e trarei sempre o meu gordo menino bifurcado no pescoço...

«—Não pódes imaginar o jubilo que me enche o peito...»

Estavam elles n'esta conversa intima, quando no quarto da enferma se concluiu o acto, e de lá sahiu sua tia

D. Mafalda, que ás perguntas de João Junior, começou a resposta por uma adversativa:

«—Mas é preto...»

Tableau!

O pretinho antecipara-se ao Bento...

Vamos á segunda novella, que o leitor já sabe que versa sobre o *vil metal:* o *Dinheiro*...

Mas não tem applicação os versos de Bocage:

Dinheiro, invicto dinheiro,
Só em ti é que eu me fundo:
Tens o imperio da força,
E's o tyranno do mundo!

Versos que fazem rir, desde que o pobretão do Elmano declarava que só no dinheiro *é que elle se fundava.*

João José estava convalescente de amor, e cuidou que se curava pela homœpathia, dedicando-se a uma mulher mysteriosa, que na Foz, e no sitio do Pasteleiro, morava n'uma casa amarella. De resto, o systema de João Junior é o d'aquelles versos anachreonticos a que já nos referimos em outro logar d'este livro.

A mysteriosa cantava a deshoras:

Dae esmola d'amor á desgraçada,
O' anjos, que o meu anjo tendes lá!

E João Junior, desafiando-a ao coloquio, respondia-lhe:

N'este ermo, triste e só, abandonada,
Quem d'est'alma o gemer escutará?
Dae esmola d'amor á desgraçada,
O' anjos, que o meu anjo tendes lá.

Sumiu-se a visão, a janella ficou aberta, mas lá para dentro o menestrel viu *desenhar-se no fundo escuro um vulto vestido de branco*, e com essa visão encheu a alma, porque em regra os menestreis contentam-se com muito pouco.

Mas elle insistiu nos passeios em derredor da casa; e salvando-a de um ataque de larapios, chegou-lhe a vez de ser recebido, n'uma conversação pela noite a dentro, em que os dois se prometteram *amisade de irmãos*.

Chamava-se Leocadia, era de Villa Real, filha de um official de cavallaria, e fôra educada em Lisboa.

Ao dezaseis annos o coração abriu-se-lhe para o amor na pessoa Vasco, fidalgo e pobre.

Construiram muitos castellos no azul doirado das suas imaginações, a que se oppuzeram o pae e a madrasta de Leocadia, querendo dar-lhe a realidade na pessoa de um filho d'esta, *senhor de boa casa no Alemtejo, de que sua mãe era usufructuaria*

O official oppôz-se por bons modos aos namorados, que aparentam obedecer, mas que em seguida desobedecem, querendo Leocadia fugir e conseguindo Vasco que sua santa mãe a receba, porque ella do mesmo amor intenso e desobediente amara seu pae.

Mas descobre-se a tentativa, e o coronel, á hora solemne da morte, consegue que a filha se una ao enteado.

Casam, com effeito, mas como o destino tem caprichos crueis, a esposa immaculada, estando em Collares, entra, por acaso, na casa d'aquelle que continuava a ser o noivo do seu coração.

Ali depara com ella o marido, que sem attender a

explicações, e para se vingar, a dá por morta, fazendo-a andar em bolandas, até que a aposenta no sitio do Pasteleiro, onde a vai buscar por ser necessario habilital-a como herdeira de tios milionarios, mortos no Brazil.

Passemos ás reproducções.

Quando um homem diz *hei de ser rico*, realisa o seu... ideal.

Todos nós conhecemos exemplos, e o auctor como que traça o programma da empreza, começando por declarar que conheceu *grandes alarves*, que alcançaram este seu intento:

> «O primeiro passo a dar é o convencimento de que a vergonha é uma excrescencia que magôa, devendo ser amputada a consciencia como quem córta um calo. O segundo é procurar a mulher, atravez de todas as torpezas, como o mineiro procura o oiro atravez do saibro e dos charcos lodacentos que lhe rebentam debaixo dos pés. O terceiro é levar com a porta na cara, e ficar com a cara voltada para outra porta. O quarto é teimar. O quinto é teimar. O sexto é teimar...»

Quem porfia mata caça, entrando a mulher nas chusmas da volatearia.

De permeio vem uma maxima:

> «O extremo de um grande prazer é um desgosto.»

Mas da maxima séria passa á que é alegre, sem que esta seja menos verdadeira:

> «O homem não é, como disse Platão, um animal implume, nem a sombra de um sonho, como disse Pindaro, nem o rei da creação, como disse Moysés, nem animal racional como dizem alguns philosofos, que se excluem, visto as muitas irracionalidades que escrevem. *O homem*, em quanto a mim, *é um pedaço d'asno.*»

Registada a maxima, acceitam-se protestos individuaes.

Uma cousa que muitos sabem, que nós sabemos com quarenta annos de jornalismo, mas que em livro sómeute se encontra nas *Scenas da Foz*:

> «Os nossos primeiros litteratos, desde 1830 a 1840, para se pouparem a avaliações incompletas das suas obras, escreviam elles as criticas. Os elogios appareciam ao mesmo tempo em quatro gazetas, e tão bem escriptos eram, tão portugueza e elegante a phrase, tão bonito para vêr-se o guindaste que topetava com as nuvens a nomeada da obra, que se os artigos fossem assignados, o thuribulario crear-se-ia uma reputação capaz de correr parelhas com a do idolo.»

Até 1840 e... depois, devendo aqui notar-se que Camillo exceptua Herculano.

E mais ninguem...

No proemio d'estas excavações, dissémos que a sua analyse, em realismo humano—que vale mais que o realismo litterario—recahira sobre tudo, em materia de homens, em todas as classes, e em assumptos e cousas, na sua enorme variedade. Até as praias e thermas foram por elle observadas—as thermas e praias que hoje em dia são o primeiro campo de manobras dos iniciados no sportismo litterario.

Assim, do genero, temos a seguinte observação de um philosopho da Foz do Douro:

> «Porque nos andamos nós a enganar uns aos outros com meia duzia de palavras convencionaes?
>
> «A civilisação tem alterado muito a significação de palavras antiquissimas, como pudor, honra, amisade, amor, patriotismo, innocencia e as demais que o leitor sabe.»

E o numero d'estas palavras, assim classificadas, sempre crescendo, crescendo, é cada vez maior!

Mas variando:

> «A mulher receia o descredito só depois de saber como elle se alcança.
>
> «Ella é, em geral, um complexo de bons e maus prodigios. Releva que tenham sempre apontada a attenção ás multiplices fórmas do espirito, em que a mulher se transfigura, segundo os varios incidentes do seu modo de ver e julgar.»

Deve estar certo. Porque Camillo Castello Branco conheceu muito, e muito bem, as mulheres.

Muitas e... muitas.

Seria enorme a relação se acaso, por averiguações comprovadas, se procurasse fazer o inventario dos seus amores, acrescentando *desconvenientemente* o notavel livro do sr. Alberto Pimentel.

Estrellas Funestas

Drama de avós, paes e netos—podia assim intitular-se o livro, porque elle é uma successão de desgraças por effeito dos *casamentos de familia* para conveniencia de vinculos e prasos, quando havia d'isso, sendo essas alianças muito de uso nos seculos XVII e XVIII, e valendo para lhes fugir, como respiradouro dos corações, o sepulchro dos mosteiros, em quanto estes podiam garantir a tranquilidade dos espiritos.

Foi assim que casaram Gonçalo de Malafaya com sua prima D. Maria das Dores, posto que os paes soubessem, por experiencia dura, que os casamentos assim engendrados não logravam felicidade!

Gonçalo Malafaya, mundano muito sociavel, amava Beatriz, filha dos Condes de Miranda, e D. Maria das Dores, educada no convento de Arouca, sentia inclinação para um fidalgo de Amarante.

Mas foi como se não sentissem nada—elle e ella! Como se nenhuma aurora lhes raiasse nos sentimentos e como se nenhum rouxinol lhes cantasse no ninho dos corações!

Casaram. Mas Maria das Dores foi uma fera, do genero d'aquellas que andam referidas em anecdotas, contadas em oitava rima e pintalegradas em oli-ogravaturas!

Gonçalo, a principio, amoldava-se, ageitava-se; se praticava alguma rebalderia, para diversões no coração, pagava-a com tormentos que não eram compensados com os prazeres momentaneos.

Um inferno de vida, mais lancinante nos salões de um palacio que a amargura da sorte soffrida em tegurio miserando! Uma accumulação de ciumes de sobre posse, de contrariedades em tudo e por tudo, em costumes oppostos, em sympathias conflictuosas.

Um negro e profundo inferno...

Mas d'este consorcio nasceu uma filha unica. Linda como os amores: *Maria Henriqueta*—nome e sobre nome este sobre que brigaram os paes na sua escolha, propondo e regeitando nomes, sete mezes antes do nascimento da creança!

Mas aqui começa um novo romance, ou antes, melhor, um novo drama.

Maria Henriqueta, mandada do Porto o educar em Lisboa, enamora-se, das janellas do collegio, de um cadete gentil, fidalgo de Lamego, chamado Filippe Osorio.

Mas Gonçalo Malafaya, que soffrera pelo casamento de conveniencia, esquece-se dos soffrimentos proprios; contraria-lhe a inclinação, impondo-lhe para marido o Conde de Monsão, typo ridiculo de intelligencia e de prosapias de sangue.

Mas a menina, forte no amparo da mãe, que tinha mais logica que o marido, é de rija tempera. Reesiste.

Vai para um covento, e d'ali foge para os braços de Filippe, que casa com ella, fugindo os dois para Hespanha.

Mas o Malafaya persegue o rapaz, como estas perseguições se podiam fazer no seculo XVIII. Prefere, procurando annullar o casamento, que a filha fique por concubina a ser reconhecida por esposa amantissima; mas o que elle não consegue pelos tribunaes, alcançou-o por intermedio dos sicarios do Conde de Monção.

Alugados, estes vão a Hespanha, onde, nas proximidades da cidade de Segovia, assassinam a Fillippe Osorio.

A pobresinha da Maria Henriqueta regressa a Portugal. O pae sabe da embuscada, e, morrendo, pede-lhe perdão, emquanto que o Conde é assassinado em Estremoz, no acto do seu casamento, pelo fidelissimo camarada de Fillippe, que se antecedeu por instantes á vingança que pela mesma fórma procurava exercer a modelar e inconsolavel viuva.

Prompto. Está resumido o livro, chegando a vez das transcripções.

Ser poeta é uma cousa. Fazer versos é outra. Até se póde dizer que ha poetas que não fazem versos, havendo gente que rima palavras, e bem, com geito e arte, sem que tenha lá dentro nenhum raio de santa poesia.

Ouçamos Camillo:

> «A saudade é a poesia de todo o homem. O que melhores poetas teem dito, melhor o teem sentido pessoas que nunca fizeram versos. Onde virdes um hemem recolhido com sua saudade,

ahi está um poeta, porque poesia não quer dizer senão *enlevo doloroso.*»

Ha um dictado, muito nosso, que resa assim:—*Quem vê caras não vê corações.*

Uma phrase equivalente, mas muito mais ampla, porque abrange tambem a torturante violencia de ajustar a phisionomia á representação da comedia social, é esta:

«As exterioridades estão sempre promptas a mascarar hypocritas ou a desmentir infelizes.»

Não ha ninguem que não diga:—*No meu tempo era outra cousa.* Quer dizer, todos julgam serem os seus tempos os melhores tempos, crendo nós que sempre assim foi, de geração em geração.

Pois a critica da phrase commum é esta:

«O bom seculo dos velhos é sempre o seculo em que elles foram rapazes, amados e requestados das meninas coevas, as quaes, ao mesmo tempo, estão lamentando, do alto dos seus setenta annos, a baixa condição em que a humanidade se vai degenerando.»

No amor, como em tudo...

Amostra das peripecias de uma esposa—féra domestica:

«Maria das Dores lançava mão de creancices. Deixava cahir de proposito uma porcelana, e gritava contra o marido que a havia mudado do seu logar costumado. Gonçalo tinha dois parti-

dos a seguir: ou confirmava com o silencio a falsidade, e então o despeito recrescia com o supposto despreso; ou a contestava com acrimonia, e então sobrevinham altercações, que por parte d'ella terminavam em syncopes de raiva.

«Gonçalo recolhia regularmente á meia noite, e achava a esposa a passeiar na ante camara, assoprando as mãos, se fazia frio, e fingindo que tiritava. Perguntava-lhe mansamente o marido porque se não tinha deitado. A resposta era um descomposto aranzel de invectivas contra elle e contra as familias que lhe tomavam o marido para divertirem as noites de inverno. Deixou Gonçalo de ir aos saraus. Maria das Dores á terceira noite de dolorosa abstenção, perguntou-lhe se ficava em casa para dormir ao fogão, e se casara com ella para lhe ensinar a brincar com as tenazes.»

....

Basta. *Libera nós Domine!*

Mulheres ha que são assim em tudo.

Outra variante, em que o auctor generalisa, talvez:

«Em geral, as mulheres quando não ganham asco a quem as sollicita importunamente, são umas voluntarias doudas que se gosam no aviltamento dos logrados, e se lastimam do assedio que soffrem.»

... Observação esta, que póde servir para muita gente boa, que campa por fina, e que é lograda como ingenua!

O Regicida

O auctor diz-nos n'uma *Advertencia* breve, que *affoutamente denomina de historico o romance*, baseado n'um manuscripto que pertenceu á livraria do secretario d'estado Fernando Luiz Pereira de Sousa Barradas.

Historico, em parte, na parte que é referida pelos historiadores; no todo não nos parece, e nem o documento invocado, documento particular, póde invalidar as liquidações feitas pelos escriptores mais achegados do tempo em que se deu o acontecimento.

Segundo a critica geral, Domingos Leite era um emissario de Castella, comprado para dar a morte a D. João IV; segundo o romance, Domingos Leite, apesar de galardoado pelo rei Fillippe com o habito de Christo, não era um traidor, mas um espirito pundenoroso, que se vingava do rei por este se lhe ter amancebado com a mulher, que aliaz por elle fôra despresada pelo facto de vir ao seu conhecimento que alguem, um padre, se lhe havia antecipado, prologando-lhe o casamento.

Parece-nos que no *Regicida*, e mais uma vez, ha

manifesta aquella má vontade que Camillo sempre manifestou pelos Braganças; má vontade que nunca se obscureceu, sempre que se lhe aprestou ensejo para d'ella dar apreciações motejadoras.

Ahi vão as provas que se encontram n'este livro:

> «Bom amigo! raça de Bragança pura! couce de quartão gallego em quem o afaga, e orelha cahida ao ver o latego na mão do potreiro... Conhecemos de ha muito quem são os Braganças: por uma linha coito damnado, pela outra o lavrador de Veiros, que não mais se tosquiou, desde que o bastardo de Pedro I lhe pegou da filha para fabricar com ella uma vergontea real.»

Descreve a primeira entrevista da mulher de Domingos Leite com o primeiro soberano da dymnastia assim vilipendiada, no palacio da Ribeira:

> «Debaixo da Arcada estava a Porta da Campainha. Chamava-se assim porque debaixo d'aquelle arco havia uma entrada franca de serventia para uma casa onde estava uma roda, como a das portarias monasticas, e sobre a roda uma sineta que tangiam as pessoas que procuravam El-Rei. E, logo que a campainha tocasse, D. João enviava alguem a reconhecer a pessoa, ou descia propriamente, se esperava ser procurado por aquelle meio menos ordinario.
>
> «Estava o rei com Antonio de Cavide na sua pomposa bibliotheca de musica, situada na porção do palacio chamada o *Quarto do Forte*, quando ouviu tanger a sineta.

«—Vá ver quem é, disse o rei.—Olhe não vá ser algum burro lazarento...

.....

«Foi que uma vez entrara um jumento vadio no recinto da sineta, e começou a trincar a corda no intento provavel de a comer. Ora como a sineta repicava tão ligeira quanto a fome do tangedor esgarçava no cordel, D. João, que estava só, estranhara o pressuroso dos toques, desceu pessoalmente á casa da roda, e perguntou quem era. Como ninguem lhe respondeu, mandou averiguar se a pessoa que tocara já teria subido á saleta de espera. O enviado voltou annunciando a sua magestade que encontrara um burro magro. El-Rei ordenou logo que o levassem ás cavallariças reaes, com recommendação de o trazerem farto; e acrescentou — «Semelhante pretendente não pode ter outro requerimento.»

«Não me consta que sua magestade em toda a sua vida, dissesse ou fizesse cousa de tanto espirito. A não ser coevo de sua magestade aquelle burro faminto, morreriam ambos ignorados, sendo digna de escriptura a lembrança que ambos tiveram.»

D'esta vez é D. Luiz de Alencastre, irmão do Marquez de Porto Seguro, quem falla, mas as palavras são do auctor:

«E que faz esse brioso Domingos Leite, que não espeta dois pelouros no peito do real bandalho, que lhe paga os serviços tomando-lhe a mu-

lher, como quem compra com quatro sequins uma fregona do becco da Madragôa?»

E por ultimo o retrato de D. João IV:

«Os cabellos louros, mas tosquiados quasi rentes, uma fronte, relevada em proeminencias, que inculcariam talento, se a sciencia phrenologica de Spurzheim não fosse um logro nas cabeças dos Braganças, não collaborados.»

De outros livros podiamos agora appensar eguaes desapiedades, mas fugiriamos aos propositos restrictivos d'este trabalho, que não é verdadeiramente de critica á obra litteraria do auctor.

Queremos, apenas, annotar, e, feita esta nota, folheemos o romance.

O *regicida* é o protogonista, Domingos Leite, rapaz intelligente, mas versatil, andando successivamente em procura de modos de vida diversos, como o famoso Paturôt, ou como o seu parceiro, não menos interessante, o Kinglon, de Pigault Lebrun.

Vejam: aprendiz de boticario; escrivão das fructas na Alfandega; moço da Capella Real, com 70 cruzados de tença; secretario do Marquez de Gouveia, seu protector; escrivão da correição do civel da côrte, logar ao tempo muito considerado e pingue.

Azoinava-se com grande facilidade em sentimentos e convicções, pois que de prégador dos comicios do tempo contra a dominação castelhana, nos apparece em Madrid camaradando com a roda de fidalgos portugue-

zes que andavam n'aquella côrte — Mascarenhas, Lencastres, Guedelhas, Figueirós, Taroucas e Tavoras.

Fazem-lhe o casamento com a supracitada Traga Malhas, filha de ricaço da rua dos Torneiros, e de quem o seu mestre de leitura e escripta, o reverendo Luiz da Silveira, aspirara os primeiros perfumes...

Na primeira noite do noivado, Domingos Leite fica... *desapontado*, como escreveria Almeida Garrett, que gostava muito d'este verbo. Protesta perante a rapariga, que jura e chora; mas ouvindo o seu antigo mestre de pharmacia, tranquilisa-se, depois d'este folhear e ler passagens acomodadas ao caso de Amatus Lusitanus, Abraham Noemias, Guevara, Thomaz Pinto da Veiga e outras auctoridades.

Assim passam dois annos felizes, vindo ao mundo uma criança linda, Angela; mas o padre *gaba-se*, Domingos Leite sabe da gabação, e de accordo com um meliante, que por desgraça se tornara seu intimo, e que por fim o entrega á forca, o padre é apunhalado pelo Roque da Cunha, que assim se chamava a fementida creatura, que veio a ser o seu Judas.

Domingos Leite é obrigado a homisiar-se para Madrid. A Traga Malhas vai pedir por elle ao Rei, o coroado femeeiro enamora-se d'ella, como era de prever do homem que enganava a esposa, castelhana ciumenta, com a Julia Negrão, com a Condessa de Villa Pouca e com uma outra mulher *limpa*, como elle veio a confessar no testamento, e que devia ser de uma familia de appellido Fayão, segundo um documento publicado por Teixeira de Vasconcellos no grosso tomo que escreveu sobre a Casa de Bragança.

E' no desejo de vingar este facto, que Camillo filia o

projecto de Domingos Leite matar o Rei, vindo por duas vezes a Lisboa, e sendo da ultima atraiçoado pelo homem que lhe rendia todas as amisades e dedicações.

Um romance assim feito, é mais de propagandista e polemista que de philosopho e moralista, por qualquer dos processos que o auctor empregue para fazer moral.

No entanto ainda nos fornece por onde copiar periodos, que não desmerecem dos que são melhores da sua lavra.

Dizia Roque da Cunha *que quando tinha mêdo é que matava mais depressa,* e acrescentava a este principio de observação em materia de luta de animaes para ensinamento dos homens:

> «Um gato brinca com a ratazana; mas se é cão o inimigo, o gato crava-lhe as unhas nos gorgomilos, e não brinca.»

Ha muita gente que gosta e saboreia as honras pelas honras. Pede-as, enfeita-se e cuida que engana o mundo.

Mas o mundo, afinal, sabe differenciar o que é de justiça do que é de convenção, e a este facto ajusta a seguinte passagem:

> «As honras, sem a procedencia dos serviços, não lisongeiam o agraciado, nem grangeiam a consideração publica.»

E concluindo:

> «O castigo supremo dos validos é não poderem escancarar sinceras gargalhadas nas faces dos reis.»

A Filha do Regicida

Por ordem de D. João IV, e vigiada por Antonio de Cavide, o *factotum* do Rei, Maria Izabel, a Traga Malhas, foi depositada em um convento de Bragança, *para que não assistisse em Lisboa ao enforcamento do marido.*

A pequenina Angela acompanhou-a na clausura, que aliaz foi preparada para as duas com todos os regalos devidos á situação da comtorça real posta em disponibilidade.

Por sua parte Roque da Cunha, que delatara Domingos, pompeava importancia e galas na capital, idolatrado pelo povo, que de quando em vez, fanaticamente, inventa idolos para entretenimento da sua facil sensibilidade.

Mas o pae do enforcado, o cutileiro da rua da Infesta, na sempre nobre e leal cidade de Guimarães, veio por ahi fóra, a cumprir o juramento que fizera—de matar o traidor do filho.

E matou-o, envolvendo-se o sangue de Roque com os detrictos de uma cavallariça!

Mas a situação complica-se.

A Traga Malhas, indo á grade com duas amigas, soilicitadas por um seu irmão, official gentil, apaixonou-se por elle, ou, por outra, apaixonaram-se mutuamente os dois.

Nem admira: Maria Izabel, como fica dicto no *Regicida*, era a mulher de mais apregoada belleza que no seu tempo mundeava em Lisboa, e o irmão das meninas brigantinas, João Cabral da Veiga, era, como diz o auctor, *um bizarro e gentilissimo fidalgo, com uns olhos brilhantes, que pareciam allumiados pelos relampagos da artilharia.*

Por sobre tudo isto já era, aos vinte e cinco annos, sargento-mór de batalha, tendo adquirido fama de valente na defeza d'aquella terra que de direito nos pertence ainda—a cidade de Olivença.

E começara o namoro de pouco, quando Antonio de Cavide, sempre no seu mester, surgiu em Traz-os-Montes, para reconduzir Maria Izabel ao real amante, que a appettecia pela sua belleza estonteadora e pelas suas soberbias de plebêa, que tambem deviam de ser um aperitivo.

Mas ella não volta para D. João IV: vai para os braços de João da Veiga, que com ella cavalga em caminho de Hespanha, onde casam os dois, morrendo o moço quando ao serviço do rei Filippe, batalhando contra a sua patria.

Mas Angela, que é a principal figura, pois que o romance se intitula — A Filha do Regicida?

Angela vai para a companhia de seus avós, em Guimarães, que a estremeciam, juntando ao amor por ella o amor que sentiam pelo filho que a morte aviltosa lhes

levara; e a Guimarães lhe vai offerecer a mão de esposo um judeu riquissimo, Francisco Mendes, que fôra amigo dedicado e intimo do justiçado.

Abre-se o ceu na terra para os dois, terminando o romance por um quadro intensamente emocionante, em que Maria Izabel cahe nos braços da filha, vindo de Hespanha por amor d'ella, e indo olhal-a com devoção incognita na missa dominical que se rezava na capella do palacio em que o feliz casal habitava no largo do Rocio, em Lisboa.

Na *Filha do Regicida* mostra-se, em continuação, a antipathia do auctor pelo rei proclamado no 1.º de Dezembro de 1640; e se d'esse sentimento démos muitos testemunhos, queremos agora acrescentar mais uma prova ao rol, em que o retrata ridiculo nas manifestações d'um orgulhoso amor soffrendo de contrariedades:

> «D. João mordeu a pôlpa do beiço baixo, expediu um rir asperrimo, e escondeu-se do rufião, para esvurmar o amor e a raiva em lagrimas e tregeitos.»

Chega a parecer uma caricatura ao vivo!

Este romance, mais talvez nenhum outro, é cheio de dialogos de uma grande belleza de fórma concisa, apropriada aos assumptos que se movimentam.

Antonio de Cavide, por exemplo, conversa com o Ouvidor de Bragança sobre o namoro de João da Veiga com Maria Isabel:

> «—Elle é rico?

«—Não, tem o seu soldo e uma mezada de doze cruzados.

«—Estou descançado. Maria Isabel é mulher que teve liteira, teve coche, teve palacios, pagens e aias... Nada, não tenho mêdo, doutor. De mais a mais, o homem foi para a Beira, ha oito dias, não foi?

«—Eu sei lá se foi! Sei que ha oito dias o intimaram.

«—Mas que duvida tem o doutor quanto á ida? Se não obedecesse, seria espingardeado dentro de quarenta e oito horas como desertor, logo que o apanhassem. Com toda a certeza, deve ter partido; e a estas horas, está nas linhas do Alemtejo.

«—Mais perto está de Lisboa... Cuidado lá, ouviu?! Que não vá elle, pelo menos, concorrer com o Rei. A moira vai viver encantada nas visinhanças do Paço de Cintra. Agora vou eu escrever ao meu mordomo para que me tenha o ninho bem tecido de folhagens e afestoado de flores, e convide todos os cantores do bosque a saudarem a chegada da philomela. Vossa mercê não imagina os pinchos d'alegria que me dá o coração no peito! El-Rei, se eu lhe não levasse esta fada, estourava como qualquer mortal, sujeito a estourar de amor. Que quer o meu amigo? Nunca topou outra que o tratasse mano a mano com a semcerimonia d'esta.

«Pelo que tenho ouvido da propria bocca de Sua Magestade, ella, quando se arrufava, batia o lindo pé no tapete...

«—E El-Rei? consentia?!

«—El-Rei... beijava-lhe o pé.

«—O' monarchas portuguezes!—exclamou o Ouvidor.

«—Que está vossa mercê a chamar para ahi os monarchas portuguezes!! Convença-se, amigo, de que foram todos assim, ou... peiores...»

Agora não é com o juiz brigantino que o coscovilheiro Cavide conversa; é com o proprio Soberano, adulando-o:

«O Rei leu a carta do Ouvidor, espremeu em contrafeito riso o fel do despeito, mas com umas palavras regougadas, e atirando a carta com despreso ao mantieiro, disse afinal:

«—Foi educada pelo Padre Luiz da Silveira...

«—Nunca se disse tão conceituosa phrase—disse o ministro batendo as palmas com o estupido enthusiasmo da lisonja. E repetiu:—*Foi educada pelo Padre Luiz da Silveira!* Admiravel e digno de Juvenal, de Marcial, e de... Vossa Magestade.

«—E que monta ser rei, quando se é fragil como qualquer homem?—Disse D. João IV com direito aos louvores do valido meditabundo.

«—Estou pensando, real senhor...—disse o ministro. Vossa Magestade nestas poucas expressões compendiou um livro. *E que monta ser rei, quando se é fragil como qualquer homem?* Puro Seneca e Platão...»

Havia muito por onde transcrever na materia, mas cabe a vez aos conceitos.

> *Quem vê caras, não vê corações*, reza um dictado.

O auctor entendia da mesma fórma, e mais completamente:

> «E' difficultoso devassar de peito a dentro remordimentos, quando na cara ressumbram as sadias côres...»

Bôas acções? Más acções? Para o mundo, tudo é relativo aos caprichos da opinião:

> «As acções de cada pessoa são bôas ou más consoante a maneira como os outros as conceituam.»

Claro está que isto não se entende com a bondade ou com a maldade absoluta—se é que ha de uma ou de outra cousa.

O ciume tem sido cantado em verso e descripto em prosa. Mas o auctor definiu-o n'uma palavra, chamando-lhe *basilisco.*

> «O basilisco do ciume é, ás vezes, o galvanismo dos corações regelados e mortos pelo tedio.»

Moral pura:

«Expiar é satisfazer a justiça de Deus, e o perdão de Deus principia com o castigo. Quem nos perdoará, se não perdoarmos?»

Psychologia intima:

«As pessoas desventurosas, se a desgraça lhes dá treguas, estranham por tal fórma a variante da sua sorte, que recorrem ao sobrenatural para explical-a.»

Que digam outros das *bestas felizes,* que acceitam como conquista sua o que é... do azar dos outros.

A Filha do Doutor Negro

E' muito difficil de apurar, e em poucas linhas, como sempre procuramos fazer, o entrecho d'este romance, que é dos mais complicados, episodios sobre episodios, em acções diversas, da serie de Camillo.

Elle, só por excepção, produziu segundo volume de um romance; mas foi porque não quiz mais, porque muitos davam, se quizesse estendel-os, para as milhares de paginas com que se enriqueceram, sacrificando á multidão, muitos dos seus contemporaneos da Hespanha e da França.

E' muito difficil, mas ahi vai a sumula, como melhor ou peior, a podemos apurar.

Em 1810 um cadete de cavallaria, Antonio da Silveira, foi aboletado na cidade do Porto em casa do advogado Francisco Simões Alpedrinha, o *doutor negro*, brazileiro nativo, *não fazendo a côr implicancia á concorrencia dos clientes*, consoante o registo do seu historiador... romantico.

Uma casa feliz a do dr. Negro, em que a filha unica, Albertina, era o idolo do pae e da mãe, como os paes sabem estremecer os filhos, na regra geral da humanidade.

... Regra geral que, com o progresso, e as noções que d'elle se fazem deduzir pelo imperialismo juridico, vai tendo muitas excepções no tocante á vida patriarchal de paes e filhos, filhos e paes!

Antonio da Silveira apaixonou-se de Albertina, e querendo seus paes casal-a com elle, esbarraram na paixão que ella, sem os consultar, havia ganho ao escrevente do escriptorio, um pobre moço, honrado e intelligente, chamado João Chrysostomo; mas como Silveira era bom e era digno, conformou-se sem possiveis ressentimentos, ficando como *irmão* d'aquella que muito quizera para esposa.

O dr. Negro, porém, tinha figados. Figados todos nós temos, mas os do jurisconsulto preto eram, em todo o sentido, de outra raça.

Oppoz-se ao casamento com o escrevente; o rapaz foi preso; a menina foi ter com elle á prisão, e depois de muitas scenas, casaram, indo para a Corunha, na Galliza, sem nunca poderem alcançar o perdão do Alpedrinha, tanto mais que João Chrysostomo era accusado infamemente de comparte na falsificação de uma escriptura, que importava prejuizos na somma de dezenas de mil crusados.

Era victima, o pobre moço, das manobras de um industrioso, que para obter os seus fins mudára de nome, e se apresentára, perante a facil ingenuidade do infeliz, como protector sentimental das suas desventuras, facili-

tando-lhe dinheiro, com que elle podésse fugir com a eleita do seu coração.

Por fim, de fatalidade em fatalidade, vão ter ao Brazil, onde tambem vai parar o demonio da sua perdição, que cahe varado por uma bala, que lhe dispara, rosto a rosto, João Chrysostomo, que só por esta vingança comprehendia lavar a nodoa de *ladrão*, com que a sociedade o infamava.

Mas pouco sobrevive á vingança. A thisica mata-o ainda na prisão, e a pobresinha da Albertina, entregue aos baldões da sorte, chega a pedir esmola na rua do Mirante da cidade do Porto, onde Antonio da Silveira lhe acode com a protecção que lhe garante o recolhimento no hospital da Ordem de S. Francisco, indo por fim morrer relativamente feliz em Vairão, no leito em que nascera seu marido...

Não soubémos nem podemos abreviar melhor n'um livro em que ha hespanhoes bondosos e hespanhoes ladinos, Thomasias fadistas que se rehabilitam em baronezas, aventureiros que perdem e refazem fortunas, velhos fidalgos serodios de coração, e até sabedores de Cicero — como tambem os ha em Balzac —, que malbarateiam as cartas e os discursos do patricio romano no passadio vulgar dos seus palavriados.

Não soubémos nem podemos fazer melhor.

E' um romance triste, com poucas abertas de alegria, começando logo por esta *situação de espirito,* que todos nós temos sentido; todos nós... os que levamos já adiantada a caminhagem da existencia:

«O tempo malbaratado chora-se da visinhan-

> ça da sepultura; e as affeições perigosas que lá se nos engolfaram na voragem das alegrias, parece que renascem com a formosura sinistra, que tiveram nos ultimos annos, quando mais desmerecidas deviam estar na memoria.»

Em vulgar costuma dizer-se:

— *Se os velhos podéssem e os novos sovbéssem!...*

O auctor, pelos seus livros, deu-nos muitas definições do coração, mas esta, pela originalidade, é das mais curiosas:

> «O coração é uma capa de brocado, que se deita ás costas da tolice, para lhe esconder os aleijões. Quando o amor se torna em rachitismo d'almas, podemos contar com a corcunda para toda a vida.»

Amisade e amor... Tem-se dissertado muito sobre estes dois sentimentos. Qual vale mais, qual vale menos; qual se dessipa breve, qual perdura constante... Ouçamos Camillo, que veiu depôr nos seguintes termos expressos por Antonio da Silveira.

> «Na minha alma nasceram dois sentimentos: o da amisade e o do amor. Ficou o primeiro, que era o mais desinteressado, o que mais de sua vida propria se nutria. Penso que amor, sem estima, se transforma em odio, quando o ciume

o degenera. A estima sente com grandissima angustia o perdimento do amor; mas subsiste e permanece.»

Instrucção... educação. Já Rousseau sustentava theorias estranhas a este respeito; mas o dr. Negro limitava-se a exclamar, referindo-se ás filhas... dos outros:

«Não as eduque. Ignorancia, que é a virtude; estupidez, que é a felicidade. Trevas, trevas, meu amigo; que toda a luz do entendimento é uma faisca do inferno. A perversão nasceu com a sciencia da primeira mulher. Acreditemos a Biblia, que esta verdade é uma grande verdade, porque é atroz, porque é a historia, porque é o exemplo de todos os dias, a serpente hedionda, que envolve todos os seculos com as suas roscas e revessa golphos de peçonha no seio de cada familia, onde apparece uma mulher mais allumiada que o vulgo.»

Certa anecdota conta que certo sujeito invocava Deus para jurar que era atheu:

—Eu sou atheu, graças a Deus!

Mas sem entrar nos dominios do gracejo, o dr. Negro, pela ira, revoltava-se contra o ceu, ao passo que supplicava á Divindade.

O auctor observa:

«São assim as nossas paixões. Quando pagamos por ellas, se a força nos desampara, decretamos a inutilidade de Deus, visto que elle se

não honra em nos auxiliar; porém, se carecemos de cevar o nosso odio com o infortunio das victimas, que nos fogem, concedemos ao Creador o favor de existir, e em nome d'elle sentenciamos a condemnação de quem se esquiva ás nossas garras.»

E mais adiante:

«A Providencia dá uns castigos que parecem zombarias.»

Mas deixemos trechos selectos, e fechemos por um quadro completo de philosophia pratica em materia de tendencias amorosas de meninas romanticas.

Falla um burguez do Porto, homem já criticioso nos primeiros annos do seculo das luzes:

«Duas minhas filhas tiveram tendencias para petimetres que tafulavam miraculosamente, e vestiam de bom lemiste. Um tinha o avô a bater sola, e o pae era frade borra. O da outra era mestre de dança e tocava flautim n'uma musica de capella. Vejam V, S.as a que está sujeito um homem de bem, que tem duas filhas sem juizo! Cuidam V. S.as que eu tranquei as janellas ou preveni a justiça contra a annunciada tentativa de rapto? Não, senhores. A grande habilidade, n'este covil de ladrões, chamado *mundo*, conforme o dizer de Thomé da Veiga, na dedicatoria da *Arte de Furtar*, a grande habilidade, repito, não é ganhar: é saber perder a tempo. Que fiz?

V. S.as vão ficar espantados! Perdi o amor a quatro mil crusados, que reparti pelos dois mariolas. Um foi receber os seus dois a Madrid; o outro, a quota parte a Barcelona, onde eu tinha correspondentes. Assim que elles partiram, chamei as raparigas, e disse-lhes, textuaes palavras, o seguinte: Meninas, antes de hontem cada uma de vocês tinha doze mil crusados de dote para casarem com pessoas da minha eleição. Ora hontem, como eu soubera que vossas mercês se decidiram a amar dois sevandijas, um que vivia do convento onde o pae frade lhe arrebanhava o bocado, e outro, que vivia do minuete e de flautear nas egrejas, tomei a meu encargo paternal livrar a vossas mercês d'estes canalhas, mediante a quantia de quatro mil crusados, com que elles se acomodaram e desistiram das suas pessoas de vossas mercês, indo-se embora em boa paz e muitos contentes da veniaga por esse mundo além. Saibam agora as minhas filhas que o dote de cada uma fica sendo de dez mil crusados, porque é justo que paguem da sua algibeira o muito que lucraram com verem-se livres de taes patifes. Saibam agora mais as minhas filhas que eu, como bom pae e bom administrador dos seus dotes, estou resolvido a continuar n'estas negociações, todas as vezes que vossas mercês de seu motu proprio escolherem maridos. O resultado d'isto será as meninas ficarem, n'este andar, tão pobres, que afinal não possam escolher marido. Pensem, e façam o que fôr da sua vontade.—Disse, a deixei-as a pen-

sar. Ora, senhores, façam V. Sr.as idéa que passaram trez annos sem que me dessem a mais leve desconfiança de que minhas filhas doudejassem na janella ou na missa! Quando entendi casal-as convenientemente, achei-as macias como uma luva. Lá estão casadas.»

A receita ahi fica. Mas dois mil crusados hoje em dia seria uma insignificancia, e os mariolas que entrassem na negociação seriam muito mais exigentes.

A civilisação augmentou os preços em todos os generos—desde as couves pencas á desintencia dos matrimonios.

Mysterios de Fafe

A formosa villa minhota, patria de Vieira de Castro, um grande infeliz, que por um crime de amor foi para a cadeia nas vesperas do Duque de Saldanha, enthusiasmado com o seu verbo eloquentissimo, pensar em dar-lhe uma pasta no ministerio da sua presidencia revolucionaria; a villa de Fafe ficou sendo terra muito da predilecção do romancista, desde que ali viveu com o fogoso tribuno, em convivencia fraternal na quinta do Ermo, a que tantas vezes se referiu com intimas saudades, sentidamente sinceras.

D'ali tirou uma comedia que ainda é das melhores, em costumes nacionaes, do miserrimo reportorio alegre dos nossos theatros, e d'ali trouxe o enredo complicado de um romance, que não lhe augmenta a fama de novellista, mas que tambem lhe não desmerece no renome, embora seja, por ventura, dos romances mais descurados da sua litteratura,

Porque em Camillo—é mister accentual-o—porque em Camillo a qualidade primeira a apreciar-se-lhe sem-

pre, como em Flaubert, como em Balzac, como em Dumas, *é a sua litteratura.*

D'elle, e de mais ninguem.

Do plano em que o romance se desenrola dá o auctor uma idéa exacta, n'uma especie de advertencia a que poz o titulo de—*Avíso ás pessoas incautas*, dizendo-lhes:

> «Esta novella contém adulterios, homicidios, missionarios e outros scirros socias.
>
> «Almas, em flor de innocencia e candura não leiam isto que trescala podridão de gafaria em que forçadamente a leitora, afeita ao ar puro das regiões visinhas do ceu, ha de sentir nausear-se-lhe a alma.
>
> »N'algumas quintas do Minho, ameaçadas de ladrões, erguem-se uns postes que dizem:—«Aqui ha ratoeiras.»
>
> «Os ladrões, graças á inscripção, leiem, e passam.
>
> «N'este livro inverte-se o estylo: os salteadores da pudicicia levantam bem alto o letreiro que diz—«Aqui ha ladrões.»
>
> «Sem o qual letreiro este livro era um abysmo.»

No entanto, não é bem assim; porque hoje em dia, e já mesmo na epoca em que o romance foi publicado, os leitores e leitoras mais exigentes de *conveniencias* litterarias, podiam ler, sem sobresaltos de pudor assustadiço, todos os capitulos dos *Mysterios de Fafe.*

Não ha rudezas em demasia; e tanto assim que Ca-

millo Castello Branco, na scena mais do natural em todo o romance, lança sobre o acto a folha de parra paradisiaca, representada n'esta phrase conceituosa do Oratoriano Bernardes: —*Emfim, ardeu Troya!*

E a Troya que ardia vinha a ser a honra do espingardeiro Francisco Roixo, que sua mulher Rosa Carneiro sacrifica rendendo-se ao amor do fidalgo Caetano d'Athayde, que de menino começara a amal-a em casa de sua mãe, onde ella fôra creada e educada com esmeros destoantes do seu nascimento.

Se a bem dizer os romances de Camillo podessem ter o que em outros romancistas *de escola* se chama *these*, a these dos *Mysterios de Fafe* vinha a ser esta: *os casamentos contrariados são sempre infelizes.*

Havendo excepções...

Assim, Rosa Carneiro amava o morgadinho, e este amava a Rosa, mas as conveniencias sociaes impediram o enlace.

De modo que Caetano d'Athayde veio a casar com sua prima Gabriella, filho do tio general Visconde de Rebordãos, que por sua parte se inclinava (a Gabriella) ao primo Silverio de Mendonça, *a quem alguns bafejos apolineos tinham aquecido o berço, fazendo gemer os prelos portuenses nos partos de uns poemas que tocavam a escala dos titulos dolorosos* desde o «*Suspiro*» até á «*Lagrima*»; emquanto que a Rosa se enlaçou, obrigada pelo pae e desdenhada pela madrinha, ao artista citado, que era tão pechoso em pontos de honra, que restituiu ao futuro sogro cincoenta meias peças de oiro que encontrou ao desobstruir o cano de uma caçadeira velha, que elle lhe confiara para arranjos.

Consequencias: Rosa, idolatrada pelo marido confian-

te, teve um filho de Caetano, e Gabriella, despresada pelo marido, perpetua, por uma menina, a raça dos Silverios dados ás musas.

E o melhor é que os dois filhos adulterinos sahem pessoas exemplares de bondade e honra, e tão bom sahiu o rapaz, adorando o artista que por tantos annos considerara como pae, que este passa a velhice conformado, firme no seu appoio e na sua dedicação inexcedivel.

O romance mette um missionario, Custodio dos Anjos, e uma criada do morgado, Domingas, que são dois typos acabados da antiga galeria das pessoas da sua especie.

O missionario conduz a serva, que fôra a alcaiota de seu amo, a revelar-lhe os amores que protegera, e o padre desalmado tudo denuncia ao marido, quebrando-lhe a tranquillidade confiante de muitos annos!

E os desastres succedem-se em episodios lancinantes de puro drama.

Tudo isto foi d'esta maneira acontecido, porque em fim... *ardera Troya*, vindo a bella Rosinha de Fafe, atravez os seculos, a emparelhar-se com a bella formosa Helena dos famosos tempos da Grecia!

O romance não é, por sua natureza, dos mais copiosos em trechos que se apurem e separem. No entanto ahi vão aquelles de que tomámos nota, começando pelo conselho de que muitas vezes se torna preciso que se não consintam largas á mulher, porque se ella se toma da liberdade de engrimpar-se, chega pela certa aos maiores abusos.

E' d'este teôr o conselho:

«A mulher de condição ruim ha mister que lhe algemem os pulsos, a fim de que as mãos tenham só o bastante movimento para acariciar, e lhe não cheguem para mais. O mesmo é dizer que o sopesal-as é tão preciso para que vos acatem, como o affagar as bem condicionadas para que vos queiram.»

Mas os homens, nas suas doidices da juventude, tambem precisam de desciplinas:

«Muitos rapazes se poupariam ás sedes de amar que calcinaram os Hamlets e os Faustos e os Obermann, se um punho rijo os puchasse pelas melenas, quando elles estão a pique de se emborcar nos seus sanguineos abysmos.»

E quando aquelle torturante aborrecimento, que resulta dos casamentos combinados pelos paes, é compartilhado em partes eguaes por marido e mulher? O auctor em mais de uma novella retratou esta situação, e já para traz ficam exemplos, mas não será de mais este trecho referente aos primos Caetano de Athayde e Gabriella de Rebordãos:

«O tedio é contagioso. O chorar da mulher despresada não é amor. As lagrimas vão diluindo os liames que atam a alma á recordação do amor premido por outro amor. Deslaçados aqueles vincolos, é o amor proprio que chora. Esta crise póde ser mortal. Mas, se a mulher é rija de tempera, a doença declina logo que a vaida-

de formula á enferma uma tisana do mel dos deuses, que a peccadora humanidade denomina *vingança*. Então começa a convalescença.»

A bondade simples, a bondade santa, a bondade sem principios, sem doutrina, sem progresso, sem civilisação, tem esta hossana, na referencia ao amparo que é dado pela irmã virtuosa á irmã peccadora:

«As irmans nascidas debaixo de um tecto de colmo, sahem ás vezes com estes extremados exemplos de caridade.

«E' que de par com a luz suave de Christo, não entrou ainda na casinha humilde o archote da civilisação. Por ahi, tal qual vês, reverberam ainda explendores primitivos das parabolas de Jesus.

«Sabe-se lá a historia da adultera e da Samaritana. Desconhece-se todavia o evangelho social, que depois se refez á feição dos usos e costumes dos tempos novos. A dama de sobrado alto e de secretas ou publicas desvergonhas, prepulsaria das suas alcatifas a irmã delinquente; ao mesmo passo que a honesta esposa do chapeleiro ia e enviava seus filhos ao convento das Convertidas a saber da saude da sua Rosa.»

Abençoados os simples, porque d'elles deve ser o reino dos ceus!

Camillo suicidou-se. Pois Camilo descreteava da seguinte maneira sobre o suicidio vinte annos antes de se matar:

«O suicidio é uma coragem vulgar; é crime que se não dá sem elementos de virtude; por isso eu não acabei ainda commigo de entender se o suicidio é crime. Cobardia ha de ser quando se demonstrar que os grandes desgraçados que se não matam, em vez de se atascarem no esterquilineo dos vicios compellidos pela necessidade, nos dão exemplo de heroica abnegação.

. . . . . .

«Suicidam-se os que despresam a si e o mundo. Este despreso é um preito á intelligencia divina, que foi a primeira a desagradar-se do genero humano — e o que mais assombra! — a sentir-sa repesa de o ter creado. Leiam o *Genesis*, que eu não invento.»

Para fechar:

«Eu, peior que a indigencia, só conheço a ociosidade, que explica a maior parte dos infortunios gerados pela desmoralisação.»

O Judeu

Romance historico em dois volumes, sendo a unica romantisação, merecedora d'este nome em litteratura de valor, que se fez em Portugal da *santa* Inquisição, da vida, costumes e... artes dos christãos novos, e da individualidade, ainda pouco definida, antes complicada por criticos a que falta o censo critico, de Antonio José da Silva, o notavel comediographo, o successor directo de Gil Vicente, porque este ainda não teve outro, embora os filiaes sejam muitos, e se digam, ou sejam ditos, com direitos de successão.

Com a historia de Herculano e com as chronicas do Cavalleiro d'Oliveira no seu curiosissimo *Amusement Periodique*, Camillo, jogando com o seu enorme talento, produziu um estudo valioso, valendo mais, para traçar o perfil litterario, moral e politico do *Judeu*, a sua admiravel intuição que as pesquizas a que outros se entregaram, desajudados d'esse talento, applicando preconcebidos processos de escola pseudo-scientifica—processos estragadores da verdade dos factos, que foram tirados para fóra do caracter natural do homem, da sua época, e, por ventura, *da sua civilisação*.

Como é sabido, e commemorado, Antonio José da Silva, o *Judeu*, advogado e auctor dramatico, foi queimado, quando pela segunda vez a Inquisição lhe deitou as garras de tigre—a Inquisição, que seria o descredito historico da Religião Christã, se por ventura os artigos de fé do bom, e doce, e divino Jesus, o eterno modelo do amor da humanidade, não tivessem o santo prestigio para se superiorisar á maldade dos que não tinham a intelligencia do coraçãopara comprehender a santa doutrina!

Seria completamente historico o romance se o auctor não procurasse a ficção no facto de explicar o que não se encontra verdadeiramente explicado.

Podia ficar-se pelas razões dadas como explicação á infame tortura de Antonio José: a de serem consideradas hereticas algumas passagens das suas comedias, em que se forçou a interpretação para as considerar offensivas dos preceitos da religião catholica.

Mas não quiz, e procurou essa ficção, com todos os effeitos precisos, em explicar a primeira prisão do poeta como sendo resultante da denuncia de um pelitrapo, que elle mettera a riso, e a segunda, que lhe foi fatal, em a denuncia de uma escrava ser de encommenda de um seu amigo intimo, Duarte Cottinel, que assim o atraiçoara, a fim de impunemente gosar as delicias do mundo, garantidas por um thesouro de cento e vinte mil crusados, que o Judeu confiara á sua honra.

Seja como for, o romance, sobre ser uma pagina de historia, é interessantissimo como fantasia, porque o auctor, com a maravilhosa technica do costume, harmonisa, em acção curiosa, a vida dos catholicos mais fidalgos com a dos judeus mais desabusados de crenças e

etiquetas. Fal-os estimarem-se Fal-os estimarem-se e bemquererem-se pelos principios, que não teem conceitos pragmaticos: pelos principios da dignidade e do sentimento.

Ha typos accentuadissimos no romance, ainda fóra dos que são seus protogonistas: o morgado da Bemposta, Luiz Pereira de Barros, é um exemplar perfeito do portuguez velho; sua filha D. Francisca, esposa do alcaide mór de Basto, Placido Castanheda de Moura, impõe-se ao rancor dos mais bondosos pela fereza dos seus instinctos de mãe que marca preferencias odientas entre os seus proprios filhos; Francisco Xavier d'Oliveira, o *Cavalleiro d'Oliveira*, apparece-nos como... elle devia ser, e nós ajuizamos das suas memorias litterarias; os judeus Sás da Covilhã marcam o modelo da raça perseguida, pondo em respeito os perseguidores pelo dinheiro...

E' um romance que deve ler-se, mesmo para aprender historia, ainda de preferencia a locubrações infelizes das muitas que para ahi abundam no mercado!

Mas vamos ao que é de mais importancia.

O leitor tem ouvido fallar, e até modernamente em escriptos de polemica politica, que Carlos II de Inglaterra se casou com a infanta D. Catharina, filha de João IV.

A princesa era feia... como as aranhas, mas Antonio Villas-Bôas e Sampayo obrigou a musa, mais como panagirista que como poeta, a chamar-lhe *formosa*.

O que faz observar a Camillo:

> «Os poetas são a indemnisação das senhoras feias...»

Sobre o casamento, como registo da Egreja, faz dizer a Jorge de Barros, dirigindo-se á noiva judia:

> «A nossa união será feita com o ritual catholico. O meu espirito não está preoccupado de religião nenhuma; todavia, a mesma razão de uma quasi indifferença, faz com que eu não passe da religião com que me criaram para outra, cujos dogmas me não convencem. O casamento, como sacramento, já póde muito sobre a consciencia: é um habito que assumiu as proporções de consagração e identificação de duas vidas n'uma.»

O inquisidor recebe este traço na figuração da sua personalidade assustadora e lugubre:

> «E' preciso suppor que os sorrisos de um inquisidor são como o abrimento da bocca dos crocodillos.»

Perversas creaturas, em qualquer que seja o *estado de civilisação* em que ellas se possam imaginar!

Sunt lacrimae rerum...

Mas nem sempre as lagrimas, das cousas como dos homens, representam a compuncção dos sentimentos que n'estes as fazem verter!

Ha muitas qualidades de lagrimas, e, sobre uma d'ellas, disserta o auctor:

> «E' minha opinião que ha umas lagrimas, que teem a mirifica virtude de lavarem as manchas da perfidia no rosto da mulher amada.

«Estas lagrimas são magicas, são os philtros do sortilegio com que a sciencia dos nossos antepassados andou ás voltas, e com que a piedade alimentou a voracidade das fogueiras. São lagrimas que teem e encerram virtudes luceferinas; sahiram do laboratorio infernal; não são o sangue d'alma, como o Padre Bernardes as definiu.»

Assim chorava uma ingenua, roubada e abandonada do amante...

Joven Lilia abandonada

. . . . . .

Sunt laerimae rerum, mas Virgilio não vem nada para o caso!

Vejamos um poeta nas scenas de amor—desastrado sempre, como é da tradicção dos poetas:

«Almas aquecidas no fogo mystico do ideal, são as menos idoneas para expressarem affectos grandes sem se apoucarem n'alguma baixesa, de que raras mulheres levantam o homem. Convinha-lhe um airoso orgulho; o amor abateu á humildade. A mulher que ama conhece isto; a que é tão somente amada chama-lhe impertinencia e semsaboria.»

Para fechar:

«O goso de ser rico deixa de o ser, quando o ouro não compra as alegrias puras d'alma.»

A douda do Candal

Um fidalgo de maus figados, brigão e faccinoroso, de nome Simão Peixoto, pretende absorver a fortuna de sua unica irmã, D. Leonor, obrigando-a a professar, contrariando-lhe o espirito e o coração.

Ao lado da rica pobresinha colloca-se, como Magriço dedicado, um seu primo, Marcos Freire, que ella ama, correspondendo elle a esse amor tão sómente com o affecto de uma amisade estremosa.

Parecida a situação com a tristeza de uma situação similhante, traduzida com arte nos versos de Henri Heine, e postos em portuguez com muita perfeição pelo malogrado Gonçalves Crespo:

Mas ha na vida uma noite mais escura,
Que é amar alguem que nos não tenha amor!

De conflicto em conflicto, Marcos Freire vergasta a Simão Peixoto, mas este mata-o em duello, sendo em seguida morto, em duello tambem, por José Osorio, amigo como irmão de Marcos, por não lhe soffrer o ani-

mo que cahisse na morte, varado pela bala de um malfeitor, quem de preferencia tinha todo o direiro ao goso da sua vida.

Como se vê, n'estes lances, ainda mais que para drama, ha sensações fortes para tragedia.

Se ainda hoje em dia, fóra do reportorio classico, as tragedias fossem admissiveis...

Mas não são. Já se não fabricam, ou já não ha, pelo facto de ser materialisado pela imprensa o assumpto para ellas; servindo apenas aquelle reportorio para exhibição de actores de faculdades excepcionaes em *tournées* bem pagas

Mas a acção não pára n'estes lances, porque a filha de um tamanqueiro, formosissima moça que se entregara a Marcos, que a deixa pela morte com um filhinho querido, enlouquece ao saber da catastrophe, sendo amparada, com os maximos disvelos, pelo pae do morto e pela nobre senhora que lhe era irmã pelo affecto.

São episodios tristes, de lagrimas ardentes, que o auctor deduz com os processos de toda a sua mestria ; tão lancinantes esses episodios, que Camillo não quiz que o romance se encerrasse por tantas tristezas, fazendo romper um raio de abençoada luz no meio do negrume de tamanhas trevas.

Assim, como Simão Peixoto deixasse tambem uma filha bastarda, que atirara ao abandono, a irmã perseguida recolhe-a com amor, e ella casa com o filho de Marcos Freire, vindo os filhos a estremecer-se tanto, no meio da felicidade do seu lar, quanto de morte se haviam degladiado os paes !

O livro é dedicado, com as seguintes palavras, *á hon-*

rada memoria de José Julio d'Oliveira Pinto, que foi deputado e director geral do ministerio da Justiça:

> «Vivia o nobilissimo coração de José Julio quando lhe offereci o meu *Romance de um homem rico* ha seis annos.
>
> «O coração, cofre de um thesouso, era material: desfez-se.
>
> «Ficou o thesouro incorruptivel e sagrado: a honra.»

E a dedicatoria tem explicação no facto de José Julio d'Oliveira Pinto ter sido morto em duello por Miguel de Sá Nogueira, sobrinho do Marquez de Sá da Bandeira.

Isto posto, como informação ás gerações novas, vamos aos registos do costume.

Parece ser necessario um nivelamento intellectual e educativo para conservar a harmonia dos que se amam; pelo menos o auctor assenta esta doutrina:

> «Não basta um forte e sincero affecto para nivellar egualdades de espirito.»

Assim, pódem amar-se duas creaturas e não poderem entender-se na vida complexa. Mas o filho, se sobrevem, supre todos os nivelamentos que se imaginem necessarios, e é sentidissimo o trecho em que o auctor disserta sobre este ponto:

> «Celestial compensação! Quantas desgraçadinhas, quantas perdidas porque não foram mães! As crianças distendem as suas azas por sobre o

> cairel da voragem. O perfume que trazem de Deus desinfecciona o ar corrompido pelo vicio. Descerram arcanos não conhecidos de bemquerer. Almas cancradas no incendio do novo amor, depuram-n'as. Rehabilitam, dando valor, premio e sublimidade á mulher que todo mundo despresa, e ainda áquellas que, desvinculadas do mundo, se despresavam. Como que á volta do seio que se abre em fontes de vida, se fórma uma atmosphera pura. Lá do peito a dentro renova-se o quer que seja de segunda virgindade.»

Encerra muita philosophia a *Douda do Candal*, e n'ella sobresahe o caso da *amaurose espiritual*, como o auctor chama ao facto de Lucia Peixoto acceitar para marido um velho official como meio de fugir ao amor, de impossivel correspondencia que sente pelo primo Marcos.

Escreve o auctor:

> «Coração de mulher é atreito a umas certas cegueiras no primeiro aspecto incuraveis. Sôa uma hora inesperada. Faz-se um relampago. O coração abre os olhos, tontêa de um excesso de luz, conhece umas maravilhas novas, reconhece outras que tinha visto, entrevê delicias que se lhe figuram um ressuscitar no ceu.»

Fica d'esta maneira justificada D. Lucia, e passemos adiante, tanto mais que no correr da leitura encontramos esta nota:

«A mulher é um abysmo, diz o santo abbade Ruperto; e quem não fôr mais santo que eu, ha de crer que a mulher é, pelo menos, trez abysmos.»

Nos tempos de agora, apenas por tradicção, que de resto se vai apagando, se conhecem os amores conventuaes, aliaz com muitas chronicas.

O auctor, que muito os estudou, porque foi convesinho d'elles, desculpava-os por esta fórma:

«Moça, com sede e fome de liberdade e amor, com repugnancia e nojo de côro e psalmos, quando lhe dizem que ali, n'aquelle palacio de mais continente Salomão, nem todas as odaliscas do divino são leaes, nem ás desleaes se comminam jejuns e desciplinas, que quereis que ella faça? Ama por necessidade, ama por instincto, ama por vingança, ama, para que em barda o diga, para não morrer.

«N'isto de amor diz a experiencia que os vulcões, rebentando, cavam voragens. O coração salta na lava, mas o perigo é a quéda, se a lava esfria. Debaixo está a garganta que a explosão abrio.»

Na maior parte das vezes, a queda é fatal.

A Engeitada

E' um dos romances de Camillo que obteve, sem que fosse dos mais litterarios, mas sendo de muita phantasia, mais larga circulação.

A ultima das edições que se publicou foi a 5.ª, da Parceria Antonio Maria Pereira, em 1905.

O general de Napolião, Alfredo Gassiot, na época das invasões em Portugal, foi ferido em um dos recontros do Minho, sendo recolhido e tratado pela caridade portugueza em um solar das proximidades de Guimarães.

Em breve se restabeleceu, alçançando convivencia na casa dos Calvados, onde havia duas meninas formosissimas, prepondendo uma d'ellas para a vida do claustro, e a outra, de muito diverso temperamento, para a muita vida do amor.

Miquelina se chamava esta, e por ella se apaixonou perdidamente o official francez, como ella, correspondentemente, se apaixonou por elle.

E amaram-se a valer, dando a moça solarenga á luz uma menina, ao tempo em que Gassiot já fugira para França, ameaçado pelos parentes da fidalguinha.

De amor de mãe e de amor de namorada se finou Miquelina, em quanto que sua filha, Flavia, andou aos baldões do mundo, até que, por sorte, se recolheu em França ao tecto paternal, ignorando no entanto, que aquelle a quem chamava pae, sendo seu protector, era o seu pae de verdade.

O general Gassiot casara em França com uma sua prima, e do matrimonio houvera dois filhos—Carlota e Ernesto.

Flavia era um encanto de mulher, e na aproximação continuada de Ernesto, aconteceu o que era dos livros... da natureza: o joven Gassiot criou-lhe um amor de raiz, que tanto mais se profundou, quanto mais foi contrariado por sua mãe.

D'aqui uma multidão de scenas emocionantes, que prendem extraordinariamente a coriosidade romantica dos leitores, chegando-se á scena final: a de Ernesto Gassiot passar á Terceira, alistando-se nas hostes constitucionaes, intencionado em procurar a morte.

E' de extrema afflicação o estado de espirito do general, e tanto elle pode no coração agradecido de Flavia, que esta vem a Portugal em procura de Ernesto, para lhe trocar o amor de irmã, que sempre lhe concedera, pelo amor de esposa.

Mas vem encontral-o morto...

O leitor, mesmo sem ler o texto, phantasia o drama, mas, para que este finde no grande lance, o auctor faz com que Flavia, procurando a ama que a criara, encontre documentos provativos da sua filiação.

E assim volta a França para dar o nome de pae áquelle que sempre o fôra pelo affecto, carinho e dedicação.

E ficam ambos a chorar Ernesto, o filho querido, o irmão estremecido...

Feito o resumo, vamos ao texto.

Falla o auctor de um homem que ainda não teve chronica condigna—Fr. Antonio Pacheco—*o frade do habito branco*—, e retrata assim a furia nacional, com que foram rechaçados os francezes nas tres investidas que fizeram para se assenhorearem d'esta orla accidental:

> «Ha cincoenta e tantos annos! cada homem, cada portuguez a pedir um Thucydedes e dois Homeros! uma epopéa para cada lusitano, e um Pantheon para cada aldeia. E, depois, a gentalha d'aquelle periodo de tres heroicos annos era uma gentalha que dava pela barba aos gigantes do nosso tempo: Adamastores de pantano, que salpicam a gente de vasa quando se remechem.
>
> «Que plebe tanto mais furial quanto briosa! Como ella matava os afrancezados e lhes incinerava os cadaveres no brazido das casas incendiadas! Que espora tão penetrante os apostolos da christandade portugueza lhe chegavam aos ilhaes! Desfaziam a cruz de Christo em dois varapaus e davam a deslombar!»

Com mais philosophia, sim, mas com mais eloquencia do natural ainda não foi retratada a situação!

O auctor, por muitos logares, faz a critica dos signaes orthographicos, e, como deixámos referido, as reticencias mereceram-lhe sempre referencias muito apropriadas.

Cabe agora a ver aos pontos de admiração, e a outros que precisam ter a figuração de que se tornam dignos:

> «A sã moral escripta manda que se não poupem, em certas e determinadas passagens das novellas, os pontos admirativos, visto que ainda se não inventáram os *pontos de indignação*...

Aviso aos reformadores, porque os ha em barda, para que os inventem, como se ha mister.

Vejamos agora um paragrapho de psicologia infantil, que não tendo nunca entrado nas escolas, já agora não logrará esse ingresso:

> «Cuidam os escrutadores do coração que a suprema prova da innocencia das meninas é o corar, porisso as fazem logo aos quatorze annos córar de tudo o que se lhes diz, mais ou menos contingente do amor. Com estes analystas me desavenho eu. Sou de parecer que a menina que não córa de certos dizeres, porque os não entende, é muitissimo mais innocente que as outras.»

E' assim mesmo.

Mas passando para os experientes da vida;

> «Ha relampagos de memoria que abrem um vinco na fronte do homem. E a velhice extemporanea de alguns o que é se não recordarem se?»

Os experientes da vida!

O peior, para muitos, é o que o auctor annota:

> «O tempo chega sempre; mas ha casos em que não chega a tempo.»

De resto os aphorismos tambem vencem tempo para reforma ou aposentação, embora se lhes não concedam:

> «Ha maximas que se conservam em respeito á antiguidade d'ellas. Esse tempo de curar as enfermidades da alma devia já ter cahido, se a estatistica dos dementes e suicidas interessasse em encontrar as annexins dos nossos avós.»

O que vae ler-se é que devia cotar-se como adagio moderno, mas de moral antiga:

> «As injustiças, se alanceiam as victimas, tambem ferem quem as faz.»

Embora as injustiças continuem sempre a fazer-se, *per omnia secula seculorum*.

O Olho de Vidro

O titulo do romance não representa, como pode parecer á primeira vista, um rotulo sensacional prometendo originalidades. Não o convencionou o auctor como chamariz de leitores ou como reclamo de livraria.

O *Olho de Vidro* é historico como alcunha, correspondendo ao artificio com que encobriu a enfermidade um homem que no mundo se chamou *Braz Luiz d'Abreu,* e que no seu tempo, principios de seculo XVIII, gosou de grande nomeiada como medico de larga clientella.

Foi o indefesso bibliographico Innocencio Francisco da Silva que poz Camillo no rasto da novella, escrevendo no respectivo artigo do seu valioso *Diccionario* as segnintes palavras:

«Se algum dos nossos romancistas se resolvesse a tratar do assumpto, affigura-se-me que a vida d'este nosso medico, com os curiosissimos incidentes que ficam apontados, lhe dariam sobeja materia para a fabrica de uma composição, onde mediante a licção dos escriptos, que nos restam de Braz Luiz, poderiam fundir-se habil-

mente especies mui interessantes, para d'ahi resultar obra de cunho verdadeiramente nacional.»

Os incidentes, a que se refere Innocencio no seu estylo por vezes em demasia descuidado, são de facto curiosos, sendo o principal o de Braz Luiz d'Abreu, no apogeu da fama professional, e quando era felicissimo no seu lar, metamorphosear-se de improviso, dando costas ao mundo, professando na ordem dos Franciscanos, ao mesmo tempo que procedia da mesma fórma, vestindo habito no convento de S. Bernardino, a sua esposa estremecida.

Muitas vezes se viram, mas nunca mais se olharam, e para que todas as suas relações d'ahi em diante fossem extraordinarias, foi o frade Luiz d'Abreu que tratou a freira como medico, sendo elle tambem que, como padre, lhe ministrou a Extrema Uncção...

O facto, que ficou memorado, foi este. Mas qual foi a causa do acontecimento anormalissimo?

Não o diz a historia; mas Camillo, para fabricar o romance, attribuiu-lhe a causa de Braz e Josepha serem irmãos, sabendo da sua sanguinidade quando já eram casados havia quinze annos, e se reviam em sete filhinhos, que idolatravam.

Como se vê, sem que exercesse grande pressão sobre a logica dos actos humanos, que ficam mysteriosos, o auctor assentou na melhor base a sua novella, podendo extrahir-se d'ella um drama dos melhores effeitos, se por ventura o theatro moderno não preferisse assumptos que não teem logica nenhuma, mirando unicamente ás caricaturas e aleijões de uma psychologia meramente convencional, que fornecem objectivo de novos jogos floraes de technicos, que tratam de arranjar permissas

para as conclusões que previamente assentaram como alicerce de uma obra que mira á immortalidade.

Ora pois...

Le monde marche, depuis le brin d'herbe jusqu'au l'étoile, et depuis l'etoiole até. . dar mil voltas e reviravoltas, desde Eschilo até aos nossos contemporaneos que fazem revistas do anno.

A litteratura de Camillo é que é litteratura para se entender em todos os tempos—e podem succeder-se os seculos e transformar-se os regimens! E sempre com tanta elevação de fórma que até se tornava superior quando parecia aplebear-se, sabendo collocar com a maxima naturalidade a acção romantica no meio historico, sendo d'essa sua arte um exemplo grande *O Olho de Vidro,* que com o *Judeu,* e depois da obra de Herculano, é um dos melhores documentos criticos que possuimos para apreciar a época inquisitorial n'este paiz, onde ella foi mais de commercio que de religião.

E vamos ás excavações, começando por uma sentença:

> «Ha desgraças tamanhas, que o homem parece envergonhar-se de contal-as aos seus amigos mais do intimo d'alma.»

Depois de um auto de fé, em que as labaredas queimavam a carne dos hereges, como as chammas mais atiçadas consumindo um tóro do Natal, vem este commentario de uma singelesa encantadora:

> «E o sol d'aquelle dia era ainda formoso ao entardecer. As auras do mar bafejavam tepidas. El-Rei passeiava nas varandas do Paço da Ri-

beira, aspirando o aroma dos laranjaes; e os frades de S. Domingos resavam Vesperas.»

Retratatando a vida intima do medico Braz, que se fez frade, e de Josepha, sua mulher, que se tornou freira:

«Ora aqui tem, leitor sensivel, um quadro de felicidade terreal: cinco filhas e dois filhos, vivos e robustos, em nove annos. Dito isto, por mais que eu me aprimorasse em recamos de sentimento no descrever as venturas d'aquella familia, tudo me sahiria frouxo e muito em sombra. As creancinhas são os anjos que pintam os quadros da vida intima com côres e instincto do ceu.

«Quem quizer dizer «suprema e indisivel felicidade», não tem mais que pôr: «eram dois paes amando-se muito com sete filhinhos entre elles a beijarem-n'os, a beijarem-se, e a chilrearem como avesinhas implumes em volta do ninho que lhes dá o aconchego da plumagem e do cibo.»

E' prosa. Não se mede por decassylabos, alexandrinos ou redondilhas. Não rima.

Mas é poesia estreme...

Um capitulo da philosophia das religiões, feito sem philosophia alguma, calhando ao proposito de Braz ser despertado no seu sonho de amor com a triste realidade de ter como esposa... sua irmã:

«Sou fraco, sou miseravel lodo! Dê-me animo, salve o filho do seu desventurado amigo. Creio

no Deus dos martyres, para que a sua voz me alente e eu não seja confundido pelo escarneo da maltidão.

«—Creio no Deus de todos os martyres, atalhou Francisco Luiz. Soffra, chore, despedace-se sem amaldiçoar, e verá que está consigo o Deus de Socrates, o Deus de Saulo, o Deus de Antonio de Sá, o Deus de Heitor Dias da Paz, o meu Deus, o creador de todos os martyres e algozes, de todas as cruzes e de todos os postes sobre a lenha que vai abrazar um corpo. E' Jesus de Nazareth o seu Deus? Sirva-o, tome-lhe dos labios a esponja e sorva-lhe o fel, ame os inimigos, valha aos desvalidos, acolha os orfãos á alma que os aconselha, dê-lhes tecto que os cubra, e olhos que os chorem. Assim fariam os justos segundo Platão, os justos segundo Boudha, os justos segundo Philon, os justos segundo Jesus, os justos segundo Luthero. Ame, condoa-se, ampare como elles, e será salvo para melhor mundo, e sentirá n'este as supremas alegrias da consciencia...

«—Oh! não é isso—ha uma só religião e uma só salvação.

«—Pois bem: haja uma só, e seja a sua. Todos ellas dão as suas melhores corôas aos seus martyres, corôas tecidas dos masmos espinhos, e abençoadas da mesma benção; mas é preciso soffrer, infligir tortura, sem retalhar o peito de outra fé para lhe ir lá dentro remover com ponta de ferro em braza a consciencia.»

Não é em fórma de sentença; mas a dissertação, pelo dialogo, eguala-a.

Espirito religioso, do mais lidimo, encontra-se n'esta exclamação do auctor:

> «Eu negaria minha fé a quem me dissesse que a prece dos infelizes sem culpa não ha Deus que a ouça e attenda. Se ha!...»

Mas descendo á lama dos Vuntrins de Balzac ou dos Gelbs de Dumas:

> «O despejo, por exemplo, a cousa hedionda que por ahi se chama cynismo, caleja e abroquela tão rijamente o homem, que todas as setas da desgraça lhe resvalam do peito. Quando cuidamos vêl-o sossobrado, eil-o se apruma a desafiar novas tempestades, e de tormento em tormento chega á derradeira edade, e acaba de cachexias, porque as cachexias não se curam com a valentia da alma.»

Mas morrem de cachexia, com raras excepções, os grandes tratantes épicos!

Verdade seja que segundo o nosso Camões, os que seguem com valentia pelo caminho direito, *se vão á lei da morte libertando.*

Mas verdade é tambem que os outros, a seu modo, gosam d'essa mesma imortalidade!

Volcões de lama

Este romance, em guisa de prologo, dá ao leitor *a sua razão de ser*, e vem a ser ella que os antros do coração humano resfolgam fogo de paixões assoladoras, como os intestinos do globo jorram de lavas candentes, que subvertem, devastam, devoram, pulverisam ou petreficam toda a natureza viva e morta que abrangem nos seus abraços de lavaredas; e que assim, similarmente, n'essas mesmas paixões, por vezes, estuam convulsionados uns outros volcões, que expluem o seu todo sobre as cousas e as pessoas, primeiro emporcalhando-as, depois asfixiando-as na sua esterqueira espapaçada.

Assim é; porque a parte nobre do nosso ser, a alma, se tem labaredas que purificam, tem por egual, ou por desegualdade, o pús odiento dos rancores e das invejas que biosam a porcaria da ruindade da sua natureza ou da sua educação.

A these é, pois, verdadeirissima, mas a feitura litteria do romance não nos parece da melhor... relativamente. E' um capricho *de processo,* aliaz com a superioridade que o auctor sabia pôr em tudo quanto sahia

da sua fabrica. Quiz mudar de figurino, como de figurino mudou no *Eusebio Macario,* e se n'este e nos *Volcões* temos, por ventura, um Camillo diverso d'aquelle que nos acostumámos a conhecer, resta ainda um escriptor dos maiores da nossa historia litteraria.

O enredo em pouco se conta. Nos suburbios da cidade do Porto, um padre arranjou um filho da sua comadre, mulher de um lavrador abastado e confiante.

Protege-o nos estudos, mas o rapaz sahiu de má raça, e fez a uma prima o que o saccerdote, seu pae, havia feito a sua mãe.

Quem sahe aos seus, não desgenera, diz um dictado nosso; ou então, para melhor, como se conta em um soneto satyrico de João de Deus:

Tal pae, tal filho.

Em resultado d'estes dramas de familia, o pae putativo do estroina soube da sua deshonra, e arrebentou de paixão.

A viuva enlouqueceu, tomada de remorsos; a sobrinha, que o filho desgraçára, casou com um homem acommodaticio, que a namorara em primeira mão; o filho do padre regressou rico e casado da India, encontrando a louca a embalar o berço onde cuidava ter o filho da sua traição e a cantar lacrimante:

Não sei que quer a desgraça,
Que atraz de mim corre tanto!
Hei de soffrer e mostrar-lhe
Que d'ella já não me espanto!

Nos *Volcões* ha quadros pintados com arte de observação, do mais flagrante natural. Os Lovelaces de aldeia, os chicaneiros que buscam e rebuscam interesses, os avaros que amigalham, apegados com estupidez ao migalheiro, as dignidades dobles, que quando nos campos se manifestam ainda são mais ridiculos que nas cidades viciosas, que d'antes se figuravam em Babylonia e que hoje se symbolisam em Paris—todos estes episodios do romance se podiam dar em quadros de tela e em caricaturas de revista.

Mas vamos ao que importa.

Começando:

> «Ha homens sem ressaibos de letra redonda nos quaes Deus incute infusões de logica. Elles dão ares de sahir do Cenaculo a evangelisar conceitos immortaes.»

E' quando o Rodrigues diz do filho, que julgava seu e não do compadre que parochiava em egreja do concelho de Gaia:

> «Se elle com tão poucos estudos é tão patife que já deshonrou a prima, e não quer casar com ella, o que fará quando fôr doutor!»

Não seremos nós que por amor da classe repudiemos o desdouro da interrogação, para quem seja, *como toda a gente, um bacharel formado.*

Na scena em que a amante do Padre reconhece a justiça do marido ludibriado, pedindo-lhe que a mate, respondendo elle que o remorso é que se ha de encarre-

gar d'esse castigo, ha um trecho que tem a philosophia já citada de Bernardes, quando o Oratoriano registava que as perolas, as finas perolas que enfeitam o branco lindo dos pescoços de leite, não passavam de ser *a sarna das ostras.*

Diz assim:

> «Note-se de passagem: este homem e esta mulher, que não sabiam ler nem frequentavam theatros, podiam fornecer excellentes finaes de actos—o brilhante preto da litteratura dramatologica—para as comedias de costumes nacionaes. As mais finas joias da sensibilidade são, como as perolas, extractos de brutos mariscos. Bem sabem em que parte ignobil uma certa cabra tem a capsula do almiscar. Tambem sabem de que filtros se nutre o enconchado repolho de S. Cosme, e em que fedores se gera e embelece a rosa da Alexandria.»

E se é d'esta maneira a Natureza, como não ha de ser a Sociedade!

A infancia... E aquelle torrão natural, que Chateaubriand diz algures que pega no sentimento, como a argamassa ás pedras!

Até nos brutos se enroscam saudades da infancia, e esta observação é muito bem feita:

> «A propria lubricidade, sopitada nos seus lethargos de estafada devassidade, tem sonhos melancholicos, saudades de impeccaveis alegrias da infancia.»

Tratava-se do pandego Arthur, a lembrar-se, na India, com o coração sobressaltado, da aldeola em que nascera!

Agora, observações feitas sobre os mysterios da loucura, como de certo ainda não appareceram similhantes em relatorios de technicos:

> «Nos cerebros transtornados pela insania fulguram lampejos de tão levantado, tão poetico e tragico sentimento que, se a razão dos entes normaes podesse sentil-os, a vida seria uma corrente de lagrimas a desaguar n'um permanente inferno.»

Para a galeria dos retratos:

> «Ladislau, sujeito de quarenta annos, espaduas quadradas, thorax leonino, sedoso e polpudo, gorja de toiro barrosão, temperamento de kalifa nos ardores de Lybia, casara com D. Mathilde Flórida, filha de Flórido Sanches, donzella de desessete primaveras...
>
> «A menina Anathilde era de uma magreza historica—a dâs primeiras vaccas do sonho do Pharaoh! Desde os treze annos que a abeberavam de olio de figados de bacalhau e ferro chicolatado, sem conseguirem embaciarem-lhe a transparencia com as gorduras oleosas da therapeutica. Quando casou, lembrava uma mumia roubada ás pyramides do Egypto. As proeminencias malares davam-lhe geitos de um cynocephalo-femea: a maxila inferior parecia retrahida pelas cordo-

veias nodosas do colo, e as orelhas diaphanas, pensis, destacavam-se do rochedo como duas grandes cascas abertas de favas seccas. As sciencias medicas vaticinaram que ella, se casasse, engordaria; e, se concebesse, melhor. Casou e concebeu prosperrimamente, mas o prognostico da nutrição falhou. Cada vez mais descellada de chorume, os musculos lixados e pergaminhaceos, o peito escadeado, a cintura mais larga que os quadris. Tinha attingido o vaporoso dos poetas d'aquelle tempo. Era o ideal corporisado na Parca.»

Poucas vezes faremos transcripções d'este tamanho, mas os retratos não podiam ficar incompletos, tanto mais que os apartamos com o proposito de os arrumar juntos dos que separámos no romance *Os brilhantes do brazileiro*.

Mas de toda a lama do romance—lama que é muita!—seleccionemos um bom preceito moral, que é este:

«Ha na religião de Jesus e em todas as religiões amoraveis como as creanças, caudaes de santissima poesia.»

E uma licção de psychologia como é esta, com que fechamos o capitulo:

«As lagrimas são o desafogo das dores que vibram no cerebro normal. Essa expansão sorosa não é uma necessidade para os dementados, nem as afflicções irracionaes espertam vitalidade no ducto das lagrimas. A lava do cerebro queimou tudo isso.»

A Sereia

A *Sereia* vem a ser uma formosissima menina, Joaquina Eduarda, flor mimosa de tronco adusto, como filha que ella era de Fernão Cazado Godim, de tradicções patrioticas tão preclaras que até na linha feminina contava feitos de gloria, resando com renome de uma sua tia-avó os escriptos de Bartholomeu Guerreiro, da Companhia de Jesus.

E por esses tempos as tradicções obrigavam, estabelecendo compromisso que se guardava como se fosse escriptura que podesse ser levada a juizo.

Era formosa e era sympathica a mais não Joaquina Eduarda, que se repartia, na orphandade em que ficára, pela companhia de uma sua irmã, esposa do juiz de Fóra de Amarante, e pela de seu irmão estremecido, o padre Sebastião, que parochiava pobremente, limpamente e santamente uma freguezia ao sopé da serra de Ayró, nas proximidades do villa de Barcellos.

A accão do livro princípia em 1762, abrangendo um pequeno periodo de seis annos, quando, graças á iniciativa rasgada e intelligente de João de Almada e Mello,

que foi uma especie de Pombal de pequeno formato nos dominios da capital do Norte, a cidade se transformou com as suas leis e com os seus arbitrios.

Que quando os arbitrios sahem de boa cabeça, e de bom coração tambem, valem ás vezes muito mais do que valem as leis!

Começa a acção quando, no dia 15 de maio d'esse anno, sa inaugurou, precedendo o Porto a Lisboa n'esse *progresso,* um theatro lyrico organisado conforme as maiores exigencias da época.

Lá estavam, a ornamentar a sala, as senhoras mais formosas e distinctas da cidade—as Craesbeecks, as Mellos, as Mouras, as Quebrantões; mas entre todas ellas sobresahia com relevo Joaquina Eduarda, que de proposito fôra de Amarante para assistir á festa, que era especial encanto para o seu sentimento artistico, pois que a alcunha de *Sereia* lhe vinha de ella ter na garganta de privilegio um ninho de rouxinoes, que á compita gorgeiavam toda a divina escala das melodias.

Até essa noite infeliz Joaquina Eduarda fôra remissa em abrir o seu coração á luz do amor. Em seu derredor multiplicavam-se os namorados pretendentes com fidalguia e riqueza, mas em vão malbaratavam os seus madrigaes em prosa e verso.

Mas...

Mas viu a Gaspar, filho unico e bastardo de Pedro de Vasconcellos, fidalgo bracarense; e Gaspar, ao tempo estudante de Direito em Coimbra, viu-o tambem...

E verem-se e amarem-se foi obra de um momento, sahindo certa a phrase portugueza, que não podia ser inventada em vão!

Viu-a, e tão enleiado e rendido ficou o rapaz, que em-

bora desinvolto e travesso, quando teve ensejo de se aproximar do idolo no seu camarote, ficou em tamanho extasi, que segundo o seu chronista, mostrou *acanhamento de menino de côro.*

Amaram-se a mais não ser possivel; com paixão, com idolatria, por toda a vida, até á morte!

O velho Pedro de Mello, typo mal esboçado, incoherentissimo nos principios da sua dignidade e do seu sentimento, poz embaraços ao casamento do filho. Fizera de ha muito outras combinações, e não querendo que os calculos e as contas lhe sahissem erradas, não houve de movêl-o do projecto de apenas conceder o filho para marido de uma sua sobrinha legitima.

Assim se normalisaria a linhagem dos Mellos, apagando no brazão o traço sempre deprimente da bastardia; assim os morgados e prasos, misturando-se e sommando-se, garantiriam o prestigio da sua geração.

Mas Gaspar, seu filho, por ventura por effeito do sangue plebeu de sua mãe, reciocinava por outros processos, oppondo o coração á arithmetica do pae; e d'esta maneira, como todas as difficuldades accumuladas se tornassem insuperaveis, um bello dia os passarinhos fugiram juntos, e lá se foram a par pelo mundo fóra, a conjugar aquelle verbo lindo, que nos seus diversos tempos e modos encerra todo o poema da creação!

Foram dar-a Sevilha...

Mas ahi a desgraça, pela falta de meios de vida, bateu-lhes á porta, não chegando, para amparal-os, a protecção dedicada de uma familia portugueza que para ali emigrara, e de que era chefe Francisco da Cunha, solarengo de Vizeu.

E aqui começam as peripecias dramaticas, que são

muitas, e que levariam muito epaço se porventura procurassemos minudencial-as.

Em resumo: Gaspar de Mello, que professara, morre congestionado ao ver Joaquina Eduarda na estalagem e no mesmo quarto que abrigara a sua primeira noite de nupcias, quando vai para sacramental-a ignorando que ella fosse a enferma, e a pobresinha salta do leito á janella, e afoga-se no rio Douro, sendo arrancada da sua corrente por um homem que se lhe dedicara de amor muito fundo, muito sentido, e nunca confessado.

Tableau!

Chamava-se este poeta, que não deixou versos em cancioneiros ou jornaes, João de Mello e Napoles.

Não deixou versos, mas poz em apontamentos estas memorias tristes, affirmando Camillo que o respectivo manuscripto foi encontrado na livraria do Barão de Prime, ant cessor do Conde do mesmo titulo, fallecido ha cerca de vinte annos na cidade de Vizeu.

. . . . . .

Mas passemos a collecionar, que ha por onde.

Como dissemos, Joaquina Eduarda era pouco de receber galanteios, mas não podia faltar á regra geral, que para as mulheres do seu temperamento vem a ser esta, conforme o commentario do auctor:

> «Estas mulheres de condição muito afidalgada e rebelde em amores, são como as pessoas muito saudaveis: chega uma hora em que a doença mata umas e o primeiro amor perde as outras.»

Vindo Joaquina Eduarda a pertencer, por sua desgraça immerecida, á segunda cathegoria.

Ella tinha orgulho digno — se tinha! —, mas não chegou para lhe desviar a perdição, sendo aliaz d'esse orgulho documento interessante este pequeno e encantador dialogo com seu irmão padre, á sombra das arvores do presbyterio, quando ella se cuida, por intrigas, abandonada do seu eleito:

«— Que me importa a mim o vil?... Que me não responda quando eu lhe escrever. Escusava de saber isso, mano Sebastião. Se sou desgraçada, resta-me a dignidade. Um sentimento nobre de amor não estraga os brios. Eu sei o que valho.

«— Menos orgulho, Joaquina! — disse brandamente o padre. — Temos visto cabeças coroadas mergulharem na lama das más paixões. Nem dotes, nem formosura, nem fidalguia terão mão de ti, quando houveres de cahir.

«— Cahir!... — exclamou ella. — Tu julgas de mim muito pouco, Sebastião! Amar é cahir?

«— E' fechar os olhos para não ver a voragem; é cobrir os abysmos de tapetes de flores.

«— Não receis. Tive sempre abertos os olhos quando amava; e, se os então fechasse, abril-os-ia agora para nunca mais se fecharem.

«— Assim seja, concluiu o irmão.»

Mas, conhecendo a intriga, passou da tristeza ás alegrias mais expansivas, observando Camillo, como regra:

«Tolera facilmente a saudade o coração feliz e seguro da real remuneração de quem ama.»

Uma definição original da *infancia* dá-a Gaspar de Mello em dialogo com sua prima Paulina:

> «A infancia é como esta agua que está descendo da bica, e nunca mais sobe.»

Nem ha meio de a fazer subir!

Entremeiado, um trecho como o não escreveu... Fetis, ou outro qualquer padre mostre critico de cantos e toques:

> «D'antes era a arte; a voz que a si mesmo se estava ouvindo; agora fallava o sentimento: a alma que consigo mesmo dialogava.»

Mais *cameliana* — e é variadissima, como os leitores terão notado — sobre o eterno thema, o amor, n'um dos meios em que esse sentimento se não sente á vontade, dobrando-se muitas vezes ás tristes realidades da vida:

> «O amor dá-se mal nas casas ameaçadas de de pobreza. E' como os ratos que presentem as ruinas nos pardieiros em que moram, e retiram-se. A comparação é por de mais plebléa em materias tão afidalgadas como são estas do coração; todavia, imolemas a polidez á verdade.»

E continuando:

> «O amor é de condição muito desprendida d'umas baixesas quo nós raramente chamamos almoço, jantar, ceia, aconchego, commodidades e

guarda roupa abundante. Assim que elle dá tento que o seu visinho, chamado espirito, cogita distrahido n'aquellas coisas vulgares, começa a enfastiar-se, a ver por onde ha de fugir. O amor quer o monopolio das faculdades da alma. Se o intellecto o desdenha para se exercitar em estudos graves, o caprichoso arrufa-se, e vinga-se dos sabios fugindo para os corações dos tolos que, tal qual vez, se senhoreiam do espirito das mulheres dos sabios, desastre de que o sapientissimo Marco Aurelio se queixava n'uma carta á sua muito deshonesta mulher Faustina. Cito um imperador para consolação de gente mais ignorante dos eminentes camaradas, que a historia lhes offerece.»

Mais adiante, como que pondo um ponto final á dissertação:

«O estomago é despota entranha que protesta contra as paixões dos outros.»

Mas fére nota bem diversa, e esta cala de verdade nos corações:

«A felicidade, á custa de lagrimas alheias, é um traição aos nossos gosos: é um licor saboroso em taça de prata, com as feses no fundo, feses que afinal somos obrigados a tragar.»

Romance bem architectado é a *Sereia*, sem duvida alguma. Mas tanto fóra do commum das regras da vida

são as peripecias, que não levam o sentimento á chuva quente das glandulas lacrimaes. E' que essas peripecias accumulam-se em demasia, pondo em destaque o artificio.

Chora-se *com prazer* dos nossos corações — e não se estranha este *goso das lagrimas* — em muitos romances de Camillo; n'este, não cremos que as suas paginas sejam aljofradas por leitoras, nem mesmo por aquellas que mais sejam dadas ao choro que desassombra e allivia.

Cavar em ruinas

De todos os livros de excavações historicas do auctor é este, manifestamente, o de maior curiosidade. Comprazia-se muito n'estes trabalhos o espirito critico de Camillo, quando dava socego ao seu espirito de phantasista, sendo esta mais uma das manifestações superiores da complexidade da sua individualidade litteraria.

No proprio *prefacio* do livro em questão dá elle prova do entretenimento intimo, da satisfação e regalo com que saboreava a vida das sociedades antigas, na modalidade, pela vida dos homens e pelo caracter das cousas, dos seus estados de civilisação e costumes.

Assim escreve:

> «Os livros antigos pagam liberalmente a quem os atura.
>
> «Não ha velhice mais dadivosa e agradecida. Sentam-se comnosco á sombra das arvores, suas coevas, e contam-nos coisas que viram os plantadores das arvores. No silencio das noites giadas

dos nossos Janeiros, elles que os contam aos centos, aconchegam-se de nós e conversam com o mesmo affecto das tardes estivas, embora o frio lhes esteja orvalhando o pergaminho das capas. Optimos amigos, que nem quando nos adormecem nos agastam, e até soffrem em serem ouvidos sem serem escutados.

. . . . . .

«O Presente é este sincero desgosto de muitos, e interminante embriaguez da felicidade de poucos. O Futuro é um descuido do maior numero e a afflicção de poucos espiritos que vieram sãos a um mundo cheio de aleijados. O Passado, o passado, é já agora o unico, seguro e abençoado refugio de quem póde ir por trevas a dentro a bater azas de luz e a poisar-se lá sobre ruinas, onde chega a pedra d'estes fundibularios que teem seus arsenaes nos enxurdeiros das cidades florentes.

. . . . . .

Está aqui retratada, em parte, a psichologia complicada do escriptor, que tão bem sabia observar o Presente como viver da vida do Passado!

Para prevenir o Futuro é que elle mostrou de sobejo que não dispunha de grandes artes...

São desoito os capitulos ou quadros do livro, todos elles prendendo a attenção dos leitores. Arrancou-os da gelidez dos chronistas para lhes imprimir a vida e o movimento que elles não tinham, ou fosse na linguagem classica de Fr. Luiz de Sousa ou na louvaminhice dos vates e academicos de numero que incensavam interes-

seiramente gentes poderosas. Toca os assumptos com a varinha de condão do seu estylo inimitavel, e esses quadros vêm até nós, como que desdobrando os seus episodios em nossa presença.

São como que verdadeiras apparições das pessoas e das cousas.

Enumeremos:

— *As moscas.*— Verdadeira... monographia historica dos pequeninos alados, que zinem e mordem e sevandijam, mas que regalavam a Heliogabalo, e mereciam o elogio, segundo Bernardes, de Leão Baptista e Luciano.

— *Frades, ursos e o duque de Bragança.* — Descripção da entrada dos franciscanos reformados pela mão d'aquelle Duque D. Jayme, que por adulterio matou a linda esposa Leonor de Medina Sidonia, suspeita de amores com o pagem Alcoforado.

— *O primeiro inquisidor portuguez*, ou seja Diogo da Silva, que foi homem bom, mesmo no exercicio da sua missão ruim.

— *Uma epistola de Garrett e o Porto.*— E' um capitulo em que pela rama se refere o facto que hoje tem mais larga historia: o da cidade do Porto repillir a candidatura do grande poeta, seu titulo de gloria, pelo medonho crime de na primeira juventude haver classificado o Porto de *grande aldeão:*

Em que pensas, amigo, que se occupa
N'este «grande aldeão» que chamam Porto
O teu Garrett amigo?

—O *Mosteiro de Lessa.*—Narrativa do que foi esse mosteiro celebre, transformado em quinta de mau gosto,

onde meninas pintalegretes, em tardes estivaes, vão de folia comprar e comer pecegos e maçans.

—*Fr. João Lopes*, ou seja um frade de Aveiro que foi para a India, muito bonito da sua pessoa, e que deixou a capa do seu pudor nas mãos de uma viuva linda, que embalde o requestava, e que por ella foi mandado envenenar pelo crime de não corresponder aos seus amores.

—*A vida picaresca*.—Biographia de Diogo Camacho, auctor da *Jornada ao Parnaso*, onde lamuriava e pedinchava como Tolentino, mas sem possuir o dom satyrico do celebre mestre de meninos do seculo XVIII.

—*O bispo e a misericordia do Porto*.—Episodio da vida do celebre Bispo Fr. José Maria da Fonseca, que passados quatro annos da sua luzida e triumphal entrada na diocese, por entre riquezas festivas e colgaduras ricas, armou questão de vaidades e melindres, por lhe faltarem com cerimonias, com os mezarios da Santa Casa, excommungando o instituto.

A Misericordia venceu o pleito, mas o Prelado não deixou de passar á historia, cantado por muitos poetas insulsos, que escreviam quasi todos como um famoso Ganhoteiro de appellido, que entre outras cousas da mesma genial inspiração, se sahiu com estas, por onde medem as demais:

Acompanham tambem ao sacro bispo
Muitos particulares cavalheiros,
Um Nicolau de Brito, um Pedro Lobo,
E o nobre João de Sousa e Vasconcellos.

— *O habito de Fr. Diogo*. — Exposição burlesca de uma investida de turcos contra o convento da Piedade,

no Cabo de S. Vicente. Como o seu vigario, Fr. Diogo, se entretivesse na pesca, de companhia com o governador da fortaleza, foi apanhado pelos corsarios, que lhe despiram o habito. Um d'elles envergou-o, e em tal figurino pinchou sarabandas, muito saracoteadas e muito de riso.

— *Os sinceiraes do Mondego.* — Compillação de muitos hymnos e threnos, em prosa e verso, que elles teem merecido a prosadores e poetas.

Por nossa parte tambem já pagámos tributo, dedicando á formosa estancia, entre muitas quadras, a seguinte:

Que até nas plantas, felizes,
Mostras genio creador:
Amam-se pelas raizes,
Procriam, abrindo em flor!

Bem diversas estas rimas das que lhe foram dedicadas por Manuel da Veiga, na *Laura de Anfriso*:

Ditosos os pastores
Que em santa emulação, doce porfia,
Saltam á sombra fria,
Recostados em flores,
Bucolicas canções em teus louvores.

Contraste da espontaneidade sentida de Veiga com o nosso maneirismo declamatorio!

Atravez os tempos, pois que dos pastores já não ha noticias!

— *O Forra Gaitas.* — Capitulo negro, pois que trata do auto da fé em que foi queimado o hebreu Francisco

Gomes Henriques, no seu tempo conhecido pela alcunha referida.

Traslada-se, como documento de alto valor, certificativo da malvadez do processo inquisitorial, a desnaturada sentença que o condemnou.

E lembrar-se a gente que Alexande Herculano deixou escripta esta averiguação:

«Perto de quarenta mil processos restam ainda para darem testemunho de scenas medonhas, de atrocidades sem exemplo, de longas agonias!»

— *Versos a Joanninha e á lua.* — Trata-se de um poeta desconhecido, mas que merece ser lembrado, poeta que nasceu no seculo XVII, quando Portugal era um alfobre de poetas: *Francisco de França e Costa*, auctor do *Jardim de Apollo*, e por ventura avoengo do Conde da Fonte Nova e de seu irmão Salvador da França.

O auctor, com justiça, areja-lhe a memoria litteraria, e traduz-lhe do castelhano umas quadras ainda hoje litterarias, onde figura a que vai ler-se, e que por ahi anda, em toadilha moderna, mais ou menos glosada:

Para render-te quizera
Haver mais reinos que um mappa,
E ter mais almas que o inferno,
Mais indulgencias que o Papa.

— *Aviso aos adulteros* — Historia complicada de um desembargador que casou velho com uma senhora nova e bonita, que se entregou ao primeiro namorado, que morreu cahido de um terceiro andar á rua, quando fugia ao marido perturbador das suas entrevistas.

Pura comedia-drama...

— *Outro aviso.* — Phantasia que o auctor encontrou em Bernardes, que por sua vez a encontrara no *Speculum* de João Mayor, ou seja o episodio pittoresco de um soldado allemão atraiçoar a esposa, sendo transformado, pelo medonho crime, em bicho de metter medo.

Mas confessou as culpas, e regressou á sua fórma natural, mercê de exorcismos e benzeduras.

— *Um sermão de santa Maria Magdalena.* — Annotações a uma oração, de verdade celebre, do dominicano Diogo Ximenes Arias de Alcantara, hespanhol, mas recolhido no convento de S. Domingos, em Bemfica.

Este sermão era o seu enlevo, e por toda a parte onde orava, impingia-o: em Lisboa, em Portalegre e outras terras que elle menciona, sendo entregue á letra redonda no anno de 1554.

E' de curiosidade doutrinal, como se pode ver dos seguintes periodos:

«Queria eu que as mulheres que usam espelhos tomassem o conselho que Socrates dava aos seus descipulos: e era que, se se vissem feios, entendessem em recompensar as falhas do corpo com as formosuras da alma; e, se bonitos, procurassem que no bello corpo não estivesse alma que o afeiasse... A muitos desvaneceu e perdeu a nobreza da carne. A honra e fama é nas pessoas o que a casca é na pera: que sendo cousa tão delgada conserva a fruta em quanto está n'ella, e, tirada, a fructa apodrece em trez horas. Quando vestis um fato novo, nos primeiros dias andaes muito acautelado, remirando onde vos sentais, e fugindo de toda a sujidade; mas, assim que elle principia a surrar-se, já se vos não dá de assento sujo ou limpo, tanto faz que seja estrebaria, como cozinha. Assim, quando trazeis a consciencia

limpa, tudo são cuidados d'ella; eil-a suja, e logo tanto vos faz oito como oitenta. *Item*, quando garrocham um toiro, doem n'elle muito as primeiras varas; mas, quando o carregam, já não sente nenhumas.»

Basta como exemplo, que sem duvida será devidamente apreciado.

— *O que são ventos?* — Curiosidades alegres transladadas de um escripto intitulado — *Fenix das tempestades renascidas no dia 5 de Outubro de 1732, com um discurso sobre a origem dos ventos, composto e ordenado por um anonymo. Lisboa Occidental, na officina de Jose Antonio da Silva, Impressor da Academia Real.*

O auctor assenta a hypothese do anonymo encobrir a pessoa de Antonio Correia de Lemos, *Impressor de livros e gazeteiro do Reino.*

— *Mephistopheles de Maria Antonia.* — Mais um capitulo inquisitorial, ou seja a historia de uma pobre mulher que foi açoitada em Coimbra e degradada para Angola, por ter pacto com o Diabo, que lhe era amante e lhe dictava *recipes* para curativos milagrosos.

— *O meu condescipulo.* — Vida triste do pharmaceutico Francisco Pereira Amorim de Vasconcellos, chimico distincto, magnetisador enthusiasta, que por fim se aborreceu da vida, suicidando-se.

E mais não contém o livro a que nos reportamos nas poucas transcripções que vamos fazer, pois que elle não é de indole a fornecer-nos muitas.

Na epistola de Almeida Garrett, que tanto indignou os seus compatriotas portuguezes. encontram-se

estes dois versos, egualmente feritivos das suas prosapias:

Cockneis, caixeiros, frades ignorantes
Agora lhe deturpam...

Camillo transcreve-os, juntos com outros, e borda sobre elles o seguinte dialogo, que é de saborear-se pela sua muita alegria:

«— *Cockneis* caixeiros! conclamaram os calças de coiro, *cockneis*... quer dizer... que os caixeiros do Porto são...

«— Não senhor, atalhava o mais lido no *Periodico dos Pobres*. Eu digo o que é *cockneis*. E' que elle poz ao p'ra traz, metade da palavra que devia estar na dianteira. A palavra ás direitas é *néyscôcks*. O que elle quer dizer é que os caixeiros do Porto são *Manéis — Côcos*.

«— Appoiado! é isso que elle quer dizer! ulularam os eleitores da rua das Congostas.

«Um aprendiz de inglez, filho de um dos javardos, observou que *cócknéys* caixeiros, queria dizer *caixeiros de Londres*.

«O pae envergonhou-se da sandice do filho, e bateu-lhe com as proprias orelhas na cara.»

De resto, sempre assim se fez politica, mesmo no tocante ao bater com as orelhas na cara dos adversarios.

Mas se assim é a sociedade, a natureza, por sua parte, ás vezes não é melhor.

Ora vejam este periodo:

«A natureza, como fonte de desejos, é má ins-

piradora; vilesce os anhelos, materialisa-os, prende-os a uma certa brutesa de erotismo.»

Fallando dos desilludidos da vida, que voltavam costas ao mundo, amortalhando-se na habito, a proposito de Fernando Rebello, moço da camara de D. João I, que professou em Lessa quando lhe morreu a esposa idolatrada, observa:

«Deos não podia fazer o coração, o amor, a dor, a morte e o aniquilamento. Os homens é que eram capazes de fazer isto. Peior que isto é que não.»

Falla um confessor fazendo estylo:

«Amores da terra que montam? Tanto como a esperança hoje verde, amanhã secca, nunca mais reverdescida, reguem-n'a embora lagrimas de saudade.»

Mas a confessada não attendia, por muito doente do coração. Porque em summa o amor

«... é o peior demonio que os leitores conhecem, demonio que ainda hoje todo o Occeano benzido não affogaria; demonio que faz cantar o rouxinal enamorado e a calhandra sedenta de ninho; demonio que se faz ouvir no rincho dos poldros e na lyra de Anacreonte; demonio que dá convulsões á baleia e abemola o zumbido da abelha.»

Muito bem, afóra a classificação de *demonio* ou *diabo* dada ao amor, que com todos esses hymnos e quebranturas é todo elle uma doce embriaguez das ambrosias celestiaes!

Embora se não conheça a confecção d'estes licores...

FIM DO 1.º TOMO

INDICE

	Pag.
Amor de perdição	25
A mulher fatal	31
A quéda de um anjo	39
Anathema	47
Scenas contemporaneas	55
O retrato de Ricardina	65
O senhor do Paço de Ninães	75
Vingança	81
A bruxa de Monte Cordova	89
Os brilhantes do brazileiro	97
O que fazem mulheres	107
Carlota Angela	115
Agulha em palheiro	121
Coisas espantosas	131
Annos de prosa	137
Lagrimas abençoadas	145
Doze casamentos felizes	153
O Bem e o Mal	159
Vinte horas de liteira	169
A filha do Arcediago	175
A neta do Arcediago	181
O sangue	189

Pag.
Estrellas propicias 194
Lucta de gigantes. 203
O Santo da Montanha 213
As tres irmans 221
O esqueleto 227
Scenas da Foz 237
Estrellas funestas. 247
O Regicida. 253
A filha do Regicida. 259
A filha do Doutor Negro 267
Mysterios de Fafe. 275
O Judeu 283
A douda da Candal 289
A engeitada 295
O olho de vidro 301
Volcões de lama 307
A sereia 313
Cavar em ruinas. 321

PQ
9261
C3Z64
v.1

Castro, Sergio de
Camillo Castello Branco

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 04 07 018 9